



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

ANA RITA CORDEIRO DE ANDRADE

**A CONTRIBUIÇÃO DA LEITURA NO TRATAMENTO DE JOVENS E ADULTOS
USUÁRIOS DE DROGAS NA CLÍNICA DO CETAD/UFBA**

Salvador
2012

ANA RITA CORDEIRO DE ANDRADE

**A CONTRIBUIÇÃO DA LEITURA NO TRATAMENTO DE JOVENS E ADULTOS
USUÁRIOS DE DROGAS , NA CLÍNICA DO CETAD/UFBA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, na linha de pesquisa Produção, Circulação e Mediação da Informação, com o objetivo de obter o grau de mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Isabel de Jesus Sousa

Salvador
2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

A553 Andrade, Ana Rita Cordeiro de.
A contribuição da leitura no tratamento de jovens e adultos usuários de drogas na clínica do CETAD/UFBA / Ana Rita Cordeiro de Andrade. – Salvador, 2012.
182 f. ; 29 cm.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia.

“Orientação: Prof^a. Dr^a Maria Isabel de Jesus Sousa. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação.”

1. Leitura. 2. Leitura terapêutica. 3. Substâncias psicoativas. 4. Drogas - Sociedade. 5. CETAD/UFBA.. I. Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. II. Sousa, Maria Isabel de Jesus. III. Título.

CDU 028 1

ANA RITA CORDEIRO DE ANDRADE

**A CONTRIBUIÇÃO DA LEITURA NO TRATAMENTO DE JOVENS E ADULTOS
USUÁRIOS DE DROGAS, NA CLÍNICA DO CETAD/UFBA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação, pela seguinte banca examinadora:

Maria Isabel de Jesus Sousa (Orientadora)
Doutora em Educação
Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil

Alba Riva Almeida
Doutora em Saúde Pública
Instituto de Saúde Coletiva – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil

Lídia Brandão Toutain
Doutora em Filosofia e Ciência da Informação
Universidade de León, Espanha

Lícia Freire Beltrão
Doutora em Educação
Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil

Maria Yeda F. S. Filgueiras Gomes
Doutora em Ciências da Informação e Comunicação
École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, França.

Salvador, 28 de agosto de 2012.

Dedico:

Aos pacientes da clínica do CETAD/UFBA que, diante de todo o sofrimento que enfrentam pela dependência das drogas, se mostraram fortes, verdadeiras pedras preciosas, como foram identificados neste estudo, para o desenvolvimento da investigação, que me permitiram vivenciar essa experiência.

A meus queridos pais (in memoriam) que, mesmo distantes, estão orgulhosos pelo compromisso e responsabilidade que me ensinaram para alcançar as minhas conquistas, me permitindo seguir a vida com as lições aprendidas com muito amor e carinho.

Aos filhos, Felipe e Matheus, pela compreensão, força e carinho que me proporcionaram nas horas mais necessárias.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus, pela oportunidade de me permitir vivenciar essa experiência e o aprendizado.

A minha querida família, que sempre acreditou nos meus sonhos e me deu todo o apoio para torná-los realidade.

A José Marcelo Rizério do Carmo, que, pacientemente, esteve, direta ou indiretamente, a me incentivar na escuta da minha angústia e, gentilmente, sempre buscou me apoiar mesmo nas suas horas de silêncio.

A Maria Isabel, minha orientadora, que acreditou no meu trabalho e pôde, com muita tranquilidade, me conduzir nas minhas inquietações.

Aos meus professores do Instituto de Ciência da Informação, por me ensinarem a trilhar os caminhos do processo da pesquisa, pulando pedra sobre pedra, fazendo-me entender o processo de investigação.

À amiga Regina Ferreira Pinto, com quem pude compartilhar os meus momentos de incertezas e tristezas e que, sempre carinhosamente, esteve disponível a me escutar como parceira na luta e nos sonhos.

A Dr. Antonio Nery Filho, pela sensibilidade e grandeza de um dia ter se preocupado com a dor dos usuários de drogas e ter tido a iniciativa de implantar o CETAD para acolher estas pessoas com todos os seus sofrimentos; e por me permitir realizar esse estudo neste Centro.

A Dr. Luiz Alberto Tavares, que, com todo o seu profissionalismo e a dedicação aos seus pacientes, gentilmente, sempre esteve à disposição para me orientar e incentivar o desenvolvimento do estudo com este público especial, o usuário de drogas, sem poupar esforços para que eu chegasse até aqui.

A Dr. George Hamilton Gusmão, coordenador da clínica do CETAD/UFBA, e a Dra. Thereza Pithon, psicóloga desta clínica, o meu obrigado especial por, no meu momento de dor, me acolherem com muita dedicação, amor e carinho, aliviando o meu sofrimento, permitindo-me, assim, avançar neste estudo; também pela confiança de Dr. George Gusmão ao permitir o meu acesso aos prontuários dos pacientes para complementar os dados da pesquisa.

A Marlize Rêgo, pelas suas precisas contribuições e todo incentivo.

A todos os técnicos da clínica, pelo esforço e dedicação que fazem o trabalho desta clínica acontecer de forma brilhante e que, direta ou indiretamente, contribuíram com este estudo.

A Mônica Coutinho, pelo apoio nas revisões do trabalho, pelas palavras de apoio e que, mesmo estando muito ocupada, sempre se colocou à disposição para ajudar.

A Ana Cláudia Portella, pela amizade forte que nunca poupou esforços para ajudar, sempre, com muito cuidado e carinho.

A Charly Barberino, pela troca de ideias e pela amizade rara.

Aos meus amigos, pelo carinho e incentivo em toda a caminhada.

A realização deste trabalho só foi possível, porque pude contar com vocês!

MUITO OBRIGADA!

RESUMO

O presente trabalho aborda a leitura como um mecanismo capaz de trazer benefícios aos sujeitos em tratamento do uso abusivo de substâncias psicoativas. É caracterizado como um estudo de caso de natureza qualitativa, baseando-se na obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo com o objeto do estudo. O objetivo da pesquisa é investigar a contribuição da leitura no tratamento de jovens e adultos usuários de drogas na clínica do Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas (CETAD/UFBA). Quanto ao procedimento metodológico, utilizou-se como técnica de coleta de dados: observação direta, entrevistas semiestruturadas, questionários e pesquisa documental. Os dados foram organizados em categorias temáticas e sistematizados através da análise de conteúdo; o resultado da análise dos dados evidenciam que a leitura é uma estratégia de acolhimento que contribui no tratamento dos usuários de drogas, auxilia a externalização de sentimentos, aumenta a autoestima, possibilita reflexões, traz motivação, encoraja a mudança de comportamento e faz com que os participantes encontrem significados, de acordo com o próprio contexto, sendo, assim, um auxílio no tratamento. Constatou-se que as ações desenvolvidas pela leitura efetivamente podem contribuir no tratamento, pois os pacientes responderam positivamente a esta técnica, como confirmam os dados obtidos na investigação. Conclui-se, portanto, que a leitura terapêutica de desenvolvimento foi utilizada como uma técnica exitosa no estudo, pois trouxe mudanças significativas aos respondentes, auxiliando - o assim no tratamento destas pessoas que, por algum motivo, foram seduzidos pelo uso das drogas.

Palavras-chave: Leitura. Leitura terapêutica. Substâncias psicoativas. Drogas – Sociedade. CETAD/UFBA.

ABSTRACT

This study approaches reading as a mechanism that is capable to bring benefits to people who are submitted to treatment due to psychoactive-substances abusive usage. It is characterized as qualitative-natured case study, based on obtaining descriptive data through direct and interactive contact with its object and has as objective the investigation of contribution of reading in the treatment of youngster and adult drug users at the clinic of the Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas CETAD/UFBA. As for the methodological proceeding, data collection was made through direct observation, semi-structured interviews, questionnaires and documental quest. Data were organized in theme categories and analyzed by means of analysis of content. Data show that reading is a welcoming strategy that contributes in the treatment of drug users, it supports feelings externalization, it arises self-esteem, it makes reflection a possible factor, it brings motivation, it encourages behavioral changes, providing patients to find meanings according to their own context, thus being reading an aid during the treatment. It was found that activities realized through reading contribute, indeed, for treatment since patients responded positively to this technique, also confirmed by other involved professionals feedbacks. Thus, it is possible to conclude that therapeutic development reading was utilized as a successful technique because it brought significant changes in the treatment of these people who, for some reason, were seduced by drug appeal.

Keywords: Reading. Therapeutic reading. Psychoactive-substances. Drugs – Society. CETAD/UFBA.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Caracterização dos informantes participantes do estudo	112
Quadro 2	Textos trabalhados nas sessões de leitura	113

LISTA DE SIGLAS

ABAPEQ	Associação Baiana de Apoio à Prevenção, Terapia, Estudo e Pesquisa do Abuso de Drogas
CAFB	Certificado de Aptidão às Funções de Bibliotecário
CAP. DV	Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual
CBIA	Centro Brasileiro para a Infância e Adolescência
CEBRID	Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas
CETAD	Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas
DASP	Departamento Administrativo do Serviço Público
EBD	Escola de Biblioteconomia e Documentação
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ETS	Estimulantes de tipo anfetamínico
FAMED	Faculdade de Medicina da Bahia
FBN	<i>Federal Bureau of Narcotics</i>
FUNABEM	Fundação Nacional pelo Bem-Estar do Menor
GAIA	Grupo de Atenção e Investigação da Adolescência
IGHB	Instituto Geográfico e Histórico da Bahia
ISMAC	Instituto Sul-matogrossense para Cegos “Florivaldo Vargas”
LSD	Dietilamida de Ácido Lisérgico
MDMA	Metilendioximetanfetamina
ONU	Organização das Nações Unidas
PMS	Prefeitura Municipal de Salvador
SCIB	Serviço Central de Informação Bibliográfica
SENAD	Secretaria Nacional de Políticas Anti-Drogas
SESAB	Secretaria de Saúde do Estado da Bahia
SESI	Serviço Social da Indústria
SJDH	Secretaria da Justiça e Direitos Humanos
SNC	Sistema Nervoso Central
SPAs	Substâncias psicoativas
THC	Tetra-hidrocanabinol
UFBA	Universidade Federal da Bahia

UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
ZDP	Zona de Desenvolvimento Proximal
ZDR	Zona de Desenvolvimento Real

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 A BIBLIOTECA E SEUS MOVIMENTOS	18
2.1 OFICINAS DE LEITURA	19
3 MOMENTOS DE LEITURA	25
3.1 OUTRO OLHAR SOBRE A LEITURA	41
4 BIBLIOTERAPIA: CONCEITOS E FUNDAMENTOS	47
4.1 A BIBLIOTERAPIA COMO CAMPO DE TRABALHO DO BIBLIOTECÁRIO ..	55
5 DROGAS NA SOCIEDADE	68
5.1 CLASSIFICAÇÃO DAS DROGAS	70
5.1.1 Depressores	70
5.1.2 Estimulantes	72
5.1.3 Perturbadores (alucinógenos)	73
5.2 SITUAÇÃO DAS DROGAS NO BRASIL	74
5.3 ADOLESCÊNCIA – DROGAS	81
5.4 DROGAS – DEPENDÊNCIA	85
6 PERCURSO METODOLÓGICO	89
6.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	89
6.2 ESPAÇO DE INVESTIGAÇÃO	90
6.3 SUJEITOS DA PESQUISA	93
6.4 PROCESSO DE COLETA E REGISTRO DOS DADOS	95
6.4.1 Primeiro Encontro de Leitura: <i>Os músicos de Bremen</i> , dos Irmãos Grimm	100
6.4.2 Segundo Encontro de Leitura: <i>A lagartixa e a borboleta</i> , de Marlene B. Cerviglieri	101
6.4.3 Terceiro Encontro de Leitura: <i>Eu sei mas não devia</i> , de Marina Colassanti	101
6.4.4 Quarto Encontro de Leitura: <i>Palco da vida</i> , de Fernando Pessoa	102
6.4.5 Quinto Encontro de Leitura: <i>O pote rachado</i> , de Paula Pezzi	104
6.4.6 Sexto Encontro de Leitura: <i>Um brinde à vida</i> , de Clarice Lispector	106
6.4.7 Sétimo Encontro de Leitura: <i>A estrela e a vela</i> , de Yvete Amaral	108

7 APRESENTAÇÃO DOS DADOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	111
7.1 CATEGORIAS TEMÁTICAS	114
7.1.1 Leitura e Expressão de Sentimentos	114
7.1.2 Mudança de Comportamento	117
7.1.3 Leitura e Reflexão	121
7.1.4 Leitura e Autoestima	128
7.1.5 Leitura: Produção de Sentidos	131
7.1.6 Leitura e Motivação	137
7.2 HISTÓRIAS QUE SE RECONSTROEM A PARTIR DE OUTRAS HISTÓRIAS	142
CONSIDERAÇÕES FINAIS	146
REFERÊNCIAS	149
APÊNDICES	
APÊNDICE A TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E DECLARADO	159
APÊNDICE B INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS – ENTREVISTA INICIAL	160
APÊNDICE C INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS – ENTREVISTA FINAL	162
APÊNDICE D QUESTIONÁRIO TÉCNICO DA CLÍNICA	165
ANEXOS	
ANEXO A PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA	167
ANEXO B OS MÚSICOS DE BREMEN, dos Irmãos Grimm	168
ANEXO C A LAGARTIXA E A BORBOLETA, de Marlene B. Cerviglieri	171
ANEXO D EU SEI, MAS NÃO DEVIA, de Marina Colasanti	173
ANEXO E PALCO DA VIDA, de Fernando Pessoa	175
ANEXO F O POTE RACHADO, de Paula Pezzi	177
ANEXO G UM BRINDE À VIDA, de Clarice Lispector	178
ANEXO H A ESTRELA E A VELA, de Yvete Amaral	179
ANEXO I OS TRÊS PORQUINHOS, leitura infantil	181
ANEXO J O LOBISOMEM, leitura infantil	182

1 INTRODUÇÃO

A leitura pode ser apontada como um fator essencial no exercício da cidadania, dos direitos civis, políticos e sociais, como um fator de democratização, igualdade e liberdade, na medida em que enfatiza o direito de participação na construção de uma sociedade mais justa, mais igualitária e mais participativa. A eficácia da leitura no desenvolvimento da humanidade se destaca como um elemento vital para o progresso, na medida em que se torna viável compreender o passado, se situar no presente e trazer expectativas e novas ideias para o futuro.

No cenário mundial, a leitura tem importante papel tanto no combate à miséria quanto no que diz respeito à dominação dos estados depressivos e patológicos do homem. Não surpreende, portanto, que seja utilizada na Medicina, na Psiquiatria e em outras áreas. Através do contato com os livros, reafirmam-se a consciência, o interesse e a capacidade para interagir com o mundo moderno. A leitura informa e emociona, trazendo senso crítico e desejos.

Estudos comprovam que experiências desenvolvidas com crianças, no contexto do câncer infantil (PINHEIRO, 2001), podem auxiliar na superação de problemas emocionais; em alguns hospitais, a preparação do doente para a terapia é feita através da leitura programada; sabe-se, também, que a leitura utilizada em casas correccionais se tornou um elemento útil para a ressocialização do carcerário, na sua preparação para o retorno à sociedade (NEGROMONTE, 2007); e, ainda que a adaptação à vida hospitalar pode ser apoiada pela participação em grupos de leitura que visam promover o contato entre pacientes, proporcionando-lhes oportunidade de comunicação (CERIBELLI, 2007). A leitura é, portanto, um convite amável para adentrar a porta do conhecimento, da imaginação, da criatividade e do prazer.

Os estudos demonstram, ainda, que muitos pacientes fazem alusão a livros no decorrer da terapia, estabelecendo comparações entre atitudes de personagens e as suas próprias. A leitura terapêutica de desenvolvimento, uma técnica que utiliza livros e outros suportes de leitura como um recurso auxiliar terapêutico, pode ser aplicada pelos profissionais da área de biblioteconomia, educação, saúde e outros, e é particularmente indicada para aquelas pessoas que, por algum motivo, tiveram a sua liberdade limitada. Durante a terapia, para cuja evolução muito contribui o estado emocional do paciente, pode-se manter boas condições psicológicas com a ajuda de livros intencionalmente escolhidos. Assim, a

leitura pode ser, também, uma estratégia positiva no auxílio ao tratamento do usuário de drogas.

O consumo de drogas se transformou, nas últimas décadas, em uma preocupação mundial, pois, embora seja impossível determinar com precisão o número exato de pessoas que usam drogas, os especialistas acreditam que milhões de indivíduos, em todo o mundo, tenham se envolvido com o uso de substâncias psicoativas.

Não existe sociedade sem drogas. Na história da humanidade não há uma cultura que não tenha recorrido ao uso das substâncias psicoativas com as mais variadas finalidades. As drogas podem ser perigosas, mas também exercem algum fascínio, sendo capazes de mudar a percepção de quem as usa e vindo a ser um elemento tanto de inclusão quanto de exclusão. Na atualidade, as frequentes notícias sobre a apreensão de drogas ou sobre perturbações resultantes do consumo revelam a atenção que tem sido dada a este assunto, fazendo parecer que o uso de drogas é somente um fenômeno da atualidade. As drogas na atualidade angustiam e preocupam a sociedade, muitas pessoas querem condenar o seu uso, exigir medidas preventivas, pedir punições mais severas para os envolvidos, na tentativa de doutrinar a juventude, mas a realidade é que o seu consumo se alastra entre os jovens.

A cidade de Salvador lidera o consumo excessivo de álcool entre estudantes da rede pública. Em um universo de 1.570 estudantes dos ensinos médio e fundamental, na rede pública soteropolitana, 8,8% dos entrevistados faziam o chamado uso pesado do álcool, significando que este percentual de jovens usou a droga vinte ou mais vezes nos trinta dias que antecederam a pesquisa. Os dados foram levantados pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), em 2004, com o objetivo de subsidiar políticas públicas e orientar ações governamentais e não governamentais para a resolução de problemas relacionados às drogas.

Estatísticas impessoais, entretanto, ainda que sejam conhecidos referenciais precisos, não transmitem a dimensão da dor e a angústia sofrida pelas pessoas cujas vidas são arruinadas pelo vício da droga e não evidenciam a desintegração das sociedades presas ao tráfico. Os indicadores são graves e é preciso agir para tentar transformar esta dura realidade, criando mecanismos capazes de despertar uma consciência crítica que leve os jovens e adolescentes a entenderem melhor os seus problemas e a não se envolverem com o mundo das

drogas. Neste contexto, a leitura pode surgir como uma proposta para se envolver e interferir nesta realidade, fortalecendo os usuários de drogas para que possam entender melhor seus conflitos, promovendo transformação social.

A certeza da leitura como elemento de transformação social foi vivenciada pela pesquisadora quando, ao final do Curso de Graduação em Biblioteconomia e Documentação, estagiou na Biblioteca Pública Infantil Monteiro Lobato, do Estado da Bahia, trabalhando com uma proposta de incentivo à leitura de forma prazerosa, que lhe permitiu perceber as significativas mudanças que a leitura proporcionava às crianças que frequentavam aquele lugar, tais como a elevação da autoestima, a desenvoltura na fala, na escrita e um maior interesse pela leitura. Após o término do estágio obrigatório, que lhe propiciou significativas experiências, foi convidada pela direção para coordenar o espaço de leitura da Biblioteca.

Foi gratificante e oportuno o convite recebido naquele momento para continuar trabalhando a leitura com os jovens, desde os clássicos de Monteiro Lobato aos textos – mais simples, porém, muito importantes e valorizados –, produzidos por eles mesmos. Era fácil perceber em cada olhar o orgulho, a alegria e a satisfação na realização de cada atividade proposta no grupo.

Com a continuação do desenvolvimento do trabalho nesse espaço, procurou-se estruturar melhor as atividades para despertar, no dia a dia de cada um, o gosto e o desejo pela leitura como uma forma de lazer e diversão. Foi, então, organizado o Cesto da Leitura, onde ficavam os livros mais solicitados e onde eles podiam escolher as histórias favoritas e desenhar os personagens com os quais se identificassem. Ali aconteciam os debates, quando as crianças deveriam explicar o porquê da história e do personagem. Percebia-se a criatividade dos participantes, o desenvolvimento do senso crítico e a consequente melhora na interpretação dos textos. Outra atividade muito importante que entusiasmava os jovens era a Roda de Música, uma dinâmica que consistia em ouvir as canções e interpretar as mensagens por elas transmitidas.

Novos rumos surgiram no caminho profissional, mas, vez por outra, surgia a vontade de repetir aquela atividade com outros grupos, pois é inegável que a leitura é importante em qualquer momento da vida em que o indivíduo se encontra. O ingresso na Universidade Federal da Bahia (UFBA), como servidora, oportunizou à pesquisadora trabalhar no Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas (CETAD) onde começou a vivenciar e conhecer de perto a dor e o sofrimento de

pessoas que se envolveram com o uso abusivo de substâncias psicoativas (SPAs) e buscavam tratamento neste espaço.

Tendo como base essas informações, o tema a ser aqui investigado é a contribuição da leitura terapêutica de desenvolvimento no tratamento de jovens e adultos usuários de drogas em tratamento na clínica do Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas (CETAD)/UFBA, a partir da seguinte questão: A leitura contribui no tratamento de jovens e adultos usuários de drogas, na clínica CETAD/UFBA?

Partindo da premissa de que a leitura contribui no tratamento dos usuários de drogas, o objetivo geral deste trabalho é investigar a contribuição da leitura no tratamento dos jovens e adultos usuários de drogas na clínica do CETAD/UFBA, tendo como objetivos específicos:

- a) caracterizar a população dos respondentes da pesquisa;
- b) descrever as atividades desenvolvidas com as sessões de leitura; e
- c) analisar o conteúdo dos relatos dos participantes, na perspectiva de identificar as contribuições da leitura no tratamento.

A fundamentação teórica teve como base autores que defendem a leitura nos diversos espaços, como forma de educar, informar, de prazer, recreação e lazer, podendo auxiliar nas questões emocionais dos indivíduos, bem como autores que abordam a temática das drogas, envolvendo os diferentes aspectos na sociedade.

Trabalhou-se nos procedimentos metodológicos desta pesquisa qualitativa descritiva, com uma amostragem por escolha respaldada na indicação do psicólogo e do psiquiatra de cada paciente. Na coleta de dados, foram utilizadas as técnicas de pesquisa bibliográfica e documental, a pesquisa de campo, entrevistas e questionários semiestruturados além da observação direta. Essa diversidade de técnicas permitiu incluir fragmentos dos relatos das falas dos sujeitos implicados na pesquisa para a análise dos resultados.

O presente trabalho está estruturado em sete seções: na primeira seção, apresenta-se “A biblioteca e seus movimentos”; na segunda, os momentos de leitura; a terceira traz os conceitos e fundamentos da biblioterapia; na quarta seção, apresenta-se as drogas e a sociedade e as implicações do uso na adolescência; na quinta seção, aborda-se o percurso metodológico; na sexta seção são apresentados os dados e a discussão dos resultados; e, finalmente, as considerações finais.

2 A BIBLIOTECA E SEUS MOVIMENTOS

O CETAD/UFBA, ao longo de 25 anos de trabalho, se tornou uma instituição de referência nacional pelo atendimento que oferece aos usuários de drogas e seus familiares, como, também, pelas múltiplas intervenções que realiza junto à comunidade baiana no campo da atenção ao uso e abuso de substâncias psicoativas. Nos últimos anos, tem implementado suas ações na área do ensino de graduação e pós-graduação, levando mais adiante seus pressupostos fundadores, ou seja, a articulação de um saber com a prática e a pesquisa clínica aliadas à contribuição da pesquisa socioantropológica.

A vocação institucional do Cetad para a pesquisa e o ensino, nessa articulação permanente da Universidade e sua extensão, através de ações comunitárias, suscitou a criação do Núcleo de Documentação e Produção Editorial que tem como finalidade o cuidado e a ampliação do acervo documental da instituição bem como o incentivo à produção dos seus técnicos, buscando divulgar uma prática institucional singular, que não cessa de se reinventar, e a disseminação da informação especializada. Este Núcleo tem como principais linhas de atuação a Biblioteca e o Comitê Editorial.

A biblioteca do CETAD é especializada na área de toxicomania e ciências afins. Constitui-se, hoje, em lugar de referência, no que diz respeito às questões relacionadas com as substâncias psicoativas. É bastante requisitada e atende, principalmente, aos técnicos e estagiários do CETAD, a estudantes do nível fundamental e médio dos estabelecimentos de ensino da rede pública e privada, a estudantes universitários, estudantes de pós-graduação e pesquisadores, a pacientes do CETAD e, ainda, a pessoas da comunidade em geral interessadas em obter informações a respeito das drogas e ciências afins.

Atuando na biblioteca do CETAD, foi possível perceber que, além de gerenciar o Centro de Documentação Especializado em Toxicomanias e Ciências Afins, havia a possibilidade de realizar oficinas de leitura como um espaço de voz, de expressão do sujeito, um espaço em que não há privilégios entre os diversos profissionais, em que todos são colaboradores em um mesmo nível de integração e dignidade e todos os serviços se somam para prestar um atendimento de qualidade à comunidade.

2.1 OFICINAS DE LEITURA

Ao levar o livro para as pessoas, estamos ajudando elas a viver melhor. A leitura é uma vacina contra as desigualdades, a insensibilidade, contra a maior escuridão que rodeia o ser humano, ou seja, o desconhecimento, a ignorância. (FREIRE, 1988).

Assim, no segundo semestre de 2005, surgiu o convite do Coordenador do Grupo de Apoio e Investigação da Adolescência (GAIA) para um trabalho integrado com a biblioteca, na realização das oficinas de leitura, como uma forma de ajudar jovens e adolescentes que, por variados motivos, se envolveram com o uso abusivo das substâncias psicoativas e buscavam tratamento na clínica do CETAD/UFBA. A proposta destas atividades com a leitura tinha como objetivo a reflexão, o prazer, a valorização, o encorajamento e a melhora da autoestima destes sujeitos.

No começo da oficina de leitura, houve alguma resistência desse público para frequentar o espaço. Eles preferiam participar de outras oficinas que estavam sendo realizadas, como yoga, dança, música, bijuteria e fotografia, pois, equivocadamente, pensavam que a oficina de leitura seria inflexível, semelhante às leituras que acontecem em salas de aula. A alternativa encontrada para tal situação foi a mudança do nome, de “Oficina de Leitura” para “Oficina de Audiovisual” e, a partir desta estratégia, os pacientes começaram a se inscrever para a atividade. Assim, foi possível trabalhar a leitura inicialmente planejada, isto é, de forma ampla, como ler o livro e ver o filme, escutar a música e interpretar a letra, observar os objetos e fazer sua própria leitura, ou ler poesia e charges na Internet, além de debates.

No início da Oficina de Audiovisual, eles não sabiam ao certo quais as atividades que ali aconteceriam e estavam um pouco preocupados com o que iriam fazer naquele espaço, mas, com o desenvolvimento das atividades logo perceberam que iríamos “brincar” com a leitura nos diversos formatos. Este era o momento de incentivar, de estimular estes jovens à leitura de forma prazerosa.

Então, nesse momento de muitas curiosidades, aconteceu um bate-papo de apresentação do grupo, que foi realizado com muita descontração. Após este primeiro diálogo, selecionamos palavras de revistas e as recortamos para criar frases com o sentimento e a percepção daquele momento. No final, foi realizada a

leitura compartilhada das frases com o objetivo de perceber o nível de leitura dos participantes. Este era o primeiro momento de verificação da intimidade que estes jovens tinham com a leitura e de como eles pensavam a leitura em suas vidas.

Após a percepção do nível e das preferências de leitura do grupo, eles falaram da leitura no seu processo de escolaridade. Lembranças positivas e negativas foram colocadas. Alguns falaram da obrigatoriedade de ler em sala de aula mesmo sem dominar o texto, o que causava muito constrangimento e, até, que tentavam se esconder para não serem solicitados. Esta dificuldade em sala de aula se refletia nas notas, já que muitos decoravam o conteúdo, menosprezando a compreensão do texto que lhes traria o verdadeiro conhecimento.

Assim, com muito cuidado, acontecia o planejamento das atividades de leitura para trabalhar com aqueles jovens e adolescentes acolhidos no CETAD para tratamento do uso abusivo de substâncias psicoativas. Apesar deste cuidado, nem sempre era possível realizar o que tinha sido programado, pois, acontecia, às vezes, que um dos participantes não estivesse bem naquele dia, sentindo-se ansioso, nervoso ou depressivo, seja pelo uso das drogas, pelo processo de abstinência ou, ainda, por adaptação a alguma medicação prescrita pelo médico. Era, então, necessário o olhar atento para buscar outra atividade que fosse mais adequada no momento para acolher aquele que necessitava de um cuidado mais específico e envolver os outros participantes, na colaboração destes momentos imprevisíveis, o que, de certa forma, fazia com que os mesmos percebessem a importância de entender o momento difícil do outro e soubessem que são capazes e podem ajudar aquele que precisa.

Essa compreensão em relação ao comportamento dos pacientes se fez possível devido às reuniões técnicas, que aconteciam uma vez por semana, com uma equipe multidisciplinar composta por psicanalista, psiquiatra, psicólogo e psicopedagoga, em que o processo de desenvolvimento do trabalho na oficina, que tinha sido cuidadosamente registrado, era relatado para a equipe, que orientava a respeito das diversas questões relacionadas às toxicomanias, à situação de cada paciente bem como indicava referências para leitura. Havia, também, como forma de capacitação, a oportunidade de participar dos seminários e fóruns realizados na área das toxicomanias.

As atividades na Oficina sempre tinham início com a leitura do texto. Certo dia, como, propositalmente, não havia o texto impresso para leitura, os

participantes logo perguntaram: – *Cadê o texto?*, ao que foi respondido: – *Hoje não temos texto, vamos fazer outra atividade interessante.* Um dos participantes disse: – *É muito bom poder ler, pensar, interpretar e observar o que os colegas falam para depois debater. Não tem graça fazer a oficina sem texto.* Começamos, então, a fazer uma seleção de palavras e construímos o texto “surpresa”, compartilhado por todos aqueles que se dispuseram a participar do processo de construção; os que não participaram dessa atividade fizeram desenhos, que foram usados para ilustrar a estória.

No final, o resultado da atividade ficou muito interessante e foram feitos os comentários a respeito, o que nos permitiu verificar, com maior certeza, que a leitura fazia tanto bem àqueles jovens e adolescentes, que parecia até que tinham usado remédios que aliviavam suas tensões, deixando-os estimulados a falar, sorrir, brincar e, até, a sentir falta do texto impresso para leitura.

A leitura terapêutica mediatizada pelo livro e pela interpretação pode ser considerada como uma terapia do diálogo, um diálogo biblioterapêutico, que não é o simples diálogo, mesmo bem sucedido, em que cada um fala e escuta em atitude de respeito mútuo. “A particularidade do diálogo biblioterapêutico é a presença, entre os parceiros do diálogo, de um texto, de um livro, de um objeto de arte, de um objeto simplesmente, a ser comentado e interpretado”, diz Marc-Alain Ouaknin (1996, p. 152).

Esse foi um período enriquecedor para ambas as partes: os participantes puderam se aproximar da leitura sem obrigatoriedade, de forma tranquila e alegre com a implicação de uma percepção crítica e interpretativa do que era lido.

Em 2006, foi convidado um artista plástico para fazermos juntos a oficina que teve, novamente, o seu nome modificado, desta vez para “Oficina de Artes Visuais” dando prosseguimento às atividades de leitura que já vinham sendo realizadas, somadas, agora, às artes visuais. Mais uma vez, no primeiro momento, houve resistência dos participantes para a aceitação deste profissional nas atividades, por se dizerem incomodados com a presença daquele estranho no espaço, mas, aos poucos, com muito cuidado, ele conseguiu adquirir a confiança daqueles jovens e adolescentes que, depois de algum tempo, perceberam a força da parceria entre a leitura e as artes visuais, aceitando o trabalho com muito entusiasmo.

A partir daí, a leitura ficou bastante dinâmica, pois a prática das artes visuais trouxe várias técnicas de representação, tais como o desenho, a pintura, a colagem e as impressões gravadas, a serem desenvolvidas juntamente com a leitura. Os resultados obtidos nestas práticas construtivas foram fixados em ações públicas visando construir um diálogo com a cidade.

A aplicação prática da leitura e das técnicas de artes visuais trabalhou a representação e a codificação do símbolo da “caverna” como análogo à casa, à família, escola, trabalho e sociedade, e o “bicho”, como símbolo dos impulsos internos e individuais. Em determinado momento, o bicho selecionado para trabalhar foi a vaca e, a partir daí, eles realizaram várias pesquisas e começaram a criar representações deste animal, inicialmente utilizando papel ofício e papel metro e, em seguida, impressões em azulejos. No momento seguinte, os pacientes foram incentivados a pesquisar a biografia de alguns artistas plásticos.

Para finalizar essa atividade, foi realizado um evento que consistiu em afixar os azulejos nos postes e muros do bairro. O grupo foi dividido em dois: um grupo saiu para fixar os trabalhos enquanto o outro ficou em um “stand de pintura” organizado por eles mesmos de onde convidavam os transeuntes que passavam para participar daquele momento, ensinando-lhes as técnicas de pintura no azulejo. Esta atividade foi desenvolvida com alegria e satisfação e de forma organizada pelos participantes da oficina.

Em outra oportunidade, foi solicitado que cada participante escolhesse um tema para iniciar a pesquisa, como, por exemplo, o aborto, a família, os amigos, e eles eram incentivados a explanar para o grupo o tema de sua escolha. Depois, buscavam aprofundar o conhecimento sobre a temática escolhida através da pesquisa em livros e revista. Após a realização da pesquisa, foi o momento de passar a mensagem para as telas. Eles receberam o papel de sapateiro, massa corrida e pincéis para preparar o suporte e tudo foi revelado na tela através da pintura.

Ao final da pintura das telas, foi organizada uma “caverna” para a exposição dos trabalhos, em um espaço público da cidade, com a presença da mídia local. Foram convidados familiares e amigos dos participantes para prestigiarem o evento. Os autores dos trabalhos orientavam o público na exposição, alguns falavam sobre seus trabalhos e davam autógrafos. Foi um momento importante na vida destes jovens, que demonstravam autoestima elevada, muita alegria e emoção junto

com seus familiares. Foi possível perceber que quando se tem oportunidade e incentivo é possível mostrar capacidade e talento.

Em 2007, um grafiteiro foi convidado para trabalhar junto com a leitura. Era o momento de entender e dialogar um pouco com a arte de rua. Começamos a trabalhar com textos sobre a necessidade de cuidar e preservar a nossa casa maior, ou seja, o meio ambiente. Depois, fomos para as ruas observar os buracos nas calçadas, as praças, as árvores, os bueiros entupidos e os lixos espalhados no chão. Após o processo de observação dos espaços no bairro e a leitura de diversos textos, aconteceram vários debates e leituras sobre a importância da reciclagem a partir dos quais o lixo foi escolhido como eixo principal para iniciarmos a produção do grafite. Saíamos, então, pelas ruas, recolhendo caixas de papelão, caixotes de frutas de madeira, garfos, garrafas plásticas e outros materiais. Tudo o que parecesse interessante e despertasse o gosto dos participantes era recolhido e levado para o espaço da oficina para ser discutido, registrado e grafitado.

Depois de aprenderem várias técnicas da arte de rua, chegou o momento de utilizar os objetos recolhidos no lixo como suporte para grafitar. Foram confeccionados vários objetos de arte, como abajures de latas, armários de caixote, bonecas e carrinhos de garrafas, roupas estilizadas com grafite – camisetas, calças jeans, chapéus, saias e bolsas – alguns dos quais foram expostos na decoração das salas do CETAD; também o muro interno deste espaço foi grafitado com tinta spray pelos participantes.

Em 2008, a oficina retomou o seu primeiro nome “Oficina de Leitura”, desta vez com a presença de um psicólogo, o coordenador da clínica deste Centro. Iniciamos as atividades com a leitura de crônicas, poesias, livros de ficção e outros textos. Depois das leituras, aconteciam os debates, a partir de onde o texto tivesse tocado, particularmente, a cada pessoa. Utilizávamos o método da leitura individual e compartilhada sendo bastante estimulada a escrita. Os participantes levavam os livros emprestados para o fim de semana e, nas oficinas seguintes, eles eram comentados e debatidos com o grupo.

Atualmente, acontece a leitura livre no mural, em que é selecionado um texto interessante de algum autor, que é escrito em letras “garrafais”, emoldurado para chamar a atenção e afixado no mural junto com papéis e caneta, para eles escreverem, e uma caixa bastante decorada em que poderão colocar seus comentários. Além disso, apresenta-se uma mensagem sugerindo que, caso o texto

os tenha tocado de alguma forma, se desejarem, eles podem opinar, comentar por escrito (para isso, os papéis e caneta) e então colocar na caixa; e, ainda, se tiverem interesse no texto, podem pegar uma cópia na Biblioteca.

Essa atividade tem dado um resultado satisfatório: muitas pessoas que estão na sala de espera para atendimento, assim como mãe, pai, filhos(as), esposos(as), qualquer pessoa que esteja acompanhando algum ente querido e, até mesmo, os técnicos do Centro, têm lido as mensagens e tanto têm feito comentários escritos e colocado na Caixa, como têm comparecido à biblioteca para solicitar a cópia do texto, continuando ali a se expressarem sobre esta leitura. Aproveitamos esta atividade e organizamos as mensagens em arquivo digital, como um relato de campo, e foi a partir desta vivência que surgiram as inquietações e o desejo de investigar o efeito da leitura sobre esses jovens e adultos que ali estavam para buscar tratamento e que podem manter diálogo com uma leitura que possa dar sentidos para as suas vidas.

3 MOMENTOS DE LEITURA

A abordagem do presente estudo é compreendida não só como a leitura da escrita, mas também das múltiplas expressões de linguagem do fazer humano que se revelam através dos sentidos, da emoção e da razão, como afirma Pinheiro (2001, p. 23): “Ler significa reler e compreender, interpretar. Isso faz da leitura sempre uma releitura e nos proporciona registrar e interpretar aspectos da esfera do simbólico”, portanto, encontrar sentido naquilo que o texto diz, conforme a subjetividade do sujeito.

O ato de ler possibilita a reflexão e está relacionado com o símbolo. É através da decodificação do símbolo que o indivíduo exerce o ato da leitura, aqui entendida em uma dimensão mais ampla em que se atribui sentidos e significados e que pode ser utilizada de maneiras diferentes tanto para a escrita como para a oralidade, sendo possível a leitura da linguagem de qualquer natureza. Como revela Freire (1987, p. 12), o alcance da compreensão da leitura crítica do texto implica a percepção das relações entre o texto e o contexto, logo, pode-se falar em leitura de oralidade, de um movimento e de um texto escrito, sendo, para isto, necessário, conhecer o contexto lido.

Os famosos desenhos das cavernas pré-históricas foram a primeira forma de história em quadrinhos que o homem fez: eram um ensaio, uma forma de leitura e comunicação para controlar magicamente o mundo através da linguagem, pois, por meio dela, pode-se descrever, sistematizar e comunicar os significados dos fenômenos (GAIARSA, 1970, p. 115). Na sua cultura, o homem adquire o conhecimento e o aprendizado que lhe são passados por meio de crenças, dos direitos e dos valores morais da sociedade à qual pertence. Este processo de interação se dá na relação com outras pessoas, no contato com a cultura já constituída e nas atividades que ele realiza neste meio pelo viés da linguagem

À medida que o homem evolui nesse processo de representação, pode-se afirmar que a leitura está interligada à escrita, que é representada por “[...] esse instrumento maravilhoso de representação da linguagem”, o alfabeto, cuja “invenção suscitou uma das mais importantes descobertas científicas da história da humanidade, provavelmente a primeira grande incursão do homem no seu inconsciente cognitivo”, como destaca Morais (1996, p. 44). Isto significa dizer que ele contribuiu para o traço contínuo da história e o percurso do desenvolvimento até

a contemporaneidade, tempo em que as tecnologias, a rapidez na circulação das informações e as mudanças nos modos e atitudes de leitura permitem acesso às informações em tempo real. Há, portanto, um contínuo aperfeiçoamento do registro, nos couros dos animais, nas tábuas de argila, no papiro, no papel e, atualmente, no computador, do conhecimento impresso. Neste aspecto, vale salientar que:

A linguagem escrita é uma das maiores invenções de todos os tempos, um instrumento que evoluiu para atender ao inexorável avanço da humanidade. Tão grande é sua importância que se tornou uma ferramenta de poder: aqueles que já tinham o domínio do conhecimento, em geral adquirido pela escrita e pela leitura, passaram a sobrepor-se àqueles que não o possuíam. (ALQUÉRES, 2008, p. 11).

De modo amplo, a leitura está relacionada à própria existência do ser humano, levando-o à fantasia, ao sonho, ao conhecimento e à reflexão acerca da realidade. Existe uma trama de inter-relações que se estabelecem para o funcionamento do ato de ler, segundo Martins (1982, p. 37), que se configuram em três níveis básicos de leitura – sensorial, emocional e racional – que, de maneira geral, estão interligados, mesmo quando, em um determinado momento, ocorre o predomínio de um sobre o outro, conforme as experiências, expectativas, necessidades e o interesse pessoal de cada sujeito.

A *leitura sensorial* se inicia muito cedo, desde os primeiros dias de existência, e nos acompanha por toda a vida. Caracteriza-se pela percepção do aspecto lúdico, do jogo, de imagens, sons, cores, cheiros e gostos que provocam prazer. Segundo Martins (1982, p. 40), os sentidos “podem ser apontados como os referenciais mais elementares do ato de ler”, pois, desta forma acontece a descoberta daquilo que agrada e a não aceitação daquilo que desagrade aos sentidos, um percurso de leitura através do qual vamos, aos poucos, nos mostrando e nos revelando para nós mesmos.

Estou convencido de que meu primeiro contato com a música, o canto, o conto e a mitologia se processou através da primeira cantiga de acalanto que me entrou pelos ouvidos, sem fazer sentido em meu cérebro, é óbvio, pois a princípio aquele conjunto ritmado de sons não passava dum narcótico para me induzir ao sono [...] (VERÍSSIMO, 1973 apud MARTINS, 1982, p. 41).

A *leitura sensorial* dá conhecimento ao leitor do que ele gosta ou desgosta, mesmo inconscientemente, através dos sentidos, somente por algo que possa impressionar a vista, o ouvido, o tato, o olfato ou o paladar, sem que haja necessidade de grandes justificativas e racionalizações. Um livro não é somente o texto escrito; é um objeto que tem forma definida, cor, textura, pode ter ilustrações, volume e cheiro, pode até produzir som, se atentarmos ao barulho do folhear das páginas. Esta é a leitura utilizada por muitos adultos e crianças não alfabetizadas.

Sob o ponto de vista da cultura letrada, a *leitura emocional*, assim como a sensorial, parece menor que a racional, por sua própria natureza, por ser uma leitura que trata diretamente com os sentimentos, com a percepção, o que implica maior subjetividade e menos objetividade. Diz Martins (1982, p. 48) ser esta “[...] a leitura mais comum de quem diz gostar de ler, talvez a que dê maior prazer [...]”, pois, quando se trata de emoções, as questões são ininteligíveis, fogem ao controle do leitor, em função do seu envolvimento nas ciladas tramadas no seu inconsciente.

Por meio dos personagens e situações, ficcionais ou não, a *leitura emocional* tem o poder de provocar fantasias, alimentar sonhos, liberar emoções, amenizar ou ressaltar frustrações diante da realidade. Ela nos transporta para outros tempos e lugares, imaginários ou não, que, naquele momento, podem trazer ou provocar alguma satisfação ou podem levar à tristeza, à saudade e à angústia. Tudo isto acontece em um processo de identificação. Esta é a razão para que a abordagem desta pesquisa privilegie este tipo de leitura, buscando investigar a sua contribuição no tratamento de usuários de drogas, no intuito de compreender os benefícios que a leitura terapêutica de desenvolvimento pode trazer para estes pacientes, ao deslizar, de forma lúdica e prazerosa, no imaginário do sujeito que está totalmente seduzido com uso das drogas, auxiliando-o a reelaborar suas questões, dominar o medo e os fantasmas internos que o amedrontam.

O usuário de drogas, muitas vezes, busca o prazer através do uso de alguma substância psicoativa, como relatam alguns pacientes, que dizem que, após o uso, podem sair de si mesmo, viajar, perceber a beleza das coisas ou ficar mais tranquilos. Logo, o usuário que está em tratamento na clínica do CETAD/UFBA poderá se beneficiar dos múltiplos prazeres da leitura que estão diretamente relacionados à liberdade, liberdade de pensar, compreender, refletir, informar, compartilhar, sonhar e aprender a sonhar.

Quanto à *leitura racional*, esta traz no seu bojo um ler preexistente direcionado por uma ideologia, uma concepção intelectual, um aspecto que limita a noção de leitura ao texto escrito e que pressupõe educação formal ou erudição do leitor.

A leitura a esse nível intelectual enfatiza, pois, o intelectualismo, doutrina que afirma a preeminência e anterioridade dos fenômenos intelectuais sobre os sentimentos e a vontade. Tende a ser unívoca; o leitor se debruça sobre o texto, pretende vê-lo isolado do contexto e sem envolvimento pessoal, orientando-se por certas normas preestabelecidas. (MARTINS, 1982, p. 64).

Esse nível de leitura, que é uma elaboração do intelecto, tem, contudo, um caráter eminentemente reflexivo e dinâmico pois, no momento em que o leitor busca a realidade do texto lido, sua percepção implica um retorno a sua experiência pessoal e uma visão da história do texto, acontecendo, assim, um diálogo entre o texto, o leitor e o contexto onde se realiza a leitura, o que significa que o processo de leitura racional é atualizado e referenciado.

Pode-se dizer que esses níveis de leitura são simultâneos, mesmo quando, em um determinado momento, um ou outro tipo é privilegiado, não existindo, portanto, uma hierarquia, podendo ocorrer, no processo de desenvolvimento e amadurecimento do homem, uma sequência em que a leitura sensorial anteceda a emocional e a esta se suceda a racional; mas é a historicidade da leitura, são as experiências e as circunstâncias de cada leitor no ato de ler e as respostas e questionamentos trazidos pelo objeto lido que poderão mostrar o nível de leitura de cada pessoa. Logo, não é possível a existência destes níveis de leitura de forma isolada, porque é da condição humana interligar sensação, emoção e razão para encontrar sentido e buscar compreender a si mesmo e o mundo. “A leitura é uma questão pública. É um meio de aquisição de informação, portanto um componente de um ato social” (MORAIS, 1996, p. 12), mas, constitui também um deleite individual do qual muitos leitores se beneficiam.

No caso dos pacientes em tratamento na clínica do CETAD/UFBA, a leitura será utilizada com a perspectiva de contribuir para a melhoria do quadro psicopatológico, aumentar a autoestima, promover a valorização pessoal, apontar outro movimento possível e outras trajetórias para estes jovens. As ações desenvolvidas pelo projeto de pesquisa em leitura com o foco no tratamento das

toxicomanias constituem uma possibilidade efetiva de contribuição no tratamento para a redução dos danos causados pelas drogas. Tal crença é pautada em experiências positivas que usam as leituras e outras atividades lúdicas como forma auxiliar no tratamento de pessoas acometidas por alguma doença física ou mental.

A oferta da leitura informativa sobre o uso de drogas bem como de outros tipos de leitura, a depender do gênero literário que mais agrade aos participantes que estão em tratamento, poderá ajudá-los a compreender melhor suas questões. Através do processo de leitura, eles poderão perceber que não são os únicos com determinada dificuldade, que outras pessoas vivem o mesmo problema e que a dor e o sofrimento são inerentes à condição humana, mas que existem outras possibilidades interessantes, para além dos usos de substâncias psicoativas, como se pode observar no relato de um paciente: – *Não tenho paciência para esperar a consulta, me dá vontade de desistir, de ir embora mesmo, mas quando eu estou lendo vejo que o tempo passa muito rápido, então é mais tranquilo para permanecer aguardando.* Esta fala coaduna com o pensamento de Perroti (1990, p. 45) quando diz: “Ler, promover a leitura é, em decorrência, tarefa messiânica que conduz os homens ao caminho do mesmo templo onde se comemoram, com rituais ecumênicos, graças e felicidades alcançadas através do livro e da leitura”. Assim, percebe-se que a leitura pode promover transformações no estado de consciência deste sujeito.

A leitura é uma atividade interativa de produção de sentidos em que ativamos o lugar social, vivências, relações com o outro, valores da comunidade e conhecimentos textuais. É a partir do conhecimento do leitor que será determinado o seu grau de interação com o texto, sabendo-se que o sentido não está exatamente e somente no texto, mas, a partir dele, pois a leitura de um texto não é a simples decodificação de signos e de uma informação que está dada, consistindo em que o leitor atribua sentidos ao texto.

Conforme Orlandi (1993), a relação do leitor com o mundo simbólico se dá através das várias formas de linguagem – visual, gestual, sonora e corporal – e não somente pelas formas verbal e escrita, que são aquelas impostas pela escola. Este tipo de relação possibilita, de forma concreta e efetiva, a pluralidade de leituras, o que não quer dizer somente a leitura de diversos tipos de textos, mas a leitura e a interpretação de um texto de várias maneiras, sendo este um processo fundamental de significação que a leitura estabelece. Como destaca Goulemot (2001, p. 116), “ler

é fazer-se ler e dar-se a ler”. Através da leitura, encontramos espaço para a imaginação, a criação e muitas possibilidades de expressão.

Nesse contexto, cada leitor tem a história de suas leituras, o que lhe permite convergir para as outras leituras e atribuir novos sentidos a partir do texto, trazendo à tona as suas experiências de leitura e a sua leitura de mundo. “Cada leitor na individualidade de sua vida, vai entrelaçando o significado pessoal de suas leituras com os vários significados que ao longo da história de um texto, este foi acumulando”, diz Lajolo (1997, p. 106), e, desta forma, pode redimensionar ou ampliar o conhecimento existente e o seu olhar sobre o mundo, sendo que o seu estilo de ver as coisas influenciará nos sentidos atribuídos.

As escolhas das nossas leituras estão também ligadas à nossa historicidade, à nossa maneira de ser em uma tradição de sentido e de vida. Assim, os preconceitos ou a compreensão agem, efetivamente, como condições quase transcendentais do compreender, mas, antes de ser um limite, nossa historicidade opera como um princípio da compreensão. Neste sentido, diz Ouaknin (1996, p. 187), “compreendemos e buscamos a verdade porque nos deixamos guiar por expectativas e sentidos e pelo fato de pertencer a uma tradição”. Logo, as experiências vividas nos fazem aprender e influenciam no processo de permanência e de continuidade desta tradição.

Ao produzir teias de significação para si mesmo, o homem fundamenta sua vida social trocando informações e conteúdos simbólicos, deslocando-se do seu mundo individual para o social e deste para aquele. O conjunto das informações e dos conteúdos simbólicos dizem respeito a memória social de um grupo. (BARRETO, 2006, p. 23).

Vista de forma ampla, a leitura contempla a interpretação dos sinais gráficos e dos sinais sensoriais que constituem a percepção e é através desta estrutura de linguagem que o usuário de drogas poderá se sentir à vontade para expressar as suas histórias, as suas dores e, até mesmo, buscar o prazer, nas boas lembranças que o texto poderá lhe proporcionar ao se identificar com os personagens ou se inquietar com a leitura e buscar novas. Este processo pôde ser observado na atitude de um paciente da clínica do CETAD/UFBA que, após a leitura do texto *A estrela e a vela*, de Ivete Amaral, que estava posto no mural do CETAD, procurou a biblioteca deste Centro, após a consulta com o psicanalista, e comentou

sobre o texto, apontando a importância que a autora dava ao toco de vela, pois segundo ele o toco de vela, mesmo sendo muito pequeno e não estando nas alturas, como a estrela, também tem luz e é de muita utilidade para iluminar as casas quando falta energia. Vê-se, portanto, o alcance que o conteúdo simbólico do texto em tela teve para este leitor.

A partir desse fato, observa-se que, quando o paciente busca a clínica do CETAD visando um alívio para o seu sofrimento com as drogas e encontra, no seu caminho, a leitura, sobre a qual ele poderá ler e refletir, isto é prazeroso e pode contribuir para o seu tratamento, porque, o fato de o sujeito conseguir ser tocado pelo texto e perceber seu conteúdo, pode significar que, pelo menos naquele momento, na sua memória, surgem outros elementos que não as drogas que, muitas vezes, é uma constante no seu pensamento.

A linguagem é instrumento fundamental nesse processo. Produzida social e historicamente, ela materializa a capacidade de representar a realidade; por meio dela, o pensamento se objetiva, permitindo a comunicação das significações e o seu desenvolvimento. De acordo com Bock, Furtado e Teixeira (2002), ela é instrumento de mediação na apropriação de outros instrumentos: as funções da linguagem direcionam a mensagem para os circuitos da comunicação onde a linguagem oral ou escrita ou extralinguística, como a música, a dança, a pintura, a fotografia, a propaganda, o cinema e o teatro, apresentam funções que são lidas e comunicadas.

O termo leitura pode significar “concepção” e, neste sentido, usado para dizer leitura de mundo, reflete a relação com a noção de ideologia. No sentido acadêmico, pode significar a construção de um aparato teórico metodológico e, em termos de escolaridade, pode ser vinculado à alfabetização, ao ato de aprender a ler e escrever. “Saber ler é saber o que o texto diz e o que ele não diz, mas o constitui significativamente” (ORLANDI, 1993, p. 11). Quando se lê, considera-se não apenas a objetividade do texto, mas, também, o que está implícito, que não está dito mas está significando, ou seja, a subjetividade de cada sujeito leitor, o que implica as suas histórias de leitura e a sua leitura de mundo, de acordo com o seu contexto.

Buscando uma melhor compreensão do estudo, serão delineados momentos de leitura na vida do sujeito, a partir da primeira infância, pelo entendimento de sua importância como auxiliar na organização da estrutura psíquica e das experiências cuja desorganização pode vir a favorecer, futuras fragilidades e

dificuldade em lidar com as próprias questões, fazendo com que este procure, no uso abusivo das substâncias psicoativas, soluções para os seus problemas.

A criança, ainda no seu mundo particular, ou seja, no útero materno, momento em que já existe uma comunicação afetiva com os seus pais através dos carinhos externos que deles recebe, desenvolve um tipo de linguagem especial: esta é a leitura do espaço mais íntimo da sua concepção. Pode-se dizer que o “lugar” do feto é lido por ele mesmo no seu desenvolvimento uterino, através desta linguagem especial, pois ele pode perceber, no mais íntimo do ser materno, o som das palpitações do coração da mãe; o líquido amniótico do seu espaço é reconhecido e os carinhos externos são também percebidos.

O som está presente desde a vida intra-uterina, ocasião em que o óvulo e espermatozóide se atraem por vibrações imperceptíveis ao ouvido humano. Posteriormente, o feto estará submetido a ruídos viscerais, aos ritmos cardíaco e respiratório e à voz da mãe, além dos sons externos que permeiam a experiência de cada um. (NASCIMENTO; CAVALCANTI, 1997, p. 29).

Isso é o que possibilita entender que o processo de linguagem, leitura e comunicação estão inter-relacionados e são elementos da condição do humano desde o início da sua existência.

A partir da primeira infância, período compreendido entre zero e seis anos de idade, como definido pelo Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância (CIESPI), momento em que a criança chega ao mundo externo tornam-se necessários os diversos tipos de linguagem como meio para sobreviver. “Nas primeiras perguntas, quando a criança assimila o nome de alguns objetos, ela está aprendendo”.

“O aprendizado e o desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida da criança”, diz Vygotsky (2000, p. 110). Nas primeiras semanas, suas respostas são determinadas por processos naturais, especialmente aqueles da herança biológica, porém, é através da mediação dos adultos que os processos psicológicos mais complexos adquirem forma. Inicialmente, são os processos partilhados entre as pessoas – interp-síquicos – e, mais tarde, os executados dentro delas próprias: são os processos intrapsíquicos.

É nesse percurso de aprendizado que a criança, ainda com o entendimento pouco desenvolvido, tenta imitar aquilo que é possível e que é mais

admirado, para a satisfação das suas vontades. De acordo com Vygotsky (2000), a criança é um ser dinâmico e aberto para o recebimento de tudo que lhe é passado através dos seus familiares e do meio em que convive; ela aprende e enriquece suas primeiras palavras com gestos muito expressivos que compensam suas dificuldades em se comunicar de forma inteligível através da linguagem, ou seja, em falar aquilo que deseja, pois é à medida que se vive que se vai aprendendo a ler, na interação com o mundo.

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho da criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e social. (VYGOTSKY, 2000, p. 40).

É o que o teórico define como Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), o espaço que existe entre o nível real de desenvolvimento – Zona de Desenvolvimento Real (ZDR) –, no qual as crianças conseguem resolver as questões, solucionar sozinhas os problemas, independentemente da mediação de outra pessoa mais velha, e o desenvolvimento potencial, em que os problemas são solucionados sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais velhos. Evidencia Vygotsky (2000) que a zona de desenvolvimento proximal hoje, que pode ser potencializada pelo processo de mediação, será o nível de desenvolvimento real amanhã, com o amadurecimento da criança.

A primeira infância é o momento propício para o encontro com o mundo letrado e as primeiras experiências são significativas para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita que irá garantir à criança o acesso aos saberes linguísticos e ao exercício da cidadania. Aos poucos, no processo contínuo de interação com as pessoas, o meio, a cultura, ela vai aprendendo a fazer suas leituras com mais precisão, começando, então, a se formar o acervo de leitura do sujeito.

Mais tarde, ao iniciar-se o fortalecimento dos laços sociais com os amigos, o seu processo de leitura já estará mais desenvolvido e ela poderá reconhecer os seus objetos, já saberá pedir o brinquedo de sua preferência, o que demonstra o seu desenvolvimento e aprendizado. De acordo com Vygotsky (2000),

a representação simbólica no brinquedo é, essencialmente, uma forma particular de linguagem, em um estágio precoce, que leva, diretamente, à linguagem escrita. Este é também o momento do encontro da criança com a segunda instituição social que contribuirá significativamente para a sua educação e aprendizado, a escola, lugar privilegiado onde o contato com a cultura é feito de forma sistemática, intencional e planejada. Conforme Bock, Furtado e Teixeira (2002, p. 261), “a escola é uma das mais importantes instituições sociais, por fazer a mediação entre o indivíduo e a sociedade” e, ao transmitir valores sociais e morais, possibilita que a criança se humanize, se socialize, ou seja, se eduque, propiciando a apropriação de valores e modelos importantes para a sua autonomia e o seu engajamento no grupo social.

Segundo Leontiev, a criança já tem determinadas obrigações e responsabilidades, antes mesmo de frequentar este espaço social, “o ponto essencial é que agora não existem apenas deveres para com os pais e os professores, mas que há objetivamente, obrigações para com a sociedade” (2001, p. 61). O professor e os colegas, como elementos constituintes da instituição educacional e da cultura, são mediadores fundamentais que possibilitam um avanço no desenvolvimento desta criança.

O jardim de infância é o lugar apropriado para o ensino da leitura e da escrita; isso significa que o melhor método é aquele em que as crianças não aprendem a ler e escrever por imposição, por determinação, mas sim que elas possam descobrir suas habilidades durante as situações de brinquedo. (VYGOTSKY, 2000a, p. 84).

É no desenvolvimento e amadurecimento da primeira infância que as crianças começam a aprender as letras que, aos poucos, formam as frases, possibilitando conhecer melhor os signos e dar sentido às leituras. A partir deste desenvolvimento é que surge, de forma estruturada, o processo mágico da linguagem. Para Vygotsky (2000a, p. 24), “signos e palavras constituem para as crianças, primeiro e acima de tudo um meio de contato social com outras pessoas”, portanto, é importante que as letras possam fazer parte da vida, do mundo das crianças, estando presente no seu baú de brinquedos, nas suas brincadeiras, pois, da mesma maneira que a fala acontece de forma espontânea e natural, as crianças

devem ser conduzidas a sentir a necessidade de ler e de escrever, naturalmente, nos seus brinquedos e nas suas brincadeiras diárias.

No brinquedo, a criança projeta-se nas atividades adultas de sua cultura e ensaia seus futuros papéis e valores. Assim o brinquedo antecipa o desenvolvimento; com ele a criança começa a adquirir a motivação, as habilidades e as atitudes necessárias a sua participação social, a qual só pode ser completamente atingida com a assistência de seus companheiros da mesma idade e mais velhos. (VYGOTSKY, 2000a, p. 91).

Para Freire (1982, p. 8), “alfabetizar é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não em uma manipulação mecânica de palavras, mas em uma relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”. É neste processo de aprendizado que os rabiscos começam a surgir. Inicialmente, os desenhos são apresentados com as lembranças do que se tem presente na memória, naquele momento, como confirma Vygotsky (2000a, p. 38) quando diz que “para as crianças pequenas, pensar significa lembrar”. Por exemplo, quando se solicita à criança que desenhe uma cadeira ou uma mesa, ela não olha para o lado para ver, ela, simplesmente, desenha o que conhece com a lembrança do que se tem na memória. Para a criança, a realidade é aquilo que ela conhece, que ela pode lembrar e apresentar quando é solicitada, segundo Freire (1982) que diz que o sentido mais exato da alfabetização é aprender a escrever a sua vida como autor e testemunha da sua própria história.

Inicia-se, assim, o processo de leitura e escrita, que dará sentido à realidade, segundo Vygotsky (2000), para quem a história da sociedade e o desenvolvimento do homem caminham juntos, estando, de tal forma, imbricados que um não seria o que é sem o outro. Começa, então, a apresentação das histórias infantis, primeiramente contadas com a mediação de uma pessoa que já está com a habilidade da leitura desenvolvida, um momento de descoberta para as crianças pois, neste processo de ouvir os contos de fadas e as fábulas, gêneros literários que contribuem para o seu desenvolvimento mental, ocorre o desenvolvimento da criatividade e o seu contínuo amadurecimento na compreensão dos signos, dando sentido aos objetos.

Hoje, como no passado, a tarefa mais importante e também a mais difícil na criação de uma criança é ajudá-la a encontrar significado

para a vida. Muitas experiências são necessárias para se chegar a isso. A criança à medida que se desenvolve, deve aprender passo a passo a se entender melhor; com isto, torna-se mais capaz de entender os outros, e eventualmente pode-se relacionar com eles de forma mutuamente satisfatória e significativa. (BETTELHEIM, 2002, p. 4).

Através dos contos de fada, é possível trabalhar o desenvolvimento das emoções, da imaginação e do intelecto, de forma que as crianças podem viver as questões da realidade com mais segurança, afastando a timidez, o medo e a ansiedade relacionados aos problemas da vida real. Através dos contos é mais fácil para a criança atribuir significados e sentidos ao seu contexto. Sobre esta possibilidade, entende Bettelheim que:

os contos, num sentido bem mais profundo do que outros tipos de leitura, começam onde a criança realmente se encontra no seu ser psicológico e emocional. Falam de suas pressões internas graves de um modo que ela inconscientemente compreende. (2002, p. 6).

Desta forma, desde a primeira infância até a fase da adolescência, as crianças podem ter a literatura como uma boa aliada, além de seus pais e educadores, para o melhor entendimento de si mesmo e para a transmissão da cultura, principalmente os contos e as fábulas, que podem canalizar melhor para elas as informações.

O processo de leitura está ligado a atividades como narrar, escutar, ler, brincar, modelar, dentre outras. Existem espaços para o desenvolvimento da criatividade e imaginação e muitas possibilidades de expressão, de acordo com o contexto social. No momento atual, temos, ainda, as novas tecnologias, presentes em todos os setores da sociedade moderna como um suporte de informação fundamental para a vida das pessoas.

Esse processo começou com o livro, depois veio o rádio, o cinema, a televisão e, atualmente, o computador, que seduz crianças, jovens e adultos com elementos atrativos, influenciando o comportamento e os modos de viver do homem. Parece consensual que as novas tecnologias assumem papel importante na sociedade contemporânea e trazem benefícios às pessoas, entretanto, quando não são bem utilizadas, podem permitir que o homem se perca na acomodação e cultue a solidão atraindo outros problemas, inclusive a dependência.

Quando se utiliza o termo “dependência”, este, geralmente, é associado à questão do uso das substâncias psicoativas, mas, na sociedade contemporânea existem muitas crianças, jovens e, também, adultos que estão dependentes das tecnologias. A marca da falta de elementos estruturantes na vida do sujeito pode ser preenchida por estas novas tecnologias que, se utilizadas de maneira desmedida, podem levar à dependência e o isolamento provocado pelo seu uso desenfreado traz, muitas vezes, consequências negativas.

Segundo Ângela Tham¹, muitas crianças estão “abandonadas na frente da televisão, do computador, [...] seduzidas pelos vídeos games e partem cada vez mais para um mundo pseudovirtual, tornando-se, assim, incapazes para a vida adulta”. Elas são emocionalmente carentes, se sentem sozinhas, com medo, podendo apresentar problemas de ordem psíquica ou, até mesmo, física. Neste contexto, a leitura pode fazer uma ponte de fortalecimento na carência deste sujeito.

Esta é exatamente a mensagem que os contos de fada transmitem à criança de forma múltipla: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana, mas que se a pessoa não se intimida e se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa. (BETTELHEIM, 2002, p. 7).

Na fase de transição da criança para a adolescência, existe uma nova história a ser construída, pois este é o momento de significativas descobertas na vida, “[...] o momento da dor da descoberta do Outro como lugar onde se constitui seu desejo, mas que é marcado por um buraco, uma falta” (TAVARES, 2009, p. 198). As transformações são visíveis e colocam o adolescente em uma posição difícil: com a descoberta da sexualidade, ele busca afirmação própria, fortalecimento da identidade e maior integração com o grupo. Geralmente, é neste momento, na passagem para a vida adulta, que se verificam determinadas mudanças de comportamento: eles se tornam introspectivos, se sentem sozinhos, com uma grande carência, mergulhados na solidão com os seus próprios conflitos pois

¹ Seminário Trabalho Social das Bibliotecas em Comunidades – “Os programas de incentivo à leitura alcançam seus objetivos?”, 2008. A Diretora do Instituto para Jogos e Linguagem, de Aachen, Alemanha, realizou palestras sobre a experiência europeia no fomento à leitura e sobre a biblioterapia.

as desculpas já não são aceitas como no jardim de infância. Se escrever errado em uma prova levará uma nota considerada má e se escrever certo posteriormente receberá uma nota considerada boa, mas que será divulgada junto com a nota má. (LEONTIEV, 1998, p. 61).

O lugar ocupado por este jovem passa por mudanças nas relações humanas significativas e, nesta fase, se observa, também, o distanciamento do jovem da leitura, um instrumento importante para auxiliar na organização da estrutura do sujeito. Quando o jovem é marcado, através do processo de mediação, de forma prazerosa e significativa, ele terá benefícios consideráveis no percurso do seu futuro, porém, segundo Bettelheim (2002, p. 4), a “aquisição de habilidades, inclusive a de ler, fica destituída de valor quando o que se aprendeu a ler não acrescenta nada de importante à nossa vida”.

O que se percebe, no entanto, é que, na sociedade contemporânea, os atores sociais representativos desta formação, como a escola e a família, têm desempenhado o seu papel com fragilidades, permitindo que o jovem se distancie da leitura e não consiga percebê-la como forma de lazer, recreação e prazer, vendo-a somente como uma obrigação. A família não incentiva a leitura na sua prática cotidiana, seja por falta de tempo ou mesmo por despreparo, deixando a responsabilidade da educação, prioritariamente, com a escola, espaço privilegiado de interação que deveria estimular no jovem o fascínio pela leitura, a curiosidade de descobrir o que tem dentro do livro e perceber o prazer em lê-lo. Esta, por sua vez, está preocupada em impor a leitura de forma obrigatória, tornando-a assim um exercício mecânico que não tem sentido nem significado, ou seja, uma leitura sem motivação, que dificulta a aprendizagem, geralmente, com o objetivo de obter, exclusivamente, o resultado para uma avaliação. Como afirma Kleiman (2009, p. 34): “a leitura desmotivada não conduz à aprendizagem e o material irrelevante passa despercebido e é prontamente esquecido”. Assim, os jovens, no seu cotidiano, podem se distanciar da leitura por falta de incentivo e motivação dos atores sociais responsáveis.

Nessa fase da vida, o jovem está voltado mais diretamente para a dimensão do fazer e menos para a do falar, tornando-se importantes estratégias de atividades que os estimulem a perder o sensor interno que diz “eu não posso”, “eu não consigo”, “eu não sei fazer”, para despertar o seu interesse por uma atividade na qual ele possa se sentir bem e consiga perceber que é importante e valorizado com aquilo que pode fazer, reconhecendo-se, assim, naquele momento. “Na

interação se constrói a percepção de si mesmo e do outro. A leitura é, assim, possibilidade de se reconhecer como plural, de ser um outro, conservando a singularidade na diversidade” (BARRETO, 2006, p. 63).

Nesse momento, torna-se importante o uso de uma linguagem diferenciada através da qual a imaginação e o desenvolvimento do intelecto possam ser estimulados e que permita tornar claras as emoções, estar em harmonia com as ansiedades e aspirações de forma que o jovem possa reconhecer suas questões e perceber soluções para os problemas que o incomodam a fim de poder controlar as tensões. As experiências dolorosas necessitam desta linguagem para serem assimiladas de forma amena, pois, algumas manifestações difíceis, por vezes, deixam cicatrizes que podem levá-los ao medo e ao comportamento negativo, inclusive à falsa sedução do uso abusivo de substâncias psicoativas.

Nesse período de transição, os jovens têm necessidades interiores próprias que, geralmente, se apresentam com muitas incertezas. A leitura voltada para este público poderia ser um suporte de auxílio nestas questões, porém, o que se observa é que não existem políticas públicas de incentivo direcionadas, com maior precisão, para esta fase da vida – elas estão mais voltadas para a infância. Esta fase é caracterizada por mudanças e instabilidades na vida destes jovens o que facilita o encontro com as drogas sejam elas lícitas ou ilícitas. O encontro com as substâncias psicoativas pode ser uma experiência de simples curiosidade, peculiar nesta fase, pode levar a um uso ocasional ou recreativo, mas, também, a um uso “fusional”, que é o uso de vários tipos de drogas e que poderá acarretar problemas na vida deste sujeito.

A leitura poderá ser um forte alicerce no percurso desse jovem, ao lhe permitir vislumbrar uma visão positiva de encorajamento e uma identificação com o protagonista, em que os sentimentos de medo e de tristeza dos personagens lhe mostrem novas possibilidades, caminhos possíveis, de forma que o seu problema possa ser, desta maneira, melhor assimilado e entendido por ele mesmo permitindo-lhe encontrar uma nova linguagem que possa fazê-lo acreditar que existem outras possibilidades além do uso das drogas. Assim, a leitura poderá auxiliar no confronto com seus vazios e medos com a companhia da angústia do outro, possibilitando dividir momentos e construir sentidos.

É a partir do desenvolvimento da adolescência e da chegada à idade adulta que é possível uma melhor compreensão do significado do papel do jovem no

mundo. “O mundo é o lugar do encontro de cada um, consigo mesmo e com os demais”, diz Freire (1982, p. 3), e somente com as experiências o jovem pode aprender a atribuir significados e sentido para sua vida. É através da decodificação dos signos e da atribuição de sentidos que o sujeito vai se redescobrando na vida.

Os jovens passam por determinadas dificuldades, em função da falta de compreensão dos adultos, como os pais, amigos e educadores, que exigem deles amadurecimento e atitudes para as tomadas de decisão e comportamento, como se fossem adultos, sem perceber que é necessário o desenvolvimento do sujeito e suas experiências dentro da cultura a que pertence para um efetivo crescimento psicológico e emocional, pois a consciência emerge a partir das vivências.

Para encontrar um significado mais profundo devemos ser capazes de transcender os limites estreitos de uma existência auto centrada e acreditar que daremos uma contribuição significativa para a vida – senão imediatamente agora, pelo menos em algum tempo futuro. Este sentimento é necessário para uma pessoa estar satisfeita consigo mesma e com o que está fazendo. Para não ficar à mercê dos acasos da vida, devemos desenvolver nossos recursos interiores, de modo que nossas emoções, imaginação e intelecto se ajudem e se enriqueçam mutuamente. (BETTELHEIM, 2002, p. 4).

Os estudos de Bettelheim sobre a importância da leitura na vida dos jovens demonstram que esta pode auxiliar nas experiências do sujeito e no seu processo de desenvolvimento emocional. Segundo Barreto (2006, p. 63), “a leitura representa sempre troca de experiências entre sujeitos, vínculos e interação”, o que significa dizer que, quando a leitura faz parte do cotidiano do sujeito, este, futuramente, terá condições de vivenciar as questões da vida com mais responsabilidade, com consciência dos seus atos e menos sofrimento, o que possibilitará a este jovem consciente não eleger o uso de drogas como exclusividade e prioridade na sua vida.

Assim, torna-se importante que o sujeito se aproprie do texto, do dito e do não dito, buscando o significado e o sentido da leitura, para que ele possa ser livre. É preciso significar, para além do que o texto diz, a imagem, a fotografia, o texto impresso, a propaganda, os diversos formatos de leitura e de transmissão do conhecimento, para que se possa sair do processo de dominação e se tornar livre, capaz de se biografar como sujeito da história, ou seja, um adolescente, um jovem autônomo.

A leitura é um modo de acesso a novos caminhos, para o jovem que necessita de possibilidades para se encontrar diante da complexidade do mundo contemporâneo, de forma a aprender a lidar com o que está posto na sociedade e encontrar maneiras de organizar o seu interior para, assim, entender melhor o mundo e a sua vida dentro da sua cultura, pois, como afirma Espinheira (1995, p. 12), “a existência humana é marcada pela cultura e é ela a própria fundamentação da humanidade. Cultura é criação/aprendizagem/criação”. É através da cultura que o indivíduo se integra à sociedade e a leitura permite o acesso ao conhecimento e a formação de cidadãos capazes de compreender e atuar no mundo moderno.

Ao se abordar a leitura recreativa, de lazer, prazerosa, como fator da cultura e de inclusão social, como suporte terapêutico no auxílio a jovens usuários de drogas, salienta-se que esta leitura deve constituir, também, fonte de conhecimento e informação, devendo ser uma leitura educadora, reflexiva, crítica, como forma de adquirir competências e de saber que esta os capacita a concorrer no mercado de trabalho, a se informar sobre a vida, a saúde, o meio ambiente e outros saberes que possibilitam qualidade de vida e cidadania levando a novas descobertas que irão contribuir no entrelace do processo de seu tratamento.

3.1 OUTRO OLHAR SOBRE A LEITURA

A compreensão da sociedade contemporânea de que a leitura pode favorecer a melhoria do leitor que, porventura, esteja em tratamento de saúde seja físico ou psíquico, nem sempre aconteceu em outros períodos. No decorrer da história, ocorreram vários momentos de desprestígio da leitura, situações em que esta foi vista como um grande perigo, como um veneno para as pessoas, conforme se pode observar nessa citação de Tissot:

[...] os inconvenientes dos livros frívolos são de fazer perder o tempo e fatigar a vista; mas aqueles que, pela força e ligação das idéias, elevam a alma para fora da mesma, e a forçam a meditar, usam o espírito e esgotam o corpo; e quanto mais este prazer for vivo e prolongado, mais as conseqüências serão funestas. (1775 apud ABREU, 1999, p. 10).

Ainda no século XVIII, acreditava-se que a leitura fizesse grande mal à saúde prejudicando os olhos, o cérebro, os nervos e o estômago. Em sua prática

clínica, Tissot diz ter encontrado os mais variados e sérios distúrbios como perda de apetite, dificuldades digestivas, enfraquecimento geral, espasmos, convulsões, irritabilidade, atordoamento, taquicardia, podendo levar à privação de todos os sentidos. Maior cuidado e vigilância eram considerados necessários quando as leituras eram perigosas para a alma, ou seja, aquelas que ameaçavam a moral, sendo os textos literários e, principalmente, os romances, os mais ameaçadores, conforme Abreu (1999, p. 12), que ressalta: “O terreno da moral é contíguo ao da religião e nesse campo fortes empreendimentos foram levados a cabo no sentido de afastar os homens da leitura”.

Atrelado a isso vale ressaltar que a leitura traz consigo questões ideológicas importantes, a julgar pelas atitudes de representantes da sociedade no tocante à destinação dos livros que traziam conteúdos não desejáveis à sociedade. Ao analisar-se a história no período de 1950, toma-se conhecimento de que as escolas escolhiam o horário de maior expectativa das crianças e adolescentes, o recreio, para fazer grandes fogueiras para a queima das revistas em quadrinhos, um gênero literário que foi fortemente perseguido na época. O psiquiatra americano Frederic Werthan reforçou duramente a campanha contra a leitura das revistas em quadrinhos através do seu livro *The seduction of the innocents*, publicado com o apoio de organizações religiosas e educacionais, no qual, utilizando-se de rigor científico questionável, apresentou os resultados de seu trabalho afirmando que as crianças que liam as histórias em quadrinhos apresentavam fortes anomalias de comportamento: por exemplo, para ele, a leitura de Batman com seu inseparável amigo Robin, representava o sonho de homossexuais vivendo juntos e, desta forma, a criança, seguindo o exemplo dos seus heróis, se tornaria um homossexual. Vergueiro (2005) também confirma que a sociedade brasileira, naquela época, afastou, drasticamente, os jovens do acesso às revistas em quadrinhos.

Leitura e escrita vistas como instrumento de adultério também foram constantes na tradição literária sendo vistas por muitos como portadoras de um comportamento negativo e insano, como nos afirmam Lajolo e Zilberman (2009, p. 294): “impressionável Luiza, a prima de Basílio do livro de Eça de Queiroz publicado em 1878, chegou ao adultério, motivada pela sedução do parente, mas também enfeitiçada por romances de amor”. Vê-se, portanto, que a leitura produz um efeito, ainda que visto de maneira negativa.

Afirma Manguel (1997, p. 41) que “toda leitura tem sua história, leituras possíveis em certas épocas não o foram em outras”, ou seja, lemos diferentemente um mesmo texto em épocas, momentos e condições diferentes. Assim, observando-se, também como referência, as últimas décadas, pode-se verificar as diferentes formas e modos de olhar o que seja leitor, leitura e livro.

Segundo Lajolo e Zilberman (2009), é possível afirmar que a história do leitor começou com a expansão da imprensa e se desenvolveu com a ampliação do mercado do livro, a difusão da escola, a alfabetização das populações urbanas, a valorização da família e da privacidade doméstica e a ideia de lazer. Ela teve início, na Europa, aproximadamente, no século XVIII, numa época em que a impressão de obras escritas deixou de ser um trabalho quase artesanal dos tipógrafos e gerenciado pelo Estado – que, até então, por meio de alvarás e decretos, facultava, ou não, o aparecimento dos livros –, e se tornou uma atividade empresarial baseada nos moldes capitalistas, ou seja, dirigida para o lucro. Este objetivo começou a se realizar, plenamente, a partir do surgimento de uma clientela capaz de consumir o produto, pessoas que dominavam a habilidade de ler, o que adveio por meio do fortalecimento da escola e da obrigatoriedade do ensino.

Foi no seio da família que se intensificou o gosto pela leitura, por ser esta uma atividade adequada ao contexto de privacidade próprio à vida familiar. Por outro lado, o saber ler passou a ser uma habilidade necessária à formação moral das pessoas, principalmente entre os grupos religiosos interessados no conhecimento e na difusão da Bíblia.

A atitude individual ou coletiva, silenciosa ou em voz alta, a leitura do folhetim semanal ou das Sagradas Escrituras invade o lar burguês, integrando-se ao cotidiano familiar e passando a constar das representações imaginárias da classe média, traduzidas por pinturas e fotografias. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 16).

No processo de construção da leitura, no ato de decodificação dos signos, da transmissão da informação e do conhecimento pela oralidade, na passagem da leitura intensiva para o uso também da extensiva, ela alcança a contemporaneidade como o ato de apropriação da informação, de compreensão do significado e do sentido do texto utilizando-se o livro como suporte no seu desenvolvimento.

Os estudos da língua sofreram alargamento, na atualidade, ao se articularem a outros domínios do conhecimento como a psicologia, psicanálise, a semiologia que deram novos campos de estudo do objeto leitura, numa ação afirmativa e interdisciplinar sobre os signos, a linguagem e o mundo. (BARRETO, 2006, p. 31).

Na Europa do século XVII, livros publicados já textualizavam o leitor. No Brasil, onde os esforços se mostraram visíveis na ficção romântica, somente por volta de 1840, o Rio de Janeiro, sede da monarquia e onde surgiram as tipografias, livrarias e bibliotecas como instrumentos para a produção e a circulação da literatura, passa a mostrar traços necessários para a formação de uma sociedade leitora. Naquele momento em que o capitalismo treinava seus passos, com a expansão da cafeicultura e dos interesses econômicos britânicos, que desejavam um mercado cativo, mas em progresso, a escolarização se apresentava ainda precária, porém, já havia um movimento visando a melhoria do sistema.

O livro, objeto material através do qual a literatura existe e portador de um conteúdo transcendente, o texto, não recebe a atenção devida pelos estudos literários, segundo Lajolo e Zilberman (2009), o que não acontece somente no Brasil. No entanto, na literatura, pode-se encontrar elementos históricos que facilitem a compreensão deste processo.

A difusão do livro se deu quando Gutemberg, por volta de 1450, apresentou, na Alemanha, o primeiro exemplar impresso da Bíblia, um acontecimento decisivo para a sua popularização porque este deixou de ser produzido artesanalmente e passou, sobretudo depois do século XVIII, a ser fabricado em grandes quantidades. Como nos apresentam, ainda, Lajolo e Zilberman (2009), “o livro suporte físico de um saber, mas também objeto industrializado submetido a compra e venda, vale dizer mercadoria, é parte integrante e até essencial, dos mecanismos próprios do capitalismo”. Assim, ao se transformar em propriedade privada, assume marcas da sociedade burguesa: os contratos de edição e impressão, os meios de distribuição e venda, as regras de tradução e condensação formam operações de dimensão econômica de um processo que finaliza no objeto livro. Ainda em relação ao livro impresso, geralmente visto como material litúrgico, no passado, a partir das novas tecnologias ele passou a ser visto com desconfiança em função da ideia de seu breve desaparecimento.

No processo de formação leitora, é necessário destacar a importância do livro didático, por sua história e importância para a formação de uma sociedade

leitora, por ser ele uma das condições básicas para o funcionamento da escola, espaço social onde a leitura sistemática e planejada é iniciada. Ele traz consigo duas perspectivas distintas: de um lado é considerado literatura de menor importância, “texto para ler e botar fora”, conforme destacam Lajolo e Zilberman (2009, p. 120), e, por outro lado, é a que traz maior lucro para as editoras, pois, por não serem os livros conservados pelos leitores, devido ao seu prazo de validade, estão sempre presentes nos catálogos mantendo vivo o ideal de consumo adotado pelo capital.

O livro didático tem sua importância na história da leitura visto que ele, talvez mais do que outras formas de leitura, contribui diretamente para a formação do leitor e, embora não seja tão amigável e sedutor como as publicações destinadas à infância, como os livros coloridos e bem ilustrados e as histórias em quadrinhos, a sua influência é vital no processo de formação da leitura, estando presente na vida dos alunos em todas as etapas de escolarização.

O livro didático primo pobre de ascendência nobre, é poderosa fonte de conhecimento da história de uma nação, que por seu intermédio, dá a entender que rumos seus governantes escolheram para a educação, desenvolvimento e capacitação intelectual e profissional dos habitantes de um país. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 121).

A leitura foi produto de consumo do clero, da burguesia e dos ricos, que passavam as informações necessárias aos seus seguidores por meio da oralidade, na retórica do discurso, através dos seus gerentes, e era, também, instituída como uma forma de salvação, pois a Bíblia era monopólio da Igreja, assim, desde o aparecimento do alfabeto, a prática da leitura está associada à emissão sonora do texto, como destaca Chartier:

A leitura em voz alta tinha dois propósitos, uma função pedagógica: demonstrar que era um bom leitor exibindo o domínio de retórica e de falar em público, e um propósito literário: ler em voz alta era para um autor colocar um trabalho em circulação, publicá-lo. (1999, p. 20).

Até o século XV, vários tipos de material foram utilizados para a leitura e a transmissão de informações, tais como o papiro, o linho, o algodão e o pergaminho, porém, após o século XV, a melhoria da qualidade do papel fez a diferença neste processo. Na Europa, por volta de 1450 a 1750, respectivamente, o surgimento da imprensa tipográfica e a publicação da primeira enciclopédia na França, como afirma

Burke, a imprensa impulsionou a confluência dos diferentes tipos de conhecimento e agiu como elemento de transformação social, o que provocou mudanças significativas na forma de produzir, expressar, apresentar, disseminar e recuperar a informação.

Refere Chartier (2001, p. 86) que, no “estilo antigo a leitura é reverência e respeito pelo livro porque ele é raro, porque está carregado de sacralidade mesmo quando é profano, porque ensina o essencial”. Mas, com o surgimento da imprensa, a multiplicação dos livros e o excesso de informação impõem uma nova maneira de ler. Passa-se de uma leitura intensiva para uma leitura extensiva, de passar os olhos, realizada de forma rápida, uma leitura de poder pular as páginas, de referência.

Contudo, ainda segundo Chartier, a civilização da imprensa não está restrita somente a Gutemberg, pois, no início do século XIII, os textos já eram impressos usando-se caracteres de metal e, na China, neste mesmo período, eram usados os caracteres de madeira – que mantinham uma forte ligação entre o manuscrito e a publicação – e os blocos gravados – que provinham de modelos de caligrafia –, sendo a demanda de mercado facilmente atendida e ajustada, devido à durabilidade dos blocos de madeira que facilitavam a impressão e a cópia de milhares de exemplares solicitados.

Através dos elementos passados pela história, é possível observar como a leitura, a escrita, a forma de se comunicar, na perspectiva de continuidade e de fortalecimento da cultura, a cada época se reinventam e podem ser bem utilizadas nos dias atuais nos diversos formatos e de diversas maneiras, contribuindo, de forma significativa, com a sociedade.

[...] O homem é essencialmente cultural [...] sua existência depende do que ele produz, isto é, da sua civilização, entendida como a construção de seu próprio curso, com suas invenções e criações, com seu processo educativo que permite repassar às novas gerações o conhecimento socialmente produzido. (ESPINHEIRA, 1995, p. 11).

Assim, a leitura alcança a contemporaneidade também como uma arte de cuidar, baseada no relacionamento interpessoal de ajuda e confiança, o que será tratado no capítulo a seguir, que traz os conceitos e objetivos da biblioterapia como uma técnica que utiliza a leitura no auxílio ao tratamento de pessoas que tiveram, por algum motivo, a sua liberdade limitada.

4 BIBLIOTERAPIA: CONCEITOS E FUNDAMENTOS

A biblioterapia é uma técnica na qual se utiliza a leitura e outras atividades lúdicas como adjuvante no tratamento de pessoas acometidas por alguma doença física ou mental assumindo, assim, um papel muito importante na sociedade moderna. Esta assertiva é baseada em vários estudos que têm demonstrado como, ao longo do curso da história, esta técnica vem ocupando uma parte da organização social, que cresceu e se diversificou para atender às mudanças e necessidades psicossociais. Afirma Orsini (1982 apud CASTRO; PINHEIRO, 2005) que a biblioterapia se firmou como campo de pesquisa a partir da década de 1930, destacando-se as biblioterapeutas Isabel Du Boir e Ema T. Foreman, sendo Emma uma das que mais insistiram para que a biblioterapia fosse vista, estudada e reconhecida como ciência e não como arte.

Dentre os vários conceitos de biblioterapia, aponta Seitz:

A biblioterapia é um programa de atividades selecionadas envolvendo materiais e leituras planejados conduzidas e controladas como um tratamento, sob a orientação médica para problemas emocionais e de comportamento, devendo ser administrada por um bibliotecário treinado de acordo com as propostas e finalidades prescritas. (2006, p. 19).

Segundo Seitz (2006, p. 17), o termo biblioterapia deriva dos termos gregos *biblion*, que designa todo tipo de material bibliográfico ou de leitura, e *theraphein*, que significa tratamento, cura ou restabelecimento. O primeiro dicionário especializado a definir o termo biblioterapia foi o *Dorland's Illustrated Medical Dictionary*, em 1941, como o emprego de livros e de sua leitura no tratamento de doenças mentais. Informações apresentadas anteriormente, todavia, demonstram que a palavra já havia sido usada desde 1815.

Em 1961, o dicionário não especializado *Webster's Third International Dictionary* definiu "biblioterapia", pela primeira vez, como "uso de material de leitura selecionado, como adjuvante terapêutico em medicina e psicologia" e, também, como "guia na solução de problemas pessoais através da leitura dirigida", informando que a palavra foi adotada, especialmente, pela *Association of Hospital and Institution Libraries*, dos Estados Unidos.

São várias as informações que giram em torno das origens do termo biblioterapia, apresentando-se, entretanto, o seu surgimento por volta dos meados do século XIX, em um trabalho relacionando a biblioteca à ação terapêutica. Seitz (2006, p. 21) refere que as primeiras experiências aconteceram no período de 1802 a 1853, realizadas por médicos americanos que confiavam no poder da leitura como auxílio no tratamento dos seus pacientes e indicavam a leitura de livros previamente selecionados, conforme a necessidade de cada paciente, como parte do tratamento. Em 1802, o médico norte-americano Benjamim Rush recomendou a leitura em hospitais para os doentes comuns e, em 1810, para os doentes mentais. Em 1853, uma das primeiras pessoas a escreverem artigos sobre a biblioterapia foi o médico John Minson Galt II, que se tornou conhecido pelo seu ensaio tratando sobre leitura, recreação e diversão para insanos. (ALVES, 1982, p. 55).

O uso da leitura com objetivo terapêutico é antigo e muitos registros atestam esta utilização. Conforme Alves (1982), no Antigo Egito, o Faraó Ramsés II mandou colocar no frontispício de sua biblioteca a seguinte frase “Remédios para a alma”. Partindo do princípio de que terapia é velar pelo ser, cuidar do ser, ela tem um sentido holístico. Como bem diz Ouaknin (1996, p. 14), “o ser humano vivo é um corpo falante. O sopro da vida passa pelo sopro da palavra. O terapeuta cuida da palavra que anima e informa o corpo. Curar alguém é fazer falar e observar todos os obstáculos a essa palavra no corpo” porque, pelo viés da fala, o sujeito objetiva seus sentimentos, permitindo ao outro fazer a sua leitura.

De acordo com Caldin (2001, p. 12), as antigas civilizações egípcia, grega e romana já tinham a intuição sobre a capacidade terapêutica do livro. Suas bibliotecas eram consideradas como espaços sagrados que possibilitavam a leitura com a finalidade de aliviar as dores e os sofrimentos daqueles que necessitavam, visto que a medicina e a literatura sempre foram parceiras no cuidado com o ser, na busca do seu bem-estar e de sua melhor qualidade de vida.

Em 1942, de acordo com Orsini (1982), a pesquisadora Ilse Bry, formada em Psicologia, Filosofia e Biblioteconomia, publica o trabalho *Aspectos médicos da literatura: um esboço bibliográfico* e, em 1949, em um artigo com o título “O uso da ficção na psicoterapia”, Larzasfeld descreve as reações dos pacientes diante da leitura do texto. Ainda em 1949, surge Caroline Shrodes, Ph.D em biblioterapia, que defendeu sua tese *Biblioterapia: um estudo teórico e clínico-experimental*, lançando as bases da biblioterapia atual. Em 1951, outra Ph.D em biblioterapia, Esther A.

Hartman, da Universidade de Stanford, defende a tese intitulada *A literatura imaginativa como uma técnica projetiva: um estudo de biblioterapia*, e Ryan aponta a biblioterapia como arte e não como ciência (apud CASTRO; PINHEIRO, 2005, p. 3).

Alguns autores apontam vertentes diferentes para a aplicação da biblioterapia: uns a consideram como arte e outros como ciência. Segundo Rosa:

A biblioterapia funciona como arte para os profissionais que utilizam para cura, porém não ligados à área médica. Consiste em uma técnica não diretiva de leitura conduzida à auto-ajuda, a partir da seleção de textos que objetivam solução de problemas pessoais, facilitando a compreensão da situação.

Por outro lado, enquanto a arte da biblioterapia possui uma abordagem não diretiva, a ciência da biblioterapia focaliza o tratamento dos sujeitos que sofrem problemas de ajustamentos, problemas emocionais ou mentais sérios, estando estes sempre acompanhados da orientação de um profissional de saúde. (ROSA, 2006, p. 26).

A partir do século XX, a leitura compartilhada e a discussão em grupo se tornaram conhecidas com o nome específico de biblioterapia, sendo utilizados materiais de leitura que nutrem a saúde mental, tendo um profissional como mediador e um público-alvo que necessite e tenha o desejo de participar das sessões de leitura. Inicialmente, a atividade de leitura com foco terapêutico estava restrita aos hospitais e, exclusivamente, aos doentes mentais, mas, atualmente, ampliaram-se os espaços em que estas atividades visando o bem-estar do indivíduo, podem ser utilizadas com diversas faixas etárias e em diversas situações, como creches, escolas, orfanatos, asilos, casas de repouso e presídios. De acordo com Ratton (1975, p. 199-200), ela é utilizada, atualmente, na “profilaxia, educação, reabilitação e na terapia propriamente dita, em indivíduos nas diversas faixas etárias, com doenças físicas ou mentais”.

Como se pode ver, na área de saúde, a leitura é considerada um elemento indispensável para ajudar em muitos casos e, segundo Pereira (1989, p. 97), pode ser utilizada antes mesmo de a criança ser alfabetizada para criar, inclusive, condições preparatórias para o desenvolvimento do gosto e do hábito da leitura. De acordo com Ouaknin (1996), “a tese central é que o ser humano como criação contínua e em movimento constante encontra suas forças no processo narrativo-interpretativo da atividade de leitura”, o que facilita o entendimento de diversas questões.

Para Caldin (2001), o método biblioterapêutico atua através da dinamização e ativação da linguagem em que as palavras têm sentido, não são neutras; a linguagem metafórica permite ao homem ir além de si mesmo, tornando-se livre no pensamento e na ação. Quando se diz que o importante nos livros está nas entrelinhas ou atrás das palavras impressas, o que se quer dizer é que aquilo que os livros contêm não é diferente da vida. Escrito por homens, eles refletem o que é humano.

Assim, a linguagem metafórica pode permitir aos jovens e adultos usuários de drogas que estão presos a elas, aprenderem a lidar melhor com as suas dificuldades, com seus próprios dramas e conflitos, sem cobranças, ameaças, discriminação e/ou preconceito, ao deslizarem com mais segurança nos conflitos e dramas dos personagens, ao perceberem possíveis caminhos que podem ser traçados em busca de uma resposta para soluções de um problema, com mais confiança, visto que, neste processo, nutre-se o respeito à religião, à tristeza e aos medos que esgotam a pessoa, que necessita ser escutada, que precisa de uma fala amiga, de afetividade.

Caldin (2010, p. 18) destaca a importância da intercorporeidade e do descentramento como elementos que proporcionam efeitos terapêuticos, no ato de leitura, pois esta só tem sentido na vivência, não existindo enquanto objeto em si, enquanto somente percebido, sentido e pensado. Para a compreensão e o entendimento da leitura, para que ela tenha este sentido, é preciso estar ligada ao seu contexto, de forma a ser vivenciada com determinada precisão, conforme as experiências do leitor e de acordo com a sua realidade, ou seja, a sua leitura de mundo, a sua vivência no mundo.

O ser humano é uno, existindo, portanto, uma estreita ligação entre as doenças e as emoções pois, como afirma Caldin (2010, p. 19), o “[...] o descompasso entre corpo e mente quebra a harmonia necessária ao bem-estar” e, por isto, ele merece ser cuidado e visto como um todo nos seus vários aspectos. Emoções intensas podem causar danos à saúde psíquica assim como à física, causando vários tipos de mal-estar e sofrimento reais. Isto não quer, no entanto, dizer que todas as doenças têm origem nos sentimentos, mas, decerto, elas geram um desconforto no nosso sistema emocional.

A dor e o sofrimento são elementos da existência do homem, fazem parte da vida. É parte da condição humana enfrentar as situações dolorosas e não se

pode isentar o humano de passar por estas situações, pois, pensar que seria possível exterminar as dores do ser humano, seria deixá-los sem sustento. Este entendimento é importante para que se possa buscar um significado e encontrar o sentido para a vida, conforme Caldin que, subsidiada pelas técnicas desenvolvidas pelo pai da Psicanálise, Sigmund Freud, afirma:

A leitura pode proporcionar: a catarse, na medida em que libera emoções; a identificação com as personagens, no momento em que o sujeito assimila um atributo do outro ficcional; e a introspecção, ou seja, a educação das emoções [...] – componentes biblioterapêuticos ativados no receptor do texto literário pelo caráter ímpar da literatura [...]. (CALDIN, 2010, p. 19).

Dessa forma, através da discussão construtiva dos sentimentos e ideias, o que foi lido, visto e interpretado pode favorecer a mudança de comportamento do indivíduo e, assim, amenizar o sofrimento.

Ainda de acordo com Caldin (2010, p. 38), a doença revela a perda do equilíbrio; ela não é apenas um fato médico e biológico, é fruto de um processo social no qual o ser humano não está completo sem o outro, em que viver é conviver, implicando o compartilhamento de ideias, emoções e sentimentos. Na biblioterapia, por meio da linguagem, do comportamento e da afetividade, cuida-se do outro de forma humanizada, valendo-se das propriedades da atividade de ficção junto aos conhecimentos científicos alicerçados em teorias biblioteconômicas, literárias, filosóficas e da Psicologia.

Através dos sentidos (visão, audição, tato, olfato e paladar), o ser humano compreende e aprecia o outro e, pela percepção (a reunião de vários sentidos atuando em conjunto), interage com o outro e com as coisas. A biblioterapia se utiliza dos sentidos e da percepção para cuidar daquele que necessita, para prestar um serviço mais humanizado “[...] visto que a intercorporeidade é, reconhecidamente, terapêutica. Um olhar afetivo, um ouvido atento, um toque carinhoso, cheiros e sabores partilhados – eis alguns dos instrumentos utilizados pelos aplicadores da biblioterapia” (CALDIN, 2010, p. 39) que fazem o sujeito se sentir bem acolhido.

Assim, a produção bibliográfica tem apontado a biblioteconomia como área atuante na leitura com foco terapêutico, acompanhada, em seguida, pela Psicologia. Caldin (2010, p. 13) assinala duas categorias de biblioterapia realizadas

por diferentes profissionais: a biblioterapia clínica, realizada por psicólogos e psicanalistas; e a biblioterapia de desenvolvimento, por bibliotecários e outros profissionais.

Na biblioterapia de desenvolvimento, para a qual está direcionada a nossa abordagem, pode-se utilizar materiais informacionais e didáticos, contudo, os mais utilizados são os textos literários, pela precisão da ficção como forte recurso terapêutico e de forma a possibilitar trabalhar conteúdos de ficção através da linguagem metafórica sendo a literatura de suma importância para a realização das várias leituras. Salientamos que, no desenvolvimento das sessões de leitura com os jovens e adultos usuários de drogas, outros tipos de linguagem foram importantes para o desempenho das atividades, como a música e a imagem, recursos utilizados principalmente visando os mais jovens e aqueles que não tinham o domínio da leitura e da escrita.

Conforme Bentes Pinto (2005, p. 39), “a biblioterapia utiliza outras ferramentas, contemplando as várias formas de leitura, por exemplo, de textos não verbais (jogos, imagens, música). Portanto, trata-se de uma vivência que se apoia em vários domínios e, portanto, multidisciplinar”, o que facilita e dinamiza a atividade de leitura terapêutica, pois, a depender do público e dos seus gostos, é possível utilizar outros elementos para o desenvolvimento do trabalho, não se ficando preso somente ao texto impresso e tornando a leitura mais atrativa, principalmente para os mais jovens.

Nessa perspectiva, a leitura de textos, música e imagem com os pacientes da clínica do CETAD/UFBA se tornou mais dinâmica e surgiram os comentários que lhe foram adicionais. Através da liberdade de interpretação, de imaginação, surgia o novo texto, formado a partir das experiências e das vivências de cada sujeito, no qual vinha à tona o processo de criação daquilo que queria ser dito e que se revelava com sentido e significado, realizado por aquele que estava oprimido no silêncio e que, assim, se sentia mais livre, animado e motivado a expressar o que desejava, sem preconceitos nem cobranças, apenas pelo desejo e prazer daquele momento.

Caldin (2010, p. 14) interroga: “será a imaginação a propiciadora de novos significados que transformarão o texto lido, narrado ou dramatizado em expressão”, destacando que a noção de liberdade e de livre-arbítrio são importantes, no processo da leitura terapêutica, e que toda participação nestas atividades tem de ser

voluntária, pois precisa existir o desejo, a vontade ou a curiosidade do sujeito para fazê-la.

Com a imaginação (entendida como ato deliberado da consciência), transita-se entre o real e o imaginário, através da leitura terapêutica que traz o ficcional e se apresenta com interessantes e fortes atrativos para a realidade. Por meio desta transposição, é possível experimentar e viver, com segurança, situações impossíveis na vida real, mas que são desejadas, consciente ou inconscientemente, permitindo a vivência, mesmo que momentânea, de emoções que proporcionam prazer e bem-estar aos sujeitos. Vale destacar, também, a memória, que permite que o passado adentre o presente e traga à tona lembranças que, por vezes, produzem alegria e causam bem-estar, visto que “na biblioterapia explora-se a memória como recurso altamente terapêutico” (CALDIN, 2010, p. 40) e, assim, não vivemos o presente desvinculado do passado.

Nessa perspectiva, a leitura terapêutica de desenvolvimento realizada com o usuário de drogas em tratamento permitiu a esse jovem e/ou adulto falar dos seus conflitos e das suas dificuldades de forma mais diluída, com o suporte da leitura, pois não é fácil falar de questões tão delicadas e dolorosas. No decorrer deste processo, através da identificação com os personagens, com o contexto apresentado, a imaginação é estimulada e ele pode perceber novos caminhos, encontrando um significado para as suas questões, diz Caldin (2010, p. 14), que reforça: “em todas as modalidades, há que se dar primazia ao estímulo à imaginação”.

Também a leitura solitária, o encontro entre o leitor e o livro, sem intermediários ou um mediador específico, pode ser considerada de efeito sedativo e curativo, apresentando, portanto, efeito terapêutico, mas, de acordo com Caldin (2001, p. 14), obtém-se resultados mais eficazes quando se trabalha em grupo ou entre duas pessoas, através do processo de mediação da informação, em uma prática solidária de trocas que mescla intersubjetividade, intercorporeidade, descentramento e tem como complemento a imaginação, as expectativas e as lembranças daqueles que participam. Sabemos que precisamos do outro para viver, que a presença física e a fala deste outro são importantes, pois nos asseguram que não estamos sozinhos na vida e temos assim a garantia dos parceiros na luta diária, o que nos torna mais fortalecidos.

Visto que, na relação entre o eu e o outro pode, também, acontecer a não amizade, apresentando-se o pensamento negativo de ódio e agressividade, é preciso fortalecer a relação de boa convivência, pois, para viver em sociedade, precisa-se aprender a lidar com a presença do outro, sendo necessário permitir a proliferação da intersubjetividade e aceitar o outro no próprio espaço. “Assim, tudo o que fazemos, exprimimos e vivenciamos é em função do outro, é porque o outro nos observa, está atento a tudo que nos acontece, é parte ativa do espetáculo da vida. Tal assertiva vale para a saúde e a doença”, diz Caldin (2001, p. 30), e, para isto, a colaboração da linguagem, o comportamento e a afetividade surgem como elementos fundamentais.

A leitura com foco terapêutico de desenvolvimento realizada com os usuários de substâncias psicoativas não se configurou apenas como uma leitura (narração ou dramatização). Nela esteve presente a fala, o discurso e a interpretação dos participantes expressos a partir das vivências de cada um, de acordo com a sua realidade que, por vezes, se apresentava traçada com dores, mas com o suporte das palavras do autor como auxiliar na busca das lembranças, das histórias que estavam adormecidas e que vinham à tona para se mostrar de forma significativa naquele momento. Surgia, assim, o novo texto, a partir do texto lido, cujas criação e leitura eram importantes para o equilíbrio emocional e a melhora da autoestima daqueles pacientes.

A função terapêutica da leitura admite a possibilidade de a literatura proporcionar a pacificação das emoções. A Biblioterapia se fundamenta em uma prática da leitura que permite ao homem ir ao mais profundo de si mesmo e se inventar, a cada vez, de maneira diferente (OUAKNIM, 1996, p. 197).

Segundo Martins (2009), na década de 1980, houve o *boom* dos livros de autoajuda, que reforçam a ideia do poder de cura através de leituras, o que supõe que certas doenças ou o sofrimento mental podem ser “curados”, através de literatura específica, já que a leitura é um mecanismo que tende a alimentar a vida emocional, porém, não é necessário estar doente, deprimido ou ansioso para encontrar alívio em um livro.

Nos anos de 1990, o conceito de clínica (relacionado à saúde e à doença) se junta à concepção humanista ou de desenvolvimento. Assim, na sociedade atual, em que a interdisciplinaridade é presença constante nas ciências, de um modo

geral, e se está buscando soluções para diversos problemas em outras áreas do conhecimento humano, as Ciências Humanas não estão fora desta realidade e, com suas técnicas, procura contribuir positivamente no processo de tratamento de pessoas acometidas por qualquer tipo de doença. Dentre estas técnicas, destaca-se a Biblioterapia, utilizada como uma técnica auxiliar na recuperação de pacientes, desde os primórdios das bibliotecas.

4.1 A BIBLIOTERAPIA COMO CAMPO DE TRABALHO DO BIBLIOTECÁRIO

Nos mais diversos setores da sociedade moderna, devido ao processo de globalização da economia e à conquista de mercado, as transformações são constantes e para acompanhar esta dinâmica, na contemporaneidade, as organizações e os profissionais precisam se atualizar para enfrentar os desafios impostos e assumir os seus espaços com competência. A sociedade contemporânea aponta a necessidade de competências e de habilidades para que se possa compreender e refletir melhor sobre a realidade e, desta forma, interagir no contexto de uma sociedade em que o conhecimento é formatado por contínuas interações entre os indivíduos, em que os vários olhares multidisciplinares se fazem necessários para a investigação, na busca do conhecimento de um mesmo objeto, de forma a contribuir com a sociedade.

Assim, para situar as possibilidades do fazer do bibliotecário, este profissional de múltiplos saberes, que tem como objeto principal de estudo a informação, que permeia as diversas áreas, e que utiliza, em seu campo profissional, técnicas específicas desta área, cumpre delinear o ponto de vista histórico da biblioteconomia, o que fará entender melhor a competência deste profissional para atuar nas questões subjetivas com a leitura terapêutica de desenvolvimento e, também, juntamente com outros profissionais, no desenvolvimento da leitura terapêutica clínica.

O nascimento do trabalho do bibliotecário ocorreu paralelamente à criação, pela nobreza e pelo clero, das primeiras bibliotecas no mundo. Normalmente, eram os eruditos homens (não mulheres) das letras ou eclesiásticos, sem formação bibliotecária, que exerciam as funções biblioteconômicas atuando como conselheiros e auxiliando os usuários na recuperação da informação.

O ano de 1751 marca o surgimento do termo bibliotecário, proposto por Diderot e D’Alambert e divulgado em um artigo de sua conhecida Enciclopédia na qual é definido como “aquele que é responsável pela guarda, preservação, organização e pelo crescimento dos livros de uma biblioteca. Ele pode ter também funções literárias que demandam talento” (1993, p. 212). Neste conceito, observa-se a aproximação da imagem do bibliotecário à do erudito como também ao papel de conservador de acervos antigos, mas, ele ainda não é visto como gestor de grandes coleções que pudessem atender a um grande número de usuários. Sobre isto, diz Bentes Pinto (2005, p. 35):

Este enclausuramento mostra o distanciamento entre ele e aqueles que vinham às bibliotecas em busca de informações, fato que certamente contribuiu para se criar uma visão estereotipada e tatuada no imaginário coletivo ou, quem sabe, real de que o bibliotecário se preocupa com a guarda e ordem dos documentos e não atua como o mediador de seu acesso, muito menos como educador.

Essa imagem do bibliotecário como erudito permaneceu até o final do século XIX, quando ocorreu a institucionalização da formação escolar deste profissional, com a criação, em 1873, do primeiro Curso de Biblioteconomia, na *École de Chartes*, França, cujo enfoque curricular era humanístico. O curso visava preparar o profissional para atender às demandas das instituições cujos acervos cresciam sem a possibilidade de se ter acesso a esses documentos com eficácia. Com a criação deste curso, foi expedido o primeiro diploma profissional, denominado Certificado de Aptidão às Funções de Bibliotecário (CAFB). Passados quatorze anos, ou seja, em 1887, Melvil Dewey funda e implanta o segundo curso, denominado *School of Library Economy*, na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, sendo contempladas no currículo matérias de cunho técnico.

O pioneirismo da França e dos Estados Unidos chegou à América Latina, em 1911, quando o então diretor da Biblioteca Nacional, Manuel Cícero Peregrino da Silva, instalou, no Brasil, o primeiro curso de Biblioteconomia, nas dependências daquela instituição. A criação do terceiro curso do mundo foi arrimada nos artigos de 34 a 41 do Decreto n. 8.835, de 11 de julho de 1911, que aprovou o regulamento da Biblioteca Nacional, entretanto, o início do seu funcionamento somente aconteceu no ano de 1915, tendo como objetivo principal formar bibliotecários para atuar na

própria Biblioteca Nacional, a fim de colocá-la em condições compatíveis com as europeias (MUELLER, 1985). Este curso, portanto, não diferia dos demais criados até então, pautando-se no modelo da escola francesa e contemplando em seu currículo uma formação humanística. Em 1929, *O MacKenzie College* criou o seu curso de biblioteconomia, coordenado pela bibliotecária americana Dorothy Muriel Gedds, naturalmente seguindo o modelo americano, que privilegiava uma formação mais voltada para as técnicas. Em 1936, o Departamento Cultural da Prefeitura de São Paulo instituiu mais um curso de biblioteconomia para atender às suas necessidades.

Na Bahia, o curso de Biblioteconomia e Documentação surgiu em 1942, através da iniciativa da engenheira civil Bernadete Sinay Neves, zelosa guardadora de livros do acervo da Escola Politécnica da Bahia. Depois de frequentar, no Rio de Janeiro, um curso de extensão, ministrado pelo Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), ela voltou à Bahia disposta a difundir a nova mentalidade de cuidar dos livros, criando um curso de biblioteconomia. Desde o seu surgimento, este curso passou por várias mudanças na utilização do espaço físico e na reformulação do currículo. O primeiro local utilizado foi a Biblioteca Pública do Estado, depois as salas do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB) e, mais tarde, no ano de 1968, foi agregado ao Curso de Jornalismo, sem haver consenso no ato agregativo, o que motivou protestos dos dois cursos; mas esta convivência durou cerca de dezenove anos.

O primeiro decênio da Escola de Biblioteconomia e Documentação (EBD) se reveste de significativa importância graças às iniciativas pioneiras, como, por exemplo, ter começado os primeiros contatos para a criação do Serviço Central de Informação Bibliográfica (SCIB) e ter celebrado convênios para a organização de bibliotecas do Estado. A persistência, idealismo e, sobretudo, o entusiasmo dos fundadores foram essenciais, ao longo do tempo, para importantes realizações relativas à preservação de valiosos acervos públicos e privados, na Bahia. A contribuição da EBD não esteve apenas na responsabilidade de formar novos bacharéis a cada ano, mas, efetivamente, na sua atuação, através das sucessivas diretorias, para se impor como Escola no contexto universitário.

Nas mudanças e atualizações dos currículos dos cursos de Biblioteconomia, a inserção de disciplinas transversais certamente poderá contribuir para reverter o imaginário social em relação a este campo e, por extensão, ao

bibliotecário, a fim de que a sociedade possa perceber que este profissional possui respaldo teórico e técnico para o trabalho com a informação e com o documento, independentemente do suporte e da forma como se apresente, pois, como afirma Calenge (1998, p. 11), “a biblioteconomia se constrói sobre modelos que exigem processos de ação”, ou seja, não se pode pensar a Biblioteconomia como uma disciplina estática, mas sim, como um campo dinâmico da sociedade.

De acordo com Bentes Pinto (2005, p. 40), “a biblioterapia como prática empírica, passou a constituir uma disciplina no campo da Biblioteconomia, por volta de 1904, tendo sido bastante utilizada nas bibliotecas públicas e em bibliotecas de hospitais”. Este acontecimento se deu através da bibliotecária-chefe do hospital de Wanderley, em Massachussets, EUA, que iniciou um programa que envolvia os aspectos psiquiátricos da leitura. Segundo Seitz, o diretor do Comitê de Controle das Instituições do Estado, em Iowa, Estados Unidos, em 1916, citou o trabalho da bibliotecária Carey, uma pioneira em bibliotecas hospitalares, afirmando que livros são “‘ferramentas’ para serem usadas com uma expectativa inteligente de alcançar resultados” (2006, p. 21).

O bibliotecário tem como objeto principal de estudo e trabalho a informação e, para isto, utiliza as relações interdisciplinares da Ciência da Informação para se desenvolver, nos diversos segmentos da sociedade, visto que “[...] a informação tomou proporções tais no mundo contemporâneo, que uma disciplina que se propõe estudá-la em seu contexto de atividade não pode omitir-se ao estudo do indivíduo e também do contexto que o envolve” (FRANCELIN, 2003, p. 66) limitando-se ao conservadorismo e às questões técnicas e mecânicas que fazem parte da formação deste profissional. Assim, o profissional bibliotecário pode adquirir competências e habilidades para trabalhar com a leitura terapêutica de desenvolvimento nos diversos espaços bem como estar inserido no grupo de trabalho com profissionais especializados, como psicólogos e psicanalistas, para o desenvolvimento da biblioterapia clínica.

Assim, o bibliotecário que pretende desenvolver atividades de biblioterapia deve ter interesse pelo aspecto humano. Torna-se indispensável demonstrar empatia, interesse e preocupação com o bem-estar do outro, ter uma escuta sensível e ser flexível no planejamento das atividades, visando contemplar os desejos e o gosto de leitura de cada participante, de forma a aproveitar a oportunidade para estimular e incentivar o gosto pela leitura. Outros requisitos

importantes para o profissional que vai atuar nesta área é a estabilidade emocional, o domínio de textos literários e o embasamento teórico, o que, em momento algum, o faz se intitular terapeuta. (CALDIN, 2010, p. 44).

Segundo Witter (2004, p. 181 apud CALDIN, 2010, p. 44), os bibliotecários se valem das técnicas educacionais, através de um trabalho sistemático de leituras que se voltam para o desenvolvimento do ser em vários aspectos, do conhecimento de si mesmo ao desenvolvimento de competências e habilidades específicas, tais como cidadania, cognição, memória e afetividade.

[...] os aplicadores das atividades de biblioterapia deixam ao cargo dos psicanalistas o modelo médico com suas técnicas psicoterápicas e utilizam o cuidado com enfoque educacional dando ênfase no desenvolvimento do ser total valendo-se da leitura como fonte de prazer em creches, escolas, orfanatos, asilos, presídios e hospitais, entre outros espaços institucionais.

[...] a psicologia psíquica está relacionada à ciência que estuda a origem, os sintomas e a natureza das doenças da psique, assim a patologia sempre é um desejo de uma normalidade, medida por um padrão. Já o cuidado pode ser entendido como o acolhimento do ser, o acolhimento daquilo que se manifesta nas relações, sem julgamento do que é normal. (CALDIN, 2010, p. 45-46).

O bibliotecário que atua com a atividade de leitura terapêutica, deixa à vontade do leitor a interpretação e a criação dos textos, de acordo com os seus desejos e as suas emoções, e a liberdade para imaginar e exercitar a sua criatividade neste momento, percebendo novas possibilidades com a leitura. Como mediador deste processo, o bibliotecário não intervém nos processos de catarse, identificação ou introspecção que ocorrem no momento da leitura, pois, “a narração e a dramatização de histórias, filmes, vídeos, música, jogos e brincadeiras fazem parte, também das sessões de biblioterapia, e o ludismo que acompanha o texto literário tem ação terapêutica” (CALDIN, 2010, p. 47). Ele utiliza as leituras selecionadas para aquele momento como forma de entretenimento e comunicação, o que se transforma, naturalmente, em um exercício terapêutico.

Ademais, a atividade de leitura terapêutica exige um planejamento bem estruturado do desenvolvimento das atividades. Torna-se necessário para isto conhecer as pessoas e seus desejos, perceber os gêneros literários que as atraem, pois, ao selecionar os materiais a serem utilizados deve-se considerar o interesse e o nível de conhecimento dos participantes. Requer, também, um espaço agradável

no qual o participante possa se sentir acolhido, de forma a permitir o surgimento da vontade de se expressar, por gestos e palavras ou, até mesmo, pelo silêncio, para que o mediador possa interagir com este participante, encorajando-o em suas expressões, auxiliando-o a perceber novos caminhos e possibilidades para seus conflitos. É importante que esteja claro o objetivo para o qual a atividade será utilizada, visto que “[...] as pessoas e suas necessidades são particulares, portanto, um programa de biblioterapia deve ser construído em função de seus interesses e das circunstâncias concretas que cada participante vivencia” (BENTES PINTO, 2005, p. 41) para que seja possível obter resultados satisfatórios.

Dessa forma, compartilhando com a autora a crença no objeto livro como instrumento terapêutico, é possível dizer que o bibliotecário capacitado pode mediar, de forma satisfatória, as sessões de leitura terapêutica de desenvolvimento, lembrando que não se pode negligenciar a figura de um mediador de leitura, visto que a arte de trazer bem-estar àquele que necessita deve ter implícita a intercorporeidade e o descentramento e não somente as emoções aliadas à linguagem (CALDIN, 2010, p. 66). A atividade de leitura terapêutica se torna mais eficiente quando acontece de forma coletiva, com a participação de, no mínimo, duas pessoas, o mediador, como leitor, e o ouvinte, ou seja, aquele que busca auxílio através deste processo, visto que o sujeito busca a sua completude através do outro e, muitas vezes, para preencher seus vazios, suas carências, precisa de muitos outros.

Assim, o livro, objeto fascinante, rico em personagens que fazem suas tramas, permite, através da mágica da leitura, a recriação de um novo texto, o que possibilita encontrar auxílio na busca do preenchimento dessas faltas, trazendo bem-estar. Pode-se ser tomado pelo texto, se emocionar e ser cúmplice através das palavras pois “[...] a expressão literária é uma fala que renova sem cessar a mediação entre o mesmo e o outro [...]” (CALDIN, 2010, p. 66), possibilitando a interação entre o leitor e o texto.

A leitura terapêutica de desenvolvimento possibilita conhecer, com mais naturalidade, o mundo que aquilo que está escrito apresenta. Os sujeitos são provocados e questionados, sentindo o impacto do mundo cuja leitura perpassa pelos olhos, na junção das palavras, entendendo aquilo que se apresenta no texto e que permite ver, também, além do texto, aquilo que a fantasia, a imaginação idealizar, preenchendo os vazios do texto e atribuindo-lhe sentidos. Diz Caldin

(2010, p. 67) que “[...] a leitura consiste em desvelar o mundo exterior descrito no texto e o mundo ficcional apresentado no texto, ambos acalentados e nutridos pela imaginação criadora” que é instigada pelo processo de liberdade da leitura.

Mais adiante, afirma a autora que “[...] o texto não se esgota em si mesmo, ele permite a interpretação do leitor, fornece margem à liberdade e à criação” e é desta forma, através da interpretação, que o texto pode se mostrar, por meio da retomada da subjetividade do autor, pela temporalidade, com as lembranças e as expectativas geradas, pois a leitura e a interpretação são dinâmicas, estão sempre a se movimentar como ato de criação do leitor, concluindo Caldin que “retomar é dar ao que se repete um destino que não lhe era reservado, mas que se abriu por conta da virtude das possibilidades trazidas pelo texto” (2010, p. 79), revelando o sentido nele encontrado.

O paciente usuário de substâncias psicoativas, ao ler o texto e marcar o encontro com a trama e os personagens no desenrolar da história, pode, muitas vezes, se identificar com os personagens. Isto lhe possibilitará falar sobre a sua situação, reconhecendo os posicionamentos dos personagens e mostrando os seus, às vezes concordando com o que está escrito e trazendo à tona as lembranças dos feitos que remetem às tramas da história e, outras vezes, recriando a situação e se posicionando com outra atitude diante do que estava posto.

[...] a leitura, portanto, vai além da pura decodificação de signos linguísticos, pois se torna uma prática voltada para o social. Trata-se de práticas leitoras, em que são utilizados textos verbais e não verbais para atuarem como apoio no processo de tratamento de pessoas acometidas por enfermidades originadas por perdas provocadas por morte ou separação, violências, vícios entre outras, que sejam apresentadas pelos indivíduos em qualquer fase da sua vida. (NASCIMENTO; ROSEMBERG, 2007, p. 3).

Algumas experiências corroboram o entendimento da biblioterapia como um processo dinâmico que, através da leitura, permite descobrir novos caminhos e possibilidades, o que proporciona prazer e bem-estar, por permitir viajar a lugares distantes, conhecer pessoas famosas, participar de acontecimentos históricos, viver aventuras sem correr riscos, possibilitando novas formas de ver e estar no mundo, principalmente quando utilizadas com pessoas que estão fragilizadas por uma determinada situação vivida no momento. É uma atividade, dentre as múltiplas do fazer do profissional bibliotecário, que pode contribuir para amenizar muitos dos

problemas pessoais dos indivíduos e aponta para a interdisciplinaridade através do olhar das diversas áreas que se interessam pelos seus estudos e resultados.

A interdisciplinaridade da ciência da informação, tendo a biblioterapia como um ramo da biblioteconomia, confere ao bibliotecário, como um agente de transformações sociais e culturais, se para isto estiver capacitado, autonomia para trabalhar com a prática da biblioterapia de desenvolvimento, podendo, assim, atuar com crianças em creches, buscando auxiliar no seu desenvolvimento e contribuindo com o processo de adaptação ao convívio naquele espaço.

No caso de adolescentes e jovens com dificuldades escolares, que se sentem inseguros no momento desta passagem – muitas vezes, abrupta para a adolescência, uma fase em que as transformações e exigências são muito rápidas, – que buscam nas drogas um alívio para este mal-estar, incompreensível para eles, o incentivo à leitura pode levá-los à reflexão, a fazer com que entendam melhor o momento pelo qual passam, ao perceberem que não são únicos nesta situação e que outros jovens vivem o mesmo enfrentamento.

Para os idosos que vivem em asilos, esquecidos por seus familiares, a leitura, por lhes permitir contar suas histórias, trazer suas lembranças e fazê-los perceber que dispõem de uma escuta silenciosa que valoriza o que ele diz, pode lhes dar alento, suavizar aquele momento, melhorar a sua autoestima e fazê-los aceitar melhor o seu cotidiano.

Já com relação aos presidiários, pessoas que, em algum momento da vida, tiveram um desvio de conduta e cometeram algum delito ou ato infracional e, por isso, entende-se que precisam estar privados da liberdade para um processo de ressocialização visando o retorno à sociedade, a leitura pode auxiliar no processo de reinserção social fortalecendo os seus sentimentos, encorajando-os a retomar a vida normal, incentivando os bons hábitos para que o erro não venha a se repetir, bem como encorajando-os a enfrentar os momentos de solidão, a saudade da família e dos amigos, pois, muitas vezes, são pessoas que ficam muitos anos naquele sistema com pouco ou nenhum contato com a vida fora das grades.

Além das situações citadas, o bibliotecário pode, ainda, participar de uma equipe, para atuar com a biblioterapia clínica, visto que outros profissionais têm, também, obtido bons resultados com o auxílio desta prática. Observa-se, assim, que o bibliotecário é um mediador da informação que pode proporcionar a valorização do

espaço sociocultural no qual está inserido pelo processo de mediação da informação, conceituada por Almeida Júnior como:

[...] toda ação de interferência – realizada pelo profissional da informação –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação da informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional. [...] e não estaria restrita apenas a atividades relacionadas diretamente ao público atendido, mas em todas as ações do profissional bibliotecário, em todo fazer desse profissional. (2008, p. 46).

O ato de mediação da informação é a interferência que acontece na relação usuário–informação, que se estabelece entre o homem como formador da cultura e como produto desta formação e “se constitui como um processo de fluxo e refluxo dos processos culturais, de maneira a contribuir com a fixação do adquirido, bem como potencializando ações transformadoras” (SANCHES; RIO, 2010, p. 112). Logo, o profissional bibliotecário pode auxiliar nas mudanças de comportamento daquele que precisa, no processo de autonomia do indivíduo, contribuindo para a melhora da estima daquele que se encontra com dificuldades e que pode se beneficiar pelo processo de mediação da leitura terapêutica de desenvolvimento.

A ciência da informação como área de atuação do bibliotecário mostra estudos significativos realizados com a atividade da leitura terapêutica, como o de Seitz (2006) que, em sua experiência de mais de vinte anos trabalhando no Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ao perceber, durante o processo de hospitalização, a dor dos pacientes, que sofriam em silêncio, recolhidos na sua angústia e desespero diante da doença, sentiu a necessidade de fazer algo que pudesse amenizar aquela situação. Diante do convívio com esta realidade e do conhecimento, decorrente da sua formação e experiência em Biblioteconomia, de que a leitura proporciona prazer e bem-estar às pessoas que a praticam, realizou uma pesquisa em que aplicou a prática biblioterapêutica com pacientes internados em clínica médica, visando proporcionar-lhes momentos de alegria, descontração e lazer, buscando uma hospitalização mais humanizada que pudesse contribuir com o processo terapêutico, além de mantê-los informados sobre os acontecimentos do mundo exterior do qual ficaram isolados a partir da hospitalização.

Alerta, ainda, Seitz para o fato de que

a biblioterapia é uma atividade do bibliotecário, mas é necessário que esses profissionais assumam essa tarefa, ou correm o risco de assistir a biblioterapia se tornar uma especialidade dentro de outras áreas. (SEITZ, 2006, p. 16).

Como profissional da informação, o bibliotecário tem competências para atuar na biblioterapia de desenvolvimento ou para fazer parte de uma equipe para a utilização da biblioterapia clínica, precisando, para tanto, entender o seu papel como agente social de transformações e ter o interesse e desejo de auxiliar aquele que necessita e que pode se beneficiar com a leitura terapêutica de desenvolvimento.

Miranda (2006) realizou uma pesquisa onde buscou investigar se os deficientes visuais que utilizam as bibliotecas Braille do Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual (CAP. DV) e do Instituto Sul-matogrossense para Cegos “Florivaldo Vargas” (ISMAC), ambas em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, se encontravam ou não incluídos, social e educacionalmente, nestas bibliotecas. Descrevendo o bibliotecário como o arquiteto da informação e mediador da inclusão educacional e social através de habilidades de leitura e da biblioterapia afirma que, através da leitura terapêutica e informacional, é possível sair das trevas da ignorância, da obscuridão para alcançar a luz da aprendizagem, mesmo com barreiras de visão, audição ou qualquer outro sentido afetado, excluindo-se a capacidade racional. Aponta, ainda, que a responsabilidade do bibliotecário está em selecionar textos, livros, filmes e outros materiais, como poesia, drama e humor, para atender à necessidade daquele leitor que precisa de um auxílio naquele momento, uma leitura que tem como função afetar o ajustamento do indivíduo com o texto lido, de modo que possa causar um efeito moderador nos conflitos e atuar como um meio de superar os medos, as inseguranças e a ansiedade, proporcionando bem-estar ao indivíduo.

Mostra, ainda, Miranda que a biblioterapia é uma atividade interdisciplinar que pode ser desenvolvida em parceria com as áreas da Biblioteconomia, Literatura, Educação, Medicina, Psicologia e Enfermagem apontando que tal interdisciplinaridade confere à biblioterapia um lugar de destaque no cenário dos estudos culturais, sendo um lugar estratégico que permite buscar aliados e parcerias e que tem um exercício aberto a críticas, contribuições e parcerias. Resumindo, diz que a “biblioterapia auxilia o indivíduo a enfrentar a complexidade e a perplexidade

do homem contemporâneo diante de situações que, cada vez exigem decisões mais rápidas, competentes e criativas” (MIRANDA, 2006, p. 85), e que a leitura possibilita ao sujeito um melhor entendimento de determinadas questões, auxiliando-o na tomada de decisões.

Pinheiro (2001) realizou estudo apresentando a leitura/informação como prática social e de atribuição de sentido no contexto do câncer infantil. Nesta pesquisa, compreende a leitura como um manancial de informações capaz de atribuir sentido à vida e a informação, as palavras e as práticas como interações equilibradas, como elementos importantes na luta contra o câncer, considerando que os fenômenos de transformação social contribuem para gerar o discurso necessário à mediação das relações das crianças com a doença, com os outros e consigo mesmas, ampliando, deste modo, as chances de superarem os obstáculos e as limitações que a enfermidade impõe e de exercitarem a capacidade de serem livres para o exercício da cidadania. Aponta, ainda, que a pesquisa nesta área do conhecimento ousou demarcar, teoricamente, uma ação interdisciplinar.

É difícil imaginar a Ciência da Informação sem essa dimensão social, visto que, à medida que solidifica seus esforços e amplia seu espaço de atuação e reflexão, faz do seu objeto – a informação – um fenômeno transformador de relações e práticas sociais concretas, que se utiliza de ‘fios’ (dados empíricos) como ponto de partida, para tecer discursos, recriar mundos e dar sentido à vida. (PINHEIRO, 2001, p. 25).

Pereira, em sua dissertação de mestrado, apresentada em 1989, realizou estudo de biblioterapia em instituições de deficientes visuais. Partindo de sua experiência como bibliotecária do setor Braille da Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), executando um serviço de extensão com esta categoria de excluídos, destaca a importância de valorizar a leitura orientada e crítica como um elemento de libertação e de engrandecimento humano, de autorrealização e aperfeiçoamento. Definindo a biblioterapia como a utilização de livros para assistir pessoas no tratamento de problemas nas suas vidas, resolvendo conflitos internos e interpessoais, tratando desgostos ou outras emoções fortes ou enfrentando as mudanças indeterminadas das vidas, ressalta, ainda, que o trabalho com textos literários reintroduz na leitura o lado do prazer, que é definido pelos atrativos do lúdico e da fantasia, dizendo:

o componente que torna a biblioterapia uma técnica de aconselhamento é naturalmente o conselheiro e/ou biblioterapêutico, que pode ser um professor ou outra pessoa, que trabalha com portadores de deficiências visuais, que prescreve material específico para dar assistência a um cliente na solução de problemas específicos. (PEREIRA, 1996, p. 3).

Confirmando a interdisciplinaridade e as contribuições da leitura terapêutica em outras áreas, Ceribelli (2007, p. 7), em pesquisa na área de saúde, buscou apreender como a mediação da leitura, uma estratégia utilizada por instituições de saúde com o objetivo de levar crianças e adolescentes hospitalizados à mediação da leitura infanto-juvenil, que acontece no Projeto Biblioteca Viva em Hospitais, como um recurso de comunicação com crianças e adolescentes hospitalizados, pode ser um recurso de comunicação. A autora mostra que a leitura terapêutica tem sido amplamente divulgada dentro e fora do hospital, por diversos profissionais, como bibliotecários, fonoaudiólogos, psicólogos, pedagogos, enfermeiros e terapeutas ocupacionais, e aponta que, no contexto da hospitalização, em que a rotina da vida é modificada e alterada pela doença, o contar/ouvir histórias e o brincar são fundamentais como possibilidade de organização que leva o indivíduo a compreender esta situação de forma mais diluída.

Segundo Schlenther (1999 apud CERIBELLI, 2007, p. 31), pode-se distinguir três tipos de terapia pela leitura: a *de crescimento*, que tem como principal objetivo divertir e educar; a *factual*, que informa e prepara o paciente para o tratamento hospitalar; e a *imaginativa*, cujo objetivo é explorar os sentimentos e tratar os problemas emocionais. Moyle et. al. (1994 apud CERIBELLI, 2007, p. 32) relatam que a biblioterapia pode ser utilizada para fins de diagnóstico, tratamento e prevenção de moléstia, de problemas pessoais e emocionais, podendo optar pela atuação na leitura terapêutica somente aqueles com formação para tal, sendo a biblioterapia uma especialidade da biblioteconomia.

Negromonte (2007), em pesquisa realizada na área de Linguística, buscou investigar as práticas de leitura na população carcerária de Igarassú, em Pernambuco. O trabalho foi direcionado para este público específico, o carcerário, pelo entendimento de que são restritas as opções de lazer, de ocupações úteis ou prazerosas que possam modificar positivamente o comportamento destas pessoas e por acreditar “que o estímulo à leitura, pautado em estratégias pedagógicas e

critérios orientadas, pode se tornar um excelente mecanismo de inclusão social e, em decorrência disso um elemento de agregação pacífica na unidade prisional” (NEGROMONTE, 2007, p. 4).

Aponta, ainda, que a convivência diária com a violência e a falta de estrutura adequada gera nessas pessoas um vazio muito grande, revolta e sentimento de indignação, podendo a leitura se tornar uma via de acesso à reintegração social desses indivíduos, visto que, através dela, há a possibilidade de um desenvolvimento pessoal e da incorporação de novas ideias e novos conceitos, por ser o ato de ler um processo de interação no qual o sujeito privado de sua liberdade pode se desenvolver, melhorar sua autoestima, sentir-se mais fortalecido e encorajado para enfrentar as dificuldades e entender melhor a situação pela qual está passando.

A leitura com foco terapêutico é uma prática multidisciplinar utilizada pela Biblioteconomia, a Psicologia, a Educação e a Medicina, dentre outras ciências, cujo objetivo principal é auxiliar o indivíduo a compreender melhor a si mesmo e ao mundo, diante dos sofrimentos, uma prática que vem sendo utilizada desde os primórdios dos tempos, em que as bibliotecas e os espaços dos livros eram concebidos como sagrados e serviam para ajudar a aliviar a dor, nos momentos de dificuldades das pessoas, propiciando bem-estar. Segundo Alves (1982), “[...] as bibliotecas egípcias ficavam localizadas em templos denominados de “casas de vida”, locais de conhecimento e espiritualidade”, o que revela o poder terapêutico da leitura desde épocas passadas.

Pode-se assim dizer que a leitura pelo viés terapêutico é uma atividade alternativa que pode ser auxiliar ou complementar a algum tratamento. A biblioterapia vista seja como arte seja como ciência amplia o seu campo de atuação e aponta um fazer a mais para esse profissional de múltiplos fazeres, o bibliotecário, que pode contribuir de forma significativa com a sociedade auxiliando as pessoas nas suas dificuldades, através da leitura terapêutica de desenvolvimento.

5 DROGAS NA SOCIEDADE

A utilização de drogas remonta a épocas longínquas da história da sociedade e as diversas culturas sobreviveram e continuam a sobreviver com este uso, de acordo com as suas necessidades, mas o que se observa é que o uso das substâncias psicoativas se dá, na contemporaneidade, diferentemente de épocas passadas. “Ao percorrermos a história da civilização, encontramos a presença de drogas em vários contextos: religioso, místico, social, econômico, medicinal, cultural, psicológico, climatológico, militar e do da busca pelo prazer” (TOTUGUI, 1988, p. 1), cada povo se utilizando das substâncias psicoativas de acordo com a sua própria cultura.

Desde o início da história, o homem tem demonstrado curiosidade ou desejo por alguma droga, de acordo com Nery Filho que afirma:

uma das características fundamentais do ser humano é o viver em várias dimensões, em diferentes tempos e lugares em seu cotidiano de vida. A memória é um mecanismo poderoso para a realização de viagens, assim como o pensamento e os devaneios (1995, p. 27).

As drogas possibilitam este momento de transcendência em busca de novas sensações, de prazer ou, até mesmo, para suportar as dores e angústia que oprimem e atormentam a alma. Ao longo dos tempos, os povos buscavam o encontro com o sobrenatural e a droga era a substância que facilitava as visões que as pessoas desejavam ter e viver naquele momento, diferentes da vida real.

A droga está presente nos diversos contextos, além de na busca pelo prazer. Pode-se citar como exemplo o uso do ópio que, provavelmente, se iniciou na Mesopotâmia, 3.000 anos antes da Era Cristã e, como símbolo mitológico dos antigos gregos, tinha um significado divino, sendo os seus efeitos vistos como um presente dos deuses que tinha o poder de acalmar os enfermos. Totugui (1988, p. 1) destaca que a história mundial do consumo do ópio passa também pela história da China, onde, desde tempos imemoriais, a planta que fornece o ópio (a papoula) é símbolo nacional, tal como os ramos do café e do tabaco fazem parte do brasão da República Federativa do Brasil.

A literatura científica dá conta de que o opium já era conhecido há mais de cinco mil anos antes de Cristo, e relacionado com a alegria e

divertimento entre os sumérios. Os egípcios, por sua vez, conheciam o cânhamo (maconha) e outras substâncias com propriedades narcóticas e tóxicas. (NERY FILHO, 1995, p. 30).

Essas representações revelam, principalmente, um forte compromisso na ordem simbólica de um povo e não apenas a inclinação pelo celestial e pelo amor à natureza. (TOTUGUI, 1988, p. 1). As drogas têm um significado na vida das pessoas e, à proporção que se ampliou o conhecimento sobre estas substâncias, as sociedades começaram a utilizá-las com maior abrangência e precisão, buscando respostas para muitas questões.

[...] o ser humano jamais, em qualquer cultura, viveu apenas a dimensão real do cotidiano. O sonho, a interpretação e a formação dos sonhos tiveram uma influência tão grandiosa que todas as culturas desenvolveram formas de transcendências, sempre regulamentadas socialmente, em que o uso de drogas tinha o seu lugar bem definido. (NERY FILHO, 1995, p. 30).

Para uma melhor compreensão deste trabalho dentro da Ciência da Informação, apresenta-se alguns conceitos referentes às drogas articulado com o pensamento do uso de substâncias psicoativas como o resultado da interação de três fatores principais o indivíduo, a droga e o contexto sociocultural.

‘Drogas’ não são somente compostos dotados de propriedades farmacológicas determinadas, que possam ser natural e definitivamente classificadas como boas ou más. Sua existência e seus usos envolvem questões complexas de liberdade e disciplina, sofrimento e prazer, devoção e aventura, transcendência e conhecimento, sociabilidade e crime, moralidade e violência, comércio e guerra. (SIMÕES, 2008, p. 13).

“Droga é toda substância que introduzida no organismo provoca alterações no seu funcionamento, modificando uma ou mais de suas funções” definem Costa e Gonçalves, (1988, p. 9), e promove determinadas alterações nos sentimentos, no humor e na percepção. Segundo a Lei nº 11.343/2006, a nova lei de drogas, é a seguinte a sua definição:

Art. 1º – Parágrafo único. Para fins desta lei, consideram-se como drogas as substâncias ou os produtos capazes de causar dependência, assim especificados em lei ou relacionados em listas atualizadas periodicamente pelo poder Executivo da União.

Sobre elas, diz Nery Filho;

As drogas são remédios e assim o foram, ao longo da história em todas as culturas. Não curam, adoecem de um outro modo, quando buscadas como mitigadoras de dores. São estimulantes quando associadas ao prazer e dominadas pela vontade de quem as usa, e são venenos quando dominadoras do espírito. Por elas pode-se ir, como testou Huxley, ao céu e ao inferno. (1995, p. 28).

Conforme Oliveira (1988, p. 15), há um grupo de produtos químicos chamados psicotrópicos que provocam alterações no sistema nervoso central, na percepção e no humor, induzindo a sensações de prazer e euforia ou aliviando as angústias, os medos, as frustrações e as dores, mesmo que temporariamente. Atuam principalmente no cérebro, mas, também, em outros órgãos do corpo como o coração, os intestinos e vasos sanguíneos e a intensidade das alterações por elas produzidas dependem do tipo, da quantidade, das expectativas em relação ao uso e das circunstâncias nas quais este ocorre.

5.1 CLASSIFICAÇÃO DAS DROGAS

As drogas, segundo Edylla Oliveira (1988, p. 16), podem ser classificadas em três grupos: depressores, estimulantes e perturbadores.

5.1.1 Depressores

São drogas que diminuem a atividade do sistema nervoso central (SNC), fazem com que o cérebro funcione lentamente, reduzindo a atividade motora, a ansiedade, a atenção, a concentração, a capacidade de memorização e a capacidade intelectual. Estão nesse grupo: os ansiolíticos (tranquilizantes), opiáceos, hipnóticos, álcool e inalantes.

Ansiolíticos – drogas sintéticas que aliviam a ansiedade e a tensão. Os mais comuns são as substâncias chamadas benzodiazepinas; estas drogas podem causar dependência psíquica, física e tolerância.

Opiáceos – o ópio (“suco”, em grego) é obtido a partir do suco da papoula (*papaver somniferum*), planta que é especialmente cultivada nos países asiáticos. Várias substâncias são extraídas do ópio, sendo as mais utilizadas, morfina,

codeína, papaverina e tebaína; pode ser fumado, injetado ou administrado oralmente.

Hipnóticos – drogas que deprimem o sistema nervoso central, induzem ao sono e podem produzir sensação de ressaca. Os mais destacados no que se refere às toxicomanias são os barbitúricos.

Álcool – apesar de esta substância ser aceita socialmente e de seu consumo ser incentivado pela sociedade, o álcool é uma droga psicotrópica que atua no sistema nervoso central e que, em pequenas doses, promove euforia e desinibição, porém, em doses maiores leva à depressão podendo causar os mesmos problemas de dependência física, psíquica e tolerância que as drogas ilícitas; pode ser considerado um problema de saúde quando o seu consumo é feito em excesso, pois está diretamente ligado aos acidentes com mortes no trânsito e à violência doméstica; seu principal agente é o álcool etílico.

Solventes ou inalantes – este grupo inclui os solventes orgânicos e o clorofórmio. O éter solvente é uma substância volátil, que se evapora naturalmente e, por isto, pode ser facilmente inalada. Os solventes tiveram início como drogas de abuso por volta de 1960, nos Estados Unidos. No Brasil, a referência deste uso aparece no período de 1965-1970. A substância química mais encontrada nestes produtos é o tolueno.

Os solventes orgânicos são encontrados em muitos produtos que estão à disposição para venda sem nenhuma restrição, como, por exemplo, em vários tipos de cola, tira-manchas, fluido de isqueiro, removedores de tinta e vernizes. A inalação repetida de solventes orgânicos pode levar a lesões irreversíveis do córtex cerebral, da medula óssea, dos brônquios e dos rins. O clorofórmio e o éter são substâncias que foram utilizadas durante muito tempo como anestésico. Depois, com o aparecimento de novas substâncias mais eficientes e seguras, este uso foi abolido. Por volta de 1965, começou a surgir a referência ao uso de lança-perfumes², à base de clorofórmio e éter. O lança-perfume e o “loló”³ apresentam riscos sérios à vida, podendo levar imediatamente a parada cardíaca e morte súbita.

² O lança-perfume é uma droga manufaturada com solventes químicos à base de cloreto de etila.

³ Loló é o nome popular de um entorpecente baseado em clorofórmio.

5.1.2 Estimulantes

São drogas que deixam o cérebro mais ativado, aumentam o estado de alerta e a atenção, diminuindo a fadiga e o sono. As principais drogas estimulantes são as *anfetaminas* e a cocaína.

Anfetaminas – drogas sintéticas de efeito estimulante, sintetizadas, pela primeira vez, em 1887 e lançadas no mercado em 1932, foram difundidas no período da Segunda Guerra Mundial com o objetivo de aumentar a resistência à fadiga. Por volta dos anos 70, passaram a ser consideradas drogas psicotrópicas, tendo a sua comercialização e produção controladas. A denominação anfetamina é atribuída a algumas substâncias como fenproporex, metilfenidato, manzidol, metanfetamina e dietilpropiona que são encontradas em medicamentos à venda nas farmácias. Elas são muito utilizadas, clinicamente, como moderadores de apetite e seu maior público é composto por mulheres que buscam o emagrecimento. Conhecidas, também, como “rebites”, são muito utilizadas por motoristas para inibir o sono e a fadiga permitindo dirigir por mais tempo. As anfetaminas acabam com o sono e o apetite e deixam seus usuários em estado de excitação constante. Quando decidem parar o seu uso, experimentam angústia, medo, pânico, ideias de perseguição, instabilidade e perturbações psíquicas de toda a ordem. De acordo com Oliveira (1988), os usuários de anfetaminas podem desenvolver dependência psíquica grave podendo também chegar ao colapso.

Cocaína – substância psicoestimulante extraída das folhas de uma planta originária da América do Sul, popularmente chamada “coca” (*Erythroxylon coca*). Seu consumo pode ser feito de várias formas: pode ser aspirada, sob a forma de um sal, o *cloridrato de cocaína*, popularmente conhecido como “pó”, “farinha”, “neve” ou “branquinha”, que é solúvel em água, podendo ser consumido pela via intravenosa (“pelos canos”, “baque”); pode também ser encontrada sob a forma de base, que é o “crack” e “merla” os quais, por serem pouco solúveis em água, são fumados em cachimbos ou cigarros.

Há, ainda, a *pasta de coca*, um produto grosseiro, que, por ser extraído nas primeiras fases de produção da cocaína, quando esta é tratada com solventes orgânicos como o querosene, tem muitas impurezas tóxicas e é fumada em cigarros chamados “basukos”.

Os efeitos para quem as usa são a sensação de grande força muscular, estado de alerta, euforia, alucinações visuais e auditivas, ideias de perseguição, perda de apetite e insônia. Ela produz intensa dependência psíquica e tolerância e, assim, o usuário de cocaína necessita cada vez mais de maiores quantidades da substância para alcançar o efeito desejado.

No caso do crack e da merla, o efeito do uso é de curtíssima duração, o que leva o usuário a repetir o uso em uma mesma ocasião, um uso compulsivo que leva o usuário, rapidamente, à dependência.

Tabaco – é uma planta cujo nome científico é *nicotiana tabacum*, da qual é extraída o tabaco. Seu uso inicial se deu por volta do ano 1000 a.C., pelas sociedades indígenas da América Central, em rituais mágicos religiosos com a finalidade de purificação. Atualmente, é cultivado em todas as partes do mundo, sendo responsável por uma economia de milhões de dólares. Mesmo com todos os males que provoca nos fumantes ativos e passivos é uma das drogas mais consumidas no mundo. O uso constante de cigarro aumenta a probabilidade de várias doenças, dentre elas, pneumonia e câncer de pulmão, laringe, faringe, esôfago, boca, estômago e outros.

5.1.3 Perturbadores (alucinógenos)

São substâncias que podem ser obtidas de forma natural ou sintética e que perturbam a atividade do cérebro. Dentre estas, podemos destacar o *LSD*, o cânhamo (haxixe, ganja e maconha), a hoasca (ou ayahuasca) e a beladona.

LSD 25 (dietilamida de ácido lisérgico) – derivado semissintético de uma substância encontrada em um fungo que cresce no centeio, o número 25 faz referência ao vigésimo quinto produto químico que passou por transformações químicas. É uma substância cujo efeito alucinógeno foi descoberto em 1947, pelo químico suíço Hofmann. Pouquíssima quantidade (microgramas) já é suficiente para produzir fortes alucinações no indivíduo. É um alucinógeno que pode provocar várias distorções no cérebro. Utilizado normalmente por via oral, também pode ser misturado ao tabaco e ser fumado.

Cânhamo (*Cannabis sativa*) – a substância ativa do cânhamo é o delta 9-tetra-hidrocanabinol (THC), uma substância química que está presente na planta

da maconha. De acordo com Oliveira (1988), este derivado pode receber diversos nomes, a depender do material utilizado para prepará-lo: maconha, composta de flores e folhas; ganja, apenas flores; haxixe, composta da resina obtida da planta, sendo a mais potente das preparações de cannabis.

Os efeitos provocados pelo THC, no sistema nervoso central, dependem da quantidade utilizada, da expectativa e do ambiente. Os resultados apresentados geralmente são: leve estado de euforia, relaxamento e risos imotivados. É conhecida também com diferentes nomes como: THC, Hashishi, Bangh, Ganja, Diamba, Marijuana, Marihiana. As folhas secas da planta podem ser fumadas, através de cigarros artesanais, ou ingeridas em bolos e doces; pode também ser consumida em forma de uma pasta semissólida, conhecida como haxixe, onde se encontra a maior concentração do THC.

Hoasca ou ayahuasca – “hoasca” (vegetal) ou “ayahuasca” (daime) são os nomes dados ao chá alucinógeno utilizado em algumas seitas, segundo Goulart (2008, p. 251), que identifica: “Ayahuasca, Daime e Vegetal [como] elemento central de diferentes cultos religiosos surgidos na Amazônia brasileira a partir, principalmente, da década de 1930”.

A primeira religião ayahuasqueira brasileira foi o Santo Daime, criada por Raimundo Irineu Serra, o mestre Irineu, nos anos 1930, no Acre. A palavra Daime é o nome do culto e também da bebida utilizada. “Dai-me” é um pedido feito, nas invocações espirituais, ao próprio chá por quem o toma: dai-me paz, dai-me sorte, dai-me saúde...

Seres ancestrais, ao utilizarem as plantas, percebendo os efeitos mentais que elas proporcionavam, passaram então a respeitá-las e a tê-las como plantas divinas, pois, após a ingestão do chá alucinógeno, eles poderiam manter contato com os deuses, e é por isto que em muitas culturas indígenas de vários países o uso destas plantas alucinógenas traz a representação do religioso.

5.2 SITUAÇÃO DAS DROGAS NO BRASIL

O uso indevido de drogas constitui um fenômeno de grande complexidade, nos dias atuais e, em todo o mundo, há uma proliferação muito rápida e sem precedentes deste uso. Informações do Relatório Mundial sobre Drogas, de 2012, da Organização das Nações Unidas (ONU), revelam que a prevalência do uso

de cocaína na América do Sul, América Central e Caribe permanece elevada (0,7%, 0,5% e 0,7%, respectivamente). Na América Central, a prevalência anual do uso de ETS (estimulantes de tipo anfetamínico) foi relatada mais elevada do que a média global, particularmente em El Salvador (3,3%), Belize (1,3%), Costa Rica (1,3%) e Panamá (1,2%). O uso indevido de substâncias farmacêuticas que contêm opiáceos e estimulantes de venda livre ou com prescrição médica também continua preocupante na América Central e na América do Sul.

Em relação ao Brasil, embora não existam dados recentes sobre o uso de drogas ilícitas no país, os especialistas perceberam um aumento do uso de cocaína, em 2010. As apreensões federais mais do que triplicaram desde 2004, chegando a 27 toneladas, em 2010, de cocaína, e 155 toneladas da erva de *cannabis*. O aumento nas apreensões também pode refletir o papel do Brasil como um país de partida da cocaína contrabandeada através do Oceano Atlântico. A Bolívia (Estado Plurinacional) e Peru se tornaram fontes importantes de cocaína para mercados ilícitos no Brasil e nos países do Cone Sul, da América do Sul. Uma parte da cocaína enviada para o Brasil é subsequentemente contrabandeada para a África (sobretudo o Oeste e Sul da África), tendo a Europa como destino final.

Devido às afinidades linguísticas com o Brasil e alguns países africanos, Portugal emergiu como área significativa para o trânsito de cocaína, notavelmente, durante o período de 2004 a 2007, enquanto a rota do Oeste da África parece ter se tornado menos ativa, em anos recentes. Na América do Norte, o uso de drogas é mais elevado no Canadá e nos Estados Unidos onde a renda disponível é maior do que no México. Na América do Sul, o uso de drogas é mais elevado nos países do Cone Sul, que têm níveis mais elevados de renda disponível do que o resto do subcontinente. No país mais extenso da América do Sul, o Brasil, o uso de drogas é mais difundido no Sul – região relativamente mais rica – do que no resto do país. Semelhantemente, na Europa, o uso de drogas em geral é mais elevado no Oeste da Europa onde a renda disponível é mais elevada do que no Leste e Sudeste.

Pesquisas científicas desenvolvidas no Brasil, nas últimas décadas do século XX, confirmam um número crescente, no que diz respeito ao uso de drogas. Em 2001, foi realizado um levantamento domiciliar em 107 cidades brasileiras com população superior a 200 mil habitantes (GALDURÓZ et al., 2005) no qual estimou-se que 19,4% dos entrevistados já haviam feito uso na vida de alguma droga ilícita. As drogas mais citadas foram a maconha, com 6,9%, e os solventes, com 5,8%; já a

cocaína apresentou um percentual de 2,3% e o crack foi referido apenas por 0,4% dos pesquisados.

Um segundo levantamento domiciliar foi realizado em 2005, em 108 cidades com o mesmo perfil populacional do realizado em 2001 (CARLINI et al., 2006) e, nesta pesquisa, os dados relativos ao uso na vida para drogas ilícitas apresentaram percentual de 22,8%, indicando um aumento quando comparado ao levantamento realizado em 2001. A maconha e o solvente permaneceram como as drogas mais referidas, com 8,8% para a maconha e 6,1% para os solventes. A cocaína apresentou um percentual de 2,9% e o crack, percentual de 0,7%, para uso na vida, ressaltando-se, também, que a indústria farmacêutica tem obtido valorados lucros com a venda de medicamentos. Essas informações mostram um aspecto da sociedade atual, a existência de regras tóxicas de convivência, pois, como dizem Costa e Gonçalves, essa é uma “civilização química”, na qual modificar o estado de humor através de uma substância química converteu-se em algo habitual, corriqueiro” (1988, p. 48).

Illich (1975 apud NERY FILHO, 1995) cunhou a expressão “sociedade drogada”, que revela ser esta uma sociedade enfraquecida, vulnerável, ou mesmo doente, em consequência da valorização unidimensional da produção e do consumo, do desempenho e da competição, deixando de lado dimensões fundamentais da vida social afetiva e comunitária, que não se deixam monetizar, tampouco erradicar, sem provocar prejuízos profundos, morais e intelectuais, amputando projetos de vida verdadeiramente humanizantes.

O consumo de drogas ocupa posição de destaque na sociedade por seu alto valor lucrativo regido pela lei da oferta e da procura. Salienta-se, ainda, que o uso de drogas nas sociedades contemporâneas deve ser destacado não somente pela existência do narcotráfico ou pelo aumento do consumo, que se alastra velozmente, mas pela forma como esta questão é abordada nas manifestações das autoridades, pela opinião pública e pelos meios de comunicação de massa. “O conhecimento divulgado pela mídia ainda é extremamente estigmatizador e preconceituoso em relação aos usuários de drogas”, diz Zaluar (1999, p. 1), já existindo uma condenação e uma repressão desmedida ao uso das substâncias psicoativas ilícitas como, por exemplo, a maconha e a cocaína, enquanto o apelo de incentivo é muito forte, principalmente, através das propagandas, quando se trata do consumo das substâncias lícitas como o álcool, o fumo e os medicamentos

psicotrópicos, que também trazem danos significativos à saúde do indivíduo e à sociedade.

Segundo Bucher (1995, p. 35), “a relatividade cultural e histórica da distinção entre drogas legais e ilegais, portanto, é menosprezada: a proibição legal, embora aleatória e inoperante para a redução do consumo, é considerada como absoluta e intocável”. Conhece-se os aspectos farmacológicos das substâncias psicoativas, os danos que causam ao organismo físico e os efeitos sobre o psiquismo, mas conhece-se mal ou, na verdade, não se conhece os aspectos relacionados às motivações individuais e aos determinantes sociais e culturais do uso destas substâncias, confirma Nery Filho (2000, p. 9), e não se entende a real necessidade nem os motivos efetivos dos sujeitos que buscam o uso de substâncias psicoativas

A relação de drogas psicoativas proibidas neste início de século é considerável e são muitas aquelas presentes em normas domésticas e internacionais que estabelecem critérios para o seu controle ou erradicação. A partir dos anos 1960, a Organização das Nações Unidas (ONU) patrocinou diversos encontros para a formação de um conjunto de regras com o objetivo de padronizar o tratamento com psicoativos. O resultado deste esforço é a identidade das leis sobre drogas no mundo que, apesar das especificidades locais, trazem em comum a fórmula de “proibicionismo”, que é uma prática moral e política que diz que o Estado deve, através de leis próprias, proibir determinadas substâncias e reprimir o seu consumo e sua comercialização (ESCOHOTADO, 1996).

Essa pressão moralista contra as drogas remonta a finais do século XIX e princípio do século XX, e assumiu formas particulares nas Américas, Europa e Ásia. Se hoje o proibicionismo está cristalizado em normas internacionais, há cerca de um século havia um vazio jurídico que deixava ainda intocado, do ponto de vista da regulamentação legal, um mercado de drogas psicoativas bastante vigoroso e mobilizador de importantes interesses econômicos. (RODRIGUES, 2008, p. 91).

A origem desse modelo se localiza nos EUA, no século passado, e advém dos resultados das alianças formadas entre a medicina, a farmacologia científica e o ponto de vista jurídico legal (ESCOHOTADO, 1995). A partir daí, as novas regras sobre o consumo de drogas no Ocidente se tornaram hegemônicas, com a internacionalização do movimento proibicionista e o apoio da ONU. A assinatura de

acordos internacionais, como o de Xangai e o de Haia, em 1912, foi a base para o governo estadunidense adequar as leis domésticas dos EUA em matéria do controle de drogas.

Essas discussões reverberavam posturas provenientes dos movimentos que se alastravam nos EUA onde grupos sociais organizados exigiam ordem contra a ameaça que a imoralidade e os vícios traziam para a sociedade. Eram ligas que defendiam o fechamento dos bares, considerados como os espaços onde se concentravam os males do jogo, da prostituição e do consumo de álcool e, de acordo com Rodrigues (2008, p. 93), o álcool, em particular, era um dos principais alvos das cruzadas puritanas e se tornou a mais atacada droga psicoativa nos momentos de construção do proibicionismo.

Em 1914, a aprovação do *Harrison Act*⁴, instaurou nos Estados Unidos determinações de controle médico já proclamadas internacionalmente, mas é a *Volstead Act*, de 1919, conhecida como “Lei Seca”, a norma que merece destaque como a primeira lei proibicionista contemporânea. A aprovação da Lei Seca implicava na proibição à produção, circulação, armazenagem, venda, importação, exportação e ao consumo de álcool, em todo o território estadunidense, que logo atingiria outros psicoativos que não estavam regulamentados. “A meta da Lei Seca era sufocar práticas e eliminar uma droga como se ela jamais houvesse existido e sido consumida e desejada”, diz Rodrigues (2008, p. 94), uma meta que não obteve o êxito desejado pelos seus legisladores, visto que não faltaram negociantes dispostos a atender à demanda desta clientela, não acontecendo a diminuição ou a supressão (como desejado) do uso do álcool, que permaneceu com os seus mesmos modos e desejos inalterados, porém agora em um formato ilegal e criminoso perante a lei. Assim, o que se conseguiu com essa lei, foi criar um campo de ilegalidades: inventou-se um crime e novos criminosos.

Como o álcool continuou a ser procurado, vendido e consumido, fazia-se necessário aplicar a lei e, assim, em 1920, o governo dos Estados Unidos criou um aparato fortemente repressivo, o que justificou a criação de uma agência federal específica, o *Federal Bureau of Narcotics* (FBN) para o combate rígido às drogas proibidas ou controladas. Para Rodrigues, “o proibicionismo estabelece um novo

⁴ Lei aprovada em 30 de junho de 1914 – Lei que inaugurava formalmente o poder terapêutico do Estado ao instaurar medidas claras de regulação sobre a produção e o comércio de drogas.

crime e um novo mercado; as normas proibicionistas, antes de banir as drogas visadas, acabam por inventar o narcotráfico” (2008, p. 94).

Segundo Trad (2009, p. 97), no Brasil, o modelo de prevenção se firmou com a visão puramente proibicionista advinda de outros formatos, centrado na ilegalidade das drogas, na repressão e na abstinência, um processo que se inseria em um projeto mais amplo de modernização e no ideal civilizatório da sociedade brasileira que despontava no discurso médico intelectual. Contudo, o Estado, a partir da Era Vargas, passou a conduzir a abordagem de drogas de duas formas: uma, liberal, direcionada para as drogas legais; e outra, intervencionista e punitiva, direcionada para as drogas ilegais.

Ainda, segundo Trad (2009, p. 103), durante o primeiro período da Era Vargas, o Brasil aderiu à Convenção Internacional de Ópio, realizada em Haia, em 1912, em que, pela primeira vez, se criava uma legislação que punia o usuário de drogas, como a maconha, a cocaína e o ópio. Estas novas medidas baseadas na política proibicionista norte-americana, tinha como eixo fundamental a ilegalidade das drogas, a repressão e a abstinência. A falta de consistência dos argumentos técnico-científicos foi compensada pelo viés ideológico que, de certa forma, alterou os ideais de prevenção.

No período da ditadura militar, a partir de 1964, as instituições públicas assumiram um modelo de saúde pública com características de heterocontrole no qual, dizem Castel e Coppel (1991), instituições possuíam uma dupla função, a defesa social ou de saúde pública e a proteção do indivíduo toxicômano considerado como incapaz de administrar o consumo e necessitando da ajuda de um órgão intervencionista. Esta forma de atuação intervencionista é o resultado da fusão do discurso moral do século XIX com o discurso médico do início do século XX que, posteriormente, adquiriu a forma de prevenção de saúde pública.

A partir dos anos 1980, portanto, da redemocratização do país, surgiram novos discursos sobre as drogas trazendo à discussão a questão da prevenção em oposição à política repressiva estabelecida pela ditadura militar (TRAD, 2009, p. 98). O modelo proibicionista de drogas incorporado à saúde pública começou a ser problematizado pelas Ciências Humanas e Médicas que questionavam a abordagem do Estado, manifestando uma nova perspectiva sobre as drogas e os usuários, uma vez que o Estado estava mais preocupado com os interesses políticos e não

percebia a multidimensionalidade da toxicomania, limitando as abordagens à delinquência ou à patologia. Sobre esta visão, diz Nery Filho:

Nossos olhos estão cada vez mais voltados para a descoberta de produtos químicos, capazes de suprimir o desejo de alterar a percepção do mundo, um mundo cada vez mais complexo, ou de conformar o usuário dependente à ordem do Estado, tornando-o 'toxicômano domado', segundo a expressão de Claude Olievenstein. (2000, p. 9).

A maconha (*Cannabis sativa*), substância ilegal de uso mais difundido no Brasil, com uso disseminado especialmente entre os jovens, de acordo com MacRae e Simões, “enquanto ‘droga’ [...] é tratada em termos quase sempre negativos como ‘causa’ de distúrbios físicos, psicológicos e morais, como mal a ser extirpado” (2000, p. 13). A utilização social das propriedades da maconha não é recente: acredita-se que o hábito de fumá-la tenha chegado ao país através dos escravos africanos, desde o período da colonização, quando o seu uso se difundiu por determinadas áreas do Norte e Nordeste do país entre os habitantes das zonas rurais, os indígenas e segmentos urbanos populares e marginalizados. Ela era usada entre os negros do Nordeste e indígenas como erva medicinal e como estimulante no trabalho físico e nas pescarias. Segundo Macrae e Simões,

Observadores e estudiosos de cultos afro-brasileiros fizeram referências à utilização da maconha em rituais religiosos, e alguns como Gilberto Freyre, chegaram a associar as tradições religiosas e a maconha como elementos culturais de resistência à ‘desafricanização’. (2000, p. 19).

Apesar de o primeiro ato legal de proibição da venda e uso da maconha no mundo ocidental ter surgido no Brasil, em 1830, o consumo somente se tornou questão de saúde pública, muito tempo depois. Até o século XIX não existiam leis específicas sobre as substâncias psicoativas. O Código Penal da República, de 1890, proibia o comércio de “coisas venenosas”, não fazendo, porém, menção expressa à maconha. Foi a partir das primeiras décadas do século XX, que se passou a ver, no uso da maconha praticado por estratos populares em centros urbanos, um perigo. Assim começou a se consolidar, entre as autoridades médicas e policiais brasileiras, a associação pobre–preto–maconheiro–marginal–bandido. “Textos da literatura internacional sobre ópio e haxixe [...] fomentaram a

interpretação do uso da maconha como fonte de degeneração psíquica e moral e de enfraquecimento da ‘raça brasileira’” (MACRAE; SIMÕES, 2000, p. 20). Atualmente como confirma a literatura, a maconha é a substância ilícita mais utilizada entre os jovens e adolescentes brasileiros.

5.3 ADOLESCÊNCIA – DROGAS

A adolescência, considerada como tendo início aos 12 anos de idade, é um período de mudanças na vida do sujeito, porque, frente a um corpo físico que se desenvolve muito rapidamente e um amadurecimento psicológico que, muitas vezes, se arrasta, lentamente, é quando ele precisa começar a assumir determinadas responsabilidades e compromissos perante a sociedade. Isto explica porque a idade exata para o final da adolescência varia, segundo alguns autores entre 18 e 25 anos. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, por exemplo, estabelece:

Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

Parágrafo único. Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade.

Nessa fase, em que ocorrem transformações essenciais no processo de desenvolvimento do sujeito, uma das representativas mudanças é a questão relativa à dependência e à independência. O estado de dependência é uma característica estruturante e organizacional para o sujeito, podendo-se dizer que é a partir da primeira relação mãe-filho que a criança se torna alguém diferente e único. A partir dela, o psiquismo se desenvolve e, de acordo com Jozenir Oliveira, “é muito importante para a estruturação da personalidade desse futuro adulto a forma como se deram essas primeiras relações e a maneira como foram vivenciadas pela criança” (1988, p. 25); assim, durante a infância, é natural a relação de dependência do indivíduo.

Com a chegada da adolescência existe uma confusão de papéis, pois o indivíduo já não pode mais manter a dependência infantil e ainda não pode assumir a independência adulta. Neste momento, situa-se o descompromisso do

adolescente: ele acredita que os outros é que devem se encarregar do seu princípio da realidade. O adolescente vive entre o real e o sonho, o fantasioso, e isto o confunde e o faz tratar as pessoas como objetos para satisfazer os seus desejos imediatos. Jozenir Oliveira (1988, p. 26) diz que “entrar no mundo dos adultos significa, para o adolescente, a perda definitiva da sua condição de criança”, pois determinados posicionamentos e atitudes passam a lhe ser exigidos perante a sociedade, diferentemente daqueles aos quais ele estava acostumado.

A adolescência traz complexidades, na passagem para a vida adulta, pois, como diz Paiva: “é na fase de vida da adolescência que uma necessidade de afirmação predispõe o indivíduo a testar seus próprios limites, os da natureza e os da comunidade, muitas vezes contestando-os” (1988, p. 36). Nesta fase de transição, diante dos rompimentos necessários frente aos seus pais, muitas vezes, a busca do prazer sem uma orientação adequada, sem informações precisas, leva os jovens a se envolverem com a falsa sedução de prazer trazida pelo uso de substâncias psicoativas que, muitas vezes, pode se iniciar através da influência de amigos, do grupo ou, até mesmo, por conta própria.

Entre os especialistas tem sido cada vez mais consensual que as ‘políticas de repressão’ ou ‘demonização’ do uso de drogas se mostraram historicamente ineficazes. As propostas caminham muito mais no sentido da informação e da educação, tornando disponível para a sociedade, principalmente os jovens, um conjunto de informações mais precisas sobre as ‘drogas’ e seus efeitos. (LABATE et al., 2008, p. 23).

Quando se trata de uma questão tão polêmica como as drogas, existem muitas informações contraditórias e que, quando veiculadas nos meios de comunicação com o objetivo de prevenção, muitas vezes, trazem embutidos moralismo e terror e, com isto, ao invés de atingirem o seu objetivo, que é a prevenção, podem despertar mais o desejo e a curiosidade, principalmente, dos adolescentes, de experimentá-las para terem a sua própria vivência e perceberem como se sentem.

A droga pode aparecer, também, como um fator de igualdade, de afirmação dentro do grupo onde o indivíduo procura buscar a sua identidade, visto que a uniformidade grupal transmite segurança, força, reconhecimento e autoestima,

pois, como confirma Paiva (1988), na adolescência, a tendência grupal é muito forte e ele passa a pertencer mais ao grupo do que à própria família.

A moda e a pressão dos grupos é um motivo considerado importante para o conhecimento das drogas e para o seu efetivo uso. É comum que o jovem procure grupos com os quais se sente seguro para fazer novas identificações que substituirão, pelo menos provisoriamente, as antigas, formadas na família e a droga, para estes grupos, pode ser um instrumento de união significativo. “Esses grupos são também muito influenciáveis por modismos, podendo seguir os preconceitos de movimentos mais gerais que têm o caráter de subculturas, quase sempre com aspectos contestatórios”, diz Paiva (1988, p. 36).

O grupo tem regras definidas e que são sempre valorizadas pelos seus membros, que vão desde o corte de cabelo, os estilos de se vestir, tipos de música, a parada em determinados locais, até o uso de drogas, de acordo com Oliveira (1988), e os relatos destes estágios de usos iniciais têm características específicas de episódios que causam intenso prazer. Geralmente, a primeira experiência se dá com o uso do álcool e da maconha, por serem drogas facilmente acessíveis, como nos confirma Valente (2012, p. 183), através da fala de um paciente usuário de drogas em atendimento em grupo: *Ela me completa. Quando paro de usar parece que está faltando um pedaço, fico triste, desanimado. Uso com a galera prá fazer o que não presta. Ela me dá um empurrão prá fazer as coisas [...].*

Tem-se, também, aqueles que Nery Filho (2010, p. 9) nomeou de “invisíveis”, que estão à margem da sociedade, com suas carências econômicas, fome, miséria, falta de acesso à saúde, ao trabalho e à educação e que enfrentam a discriminação social, só lhe restando como alternativa o uso abusivo de substâncias psicoativas através do qual eles travam uma luta para encontrar sentido para viver. Vejamos a fala de um paciente que Valente (2012, p. 185) nos traz: *Passei meu aniversário num quatinho do clube, que aluguei vendendo droga com a minha mãe. Meu pai é alemão [policial], tenho a maior raiva disso, mas ele também é traficante.*

São vários os motivos que levam o indivíduo a se envolver com o uso de drogas, desde a busca de afirmação, de prazer, de melhorar a tensão no trabalho, na vida sexual, para transgredir normas e a curiosidade, que é uma das motivações externas naturais do ser humano. De acordo com Paiva (1988, p. 33), as motivações para o uso de drogas podem ser “‘internas’ relacionadas à personagem do usuário e ‘externas’ aquelas ligadas aos fatores sócio-culturais”, mas essas motivações são

misturadas a tal ponto, que é difícil separá-las, porque, dentro da vida do sujeito e da sua história, elas se entrelaçam na subjetividade, adquirindo valores individuais e, assim, aquilo que é externo sempre tem uma repercussão e um significado interno.

Entre os fatores de motivação relacionados ao contexto sociocultural, salienta-se que se vive em um mundo globalizado, dentro de uma sociedade capitalista na qual os sujeitos são agressivamente impulsionados a consumir coisas sem refletir sobre os efeitos deste consumismo exagerado na vida: como exemplo, temos algumas substâncias com efeitos psíquicos, o café (cafeína), o cigarro (nicotina) e as bebidas alcoólicas; os ansiolíticos e benzodiazepínicos, as pílulas da felicidade, que são bastante prescritas em todo o mundo, porque já não se admite a angústia humana e qualquer tristeza advinda das perdas ou desafios naturais da vida é considerada como doença que precisa ser curada. Assim, dando esta desculpa para si mesmo, o indivíduo se isenta de assumir as responsabilidades por suas escolhas, na certeza de que o remédio irá corrigir as “distorções”. E dentre os vários produtos expostos para o consumo desenfreado se encontram, também, as drogas ilícitas.

Afirma Paiva (1988, p. 33) que a droga acompanha uma moda, dentro desta mesma mentalidade consumista da sociedade capitalista, que é criada pelo interesse econômico de quem as produz, distribui e veicula, afinal, vive-se na sociedade da informação dispondo de propagandas cheias de glamour, que se apresentam com uma linguagem bastante forte e dinâmica para atrair, principalmente, os jovens, que não conseguem se dar conta do quanto estão sendo manipulados pelos meios de comunicação social. Por detrás de tudo isto, o interesse e o controle ideológico de grupos econômicos, como a televisão, por exemplo, um instrumento forte no condicionamento do indivíduo para o consumo desmedido.

Para esses adolescentes, que vivem em uma cultura em que a toxicomania se inscreve no discurso dominante, uma cultura que prioriza os valores da negação, da angústia, do imediatismo do prazer, do consumo exacerbado, a solução encontrada está de acordo com os valores propostos pela cultura (TOROS, 2007).

5.4 DROGAS – DEPENDÊNCIA

Quando se fala em drogas, pensa-se logo na questão da dependência e surge a pergunta: porque muitas pessoas podem fazer o uso de determinadas substâncias durante sua vida e não se tornar um dependente, mas alguns podem se tornar dependentes? Primeiro, vejamos o conceito do termo. Segundo Silveira Filho:

O termo dependência é utilizado para se referir a determinados comportamentos e designar o abuso ou o excesso como origem do problema. Assim, a relação entre sujeito e objeto configura uma patologia, pela sua intensidade ou pela preponderância, independentemente das características do objeto. (1996, p. 1).

O que se pode perceber é que a questão depende do sujeito e da função que a substância tem na sua vida, pois, como afirmam Costa e Gonçalves (1988), está na natureza do homem estabelecer relações de dependência desde que ele nasce, que podem acontecer quanto a pessoas, objetos, hábitos nas quais o indivíduo busca o seu bem-estar. São variadas, portanto, as possibilidades de dependência tais como: à cocaína, ao álcool, a medicamentos, a alucinógenos, ao tabaco, à comida, ao açúcar, ao café e ao chocolate, sem esquecer dos comportamentos excessivos como o jogo, a televisão, a internet, o esporte, a paixão, os estudos e, até mesmo, o trabalho e o sexo.

As relações de dependência podem ser inofensivas e, em algum momento, até importantes para o amadurecimento e o fortalecimento do indivíduo, mas também existem relações de dependência que podem ser muito prejudiciais e causar grandes danos na vida da pessoa, importando o tipo de dependência e a sua intensidade. Costa e Gonçalves (1988, p. 10) mostram que a relação de dependência com a droga e a possibilidade desta produzir determinados efeitos, principalmente, o do prazer, depende das carências individuais de cada sujeito. Aqui, vale ressaltar que o que se contrapõe à dependência não é a abstinência, mas a liberdade do sujeito, que implica a capacidade de o sujeito adquirir a liberdade de escolher o padrão de uso que estabelecerá com a substância. Logo, o que adoece o sujeito é a perda da sua liberdade em relação ao produto.

Com relação à dependência, esta pode ser física e/ou psíquica. A dependência física, segundo Costa e Gonçalves (1988), diz respeito a um estado fisiológico modificado resultante da adaptação do organismo ao uso continuado de

uma determinada droga psicotrópica. Silveira Filho (1996, p. 3) a conceitua como a “necessidade por parte de um organismo do aporte regular de uma molécula química exógena para a manutenção de seu equilíbrio”, o que significa que, quando a droga é utilizada em quantidades e períodos determinados isto faz com que o organismo estabeleça um novo equilíbrio no seu funcionamento, adaptando-se ao estado da droga. Assim, quando ela é retirada do organismo, que já está a ela adaptado, acontecem alterações físicas que recebem a denominação de síndrome de abstinência e que tem características específicas para cada tipo de droga e ocorre dentro de um limitado período de tempo.

A dependência psíquica significa um impulso, um desejo, uma vontade muito forte, irrefreável de continuar a usar a droga para reencontrar, reexperimentar o prazer, a satisfação que ela produz. Alguns autores dizem que a dependência psíquica se manifesta por uma apetência pelo produto em questão. Sobre isto, afirmam Costa e Gonçalves que

para que uma droga leve a um estado de dependência é preciso que ela tenha propriedades ‘toxicomanógenas’, isto é propriedades capazes de influenciar o SNC no sentido do prazer ou da euforia, e que essas propriedades sejam ‘reconhecidas’ pelo indivíduo (1988, p. 11).

Para Zaluar (1999, p. 13), os usuários são diferentes, professam credos culturais diferentes, logo, é também diferente para cada um o grau de envolvimento ou de relação com a droga. O sujeito também pode apresentar tolerância a determinada substância psicoativa, o que significa que, após o uso frequente de determinada droga psicotrópica, começa a se tornar necessário o uso cada vez maior da substância para se obter o mesmo resultado, o que, a depender da tolerância do organismo, pode levar a uma *overdose*, que significa, descritivamente, que a quantidade de substância absorvida é suficiente para matá-lo. Por exemplo, uma determinada quantidade de substância psicoativa, para um indivíduo que não desenvolveu a tolerância, pode levá-lo à morte, enquanto que para aquela pessoa que tem a tolerância desenvolvida para determinada substância, para ser letal, a quantidade necessita ser bem maior, pois, nestes casos já existe uma adaptação do organismo aos efeitos tóxicos da substância.

A mudança de um consumo ocasional para um consumo toxicomaniaco pode se dar através da passagem de uma droga para outra mais potente, definida

como “escalada”, mas pode ser também observada do ponto de vista quantitativo, que é quando o indivíduo caminha de um consumo esporádico para um consumo frequente e com quantidades mais elevadas, apresentando uma progressão do consumo ocasional esporádico para o consumo toxicomaniaco. Assim, o envolvimento com as drogas pode acontecer em graus bem diferenciados. Em nossa sociedade, por exemplo, em geral são muitas as pessoas que bebem, fumam ou utilizam algum medicamento e nem por isso podemos dizer que todas essas pessoas fazem uso abusivo de drogas.

Podemos, assim, diferenciar os vários tipos de usuários:

a) *o experimentalador* – é aquele indivíduo que se limita a uma ou duas tomadas da droga, um contato com o produto que pode se dar por curiosidade, desejo de novas experiências e, até mesmo, por influência do grupo;

b) *usuário recreativo ou ocasional* – é quando o indivíduo utiliza um ou vários produtos de forma esporádica, um uso que geralmente acontece pela facilidade de acesso à droga e em um ambiente bastante favorável, sem nenhum comprometimento ou modificação nas relações afetivas, escolares e sociais em geral;

c) *usuário habitual ou funcional* – é quando o indivíduo faz um uso reiterado do produto e, embora ainda tenha algum controle sobre ele, já apresenta sintomas de rupturas seja a nível escolar, profissional e/ou familiar, porém ainda assim se mantém preservada uma certa integração social, funcional;

d) *usuário dependente ou disfuncional (toxicômano)* – é quando o indivíduo faz uma relação de exclusividade com a droga, tornando-a a coisa mais importante na sua vida e fica sob o domínio da droga, tornando-se gravemente dependente e disfuncional a nível social, pois só consegue enxergar a droga.

Conforme Silveira Filho (1996, p. 9), a maioria dos usuários de drogas nunca será dependente do produto, sabendo-se que os usuários recreativos buscam a droga, sobretudo pelo prazer, enquanto o dependente utiliza a droga para fugir de uma realidade insuportável, situação em que a droga desempenha um papel central, muito importante na sua organização, ocupando espaços e tornando-se indispensável ao seu funcionamento psíquico. Um dependente não pode prescindir da droga: “para este indivíduo, a dependência é a única referência estável e perene, da qual não pode prescindir, na medida em que se configura como sua única ‘lei’

possível” (SILVEIRA FILHO, 1996, p. 9). A droga, neste caso, ocupa a função de colorir o imaginário deste sujeito, como um devaneio, uma defesa, uma proteção contra as dores e o mal-estar insuportável do cotidiano, para encontrar, no prazer da droga, a possibilidade de existência enquanto indivíduo. Conforme Bucher,

O fenômeno moderno das drogas situa-se no centro dos conflitos da sociedade, produzido por ela e decorrente dos seus modos desequilibrados e injustos de se organizar e se valorizar; não se trata de um problema periférico, localizado apenas nos subúrbios ou entre desviantes da ordem pública. (1995, p. 39).

Assim, na contemporaneidade, existem diversos e distintos modos de relação do sujeito com as drogas, comportamentos que têm em comum a falta de limites e o excesso pelo fazer para preencher um espaço vazio. Ainda segundo Silveira Filho, “[...] a noção de falta de limites é frequentemente influenciada pelo julgamento moral da sociedade. Podemos, no entanto, questionar: a partir de quanto algo passa a ser demais? Qual a referência tomada como limite aceitável, admissível?” (1996, p. 2), o que mostra que é a sociedade quem responde a estes questionamentos na definição de limites.

O mercado das substâncias psicoativas controla os mais eficientes instrumentos na luta contra o sofrimento e a busca da alegria. As drogas – não importa se fluoxetina, álcool ou maconha – oferecem a amenização da dor e a intensificação do prazer e, por isto, são usadas. E, de fato, cumprem a promessa – cada uma com suas limitações e preço. Se existem há milênios é porque não enganam a humanidade: trazem aquilo que nelas é buscado (CARNEIRO, 2011, p. 2-3) As drogas se tornam, assim, substâncias que, de certo modo, preenchem as necessidades e os vazios de cada pessoa, aliviando a dor, o mal-estar, trazendo prazer e alegria, mesmo que momentaneamente, e, por vezes, sendo uma falsa sedução. O modo de uso que o sujeito estabelece com elas irá depender das suas necessidades, dos seus vazios, bem como a função e a representatividade que determinada substância terá na vida de cada sujeito.

6 PERCURSO METODOLÓGICO

6.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

A escolha do método e da técnica de investigação é determinada pela natureza do problema ou objeto que o pesquisador busca investigar. Nesta pesquisa de natureza qualitativa, decidiu-se pelo estudo de caso, que se baseia na obtenção de dados descritivos, mediante contato direto e interativo com a situação do objeto de estudo. Conforme Merriam (1988 apud BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 89): “o estudo de caso consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico”.

Este trabalho se voltou para o entendimento da contribuição da leitura no tratamento de pacientes usuários de drogas em uma instituição especializada, buscando entender e interpretar os fenômenos apresentados pelos participantes da situação estudada, estando a pesquisadora diretamente envolvida na pesquisa, que se fundamentou em uma pesquisa descritiva, com a descrição do processo das sessões de mediação de leitura, incluindo relatos de fragmentos da fala dos respondentes para a compreensão da contribuição da leitura no tratamento. Conforme Trivinos (1987, p. 155), a precisão das descrições dos fenômenos sociais é um requisito importante da pesquisa qualitativa, como início para avançar na explicação e entendimento da totalidade do fenômeno em seu contexto.

Adotou-se uma amostragem não aleatória, por julgamento, em que “os elementos escolhidos são aqueles julgados como típicos da população que se deseja estudar” (BARBETTA, 2005, p. 56), sendo o universo do estudo composto por jovens e adultos usuários de drogas em tratamento na clínica do Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas (CETAD/UFBA). A amostra por julgamento se fez necessária, por se trabalhar com um público em situação de vulnerabilidade devido ao uso das substâncias psicoativas, formado por indivíduos que estão em tratamento e têm características e particularidades muito específicas, de modo que somente os psicólogos e psiquiatras que os acompanham poderiam indicar aqueles que estavam aptos a participar da pesquisa.

Na sistematização do estudo, foi fundamental a sustentação do diálogo entre os técnicos da clínica – psiquiatras e psicólogos – e a pesquisadora. Antes do encaminhamento para as sessões de leitura, estes técnicos forneciam informações

preliminares sobre os pacientes, no intuito de avaliar, junto com a pesquisadora, a pertinência do encaminhamento. Cabe lembrar que alguns destes pacientes, além de envolvimento com as drogas têm outro tipo de transtorno psíquico, o que poderia impedir a adesão à atividade proposta, um impedimento que, a depender do transtorno, pode se dar por duas vertentes, podendo atrapalhar a condução da atividade e/ou prejudicar o paciente, mobilizando conteúdos que ele ainda não está pronto para trabalhar. Por este motivo, a contribuição destes técnicos foi fundamental.

6.2 ESPAÇO DE INVESTIGAÇÃO

O local selecionado para a pesquisa foi a clínica do Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas – (CETAD/UFBA).

Inaugurado em julho de 1985, o CETAD/UFBA constituiu-se em uma alternativa de orientação e tratamento para o uso e abuso de drogas, a partir da inquietação e sensibilidade do Professor Antonio Nery Filho, fundador e coordenador geral do Centro, que sempre buscou, juntamente com a sua equipe multidisciplinar especializada, parcerias institucionais que facilitassem a estrutura, o fortalecimento e o desenvolvimento deste trabalho.

As diversas parcerias com outras instituições foram de suma importância para a consolidação do início do trabalho. O Centro Brasileiro para a Infância e Adolescência (CBIA) – antiga Fundação Nacional pelo Bem-Estar do Menor (FUNABEM) –, por exemplo, possibilitou um salto qualitativo nas atividades, subvencionando as primeiras incursões no âmbito da pesquisa e, em 1990, colaborou de perto com as primeiras observações de crianças e adolescentes, segundo Nery Filho (1992, p. 1), “vivendo, trabalhando, crescendo, amando, morrendo e recomeçando de novo a história do dia a dia da rua, da cidade”.

O CETAD/UFBA cresceu e se desenvolveu, fortalecido com sua clínica de orientação psicanalítica, na compreensão do fenômeno da toxicomania, sem perder a dimensão do social, do homem enquanto ser social e, por este viés, segundo Nery Filho:

[...] afastou-se da posição ingênua de uma prevenção ‘impossível’ para a posição mais realista na construção de pequenas barragens,

verdadeiros quebra-mares, capazes de proteger o cais, nunca impedir o oceano de lavar a praia ou explodir em espumas na surpresa do rochedo. (1992, p. 2).

O CETAD/UFBA é um serviço da Faculdade de Medicina da Bahia (FAMED), da UFBA, uma extensão do Departamento de Anatomia Patológica que conta com a parceria da Secretaria da Saúde do Estado da Bahia (SESAB), da Secretaria da Justiça e Direitos Humanos (SJDH), da Prefeitura Municipal de Salvador (PMS), do Serviço Social da Indústria (SESI) e da Associação Baiana de Apoio à Prevenção, Terapia, Estudo e Pesquisa do Abuso de Drogas (ABAPEQ) as quais oferecem a maior parte dos recursos humanos e dos materiais necessários para a realização das ações desenvolvidas no âmbito do tratamento, prevenção e redução de danos a usuários de substâncias psicoativas (SPAs) lícitas e ilícitas. Este serviço está direcionado para a atenção aos usuários e seus familiares, aos profissionais de diversas instituições sociais, comunitárias, jurídicas, de educação e de saúde, através da oferta e do atendimento de demandas de capacitação relacionadas a estas substâncias.

O Núcleo de Clínica do CETAD é composto por uma equipe multidisciplinar formada por Psicólogos, Psiquiatras, Assistente Social e Terapeuta Ocupacional que oferece para a população tratamento especializado para usuários de substâncias psicoativas. Seus objetivos principais são: atuar com excelência operacional e responsabilidade social; oferecer atendimento especializado à população, no que tange à atenção em saúde para o uso de substâncias psicoativas; assegurar o fluxo de atendimento com a Rede de Saúde; e aprimorar a construção de práticas terapêuticas.

Algumas estratégias são implementadas no tratamento, como acolhimento, atendimento e acompanhamento psicológico individual e em grupo, a usuários e familiares, atendimento e acompanhamento psiquiátrico e oficinas terapêuticas. Este tratamento é realizado através de estratégias individuais e/ou grupais, em modalidade ambulatorial, ou seja, de não internação, e se destina àqueles que fazem qualquer tipo de uso de SPA's, mas, também, a familiares quer estejam acompanhados ou não do usuário destas substâncias.

Na clínica do CETAD, o primeiro procedimento realizado é o *acolhimento*, feito por um psicólogo que realiza uma avaliação situacional psicodiagnóstica pretendendo identificar os elementos, a falta deles, os laços de estreitamento entre o

indivíduo e a droga, retirando a universalidade do fenômeno droga e tratando cada caso em sua particularidade. Caminhos são traçados e avaliados no percurso e, muitas vezes precisam ser refeitos em busca de um sentido, um significado para a vida do sujeito. Não se trata apenas de parar de usar drogas, mas de se conscientizar do seu consumo e se responsabilizar por ele. Esta avaliação possibilitará a indicação técnica para tratamento no CETAD ou, ainda, direcionará a pessoa atendida para a Rede de Saúde.

Existem diversos modelos de tratamento ao usuário de drogas, como tratamentos médicos, psicoterapias, terapias cognitivas e comportamentais e grupos de autoajuda, mas não existe um modelo de atendimento, de clínica ideal, formatado, pronto, para atender à demanda do usuário de drogas. Isto dependerá dos critérios e valores estabelecidos pela instituição e do usuário de drogas e sua dependência, pois alguns poderão se beneficiar mais em um modelo ou em outro, salientando-se que é a dependência do uso de drogas que leva o sujeito a buscar o tratamento, mas que, frequentemente, há outro problema associado, como a depressão, transtorno de ansiedade, transtorno obsessivo compulsivo e de personalidade, que precisam também ser tratados.

A clínica do CETAD privilegia o atendimento pautado na inter-relação, que envolve o diálogo, o encontro e a responsabilidade entre dois sujeitos, ou seja, o sujeito e o objeto, dentro da condição do anonimato, gratuidade, vontade e desejo de tratamento do paciente. O objetivo desta clínica não é a abstinência, mas “a perspectiva é descolar o indivíduo da droga, fazendo-o responsabilizar-se minimamente pelo seu uso. A droga em si é efeito e os prejuízos decorrentes devem ser tratados devidamente” (RÊGO, 2008, p. 217). Assim, o grande desafio é incluir novos elementos, interrogações, questões que abram espaço para outros fazeres, ultrapassando o consumo das drogas.

Nesse espaço, eles são acolhidos por profissionais que se reinventam a cada momento, contam as suas histórias para os técnicos, que reconhecem tudo que é contado, que têm um ouvido que pode acolhê-los sem repressão, um modelo de atendimento exercido com base no respeito da pessoa humana, como nos confirma Miranda⁵: “O paciente disse: o CETAD é o lugar que a gente têm uma outra existência”. Desta forma, longos caminhos cheios de obstáculos, reviravoltas e de

⁵ Discussão de casos clínicos. Em reunião de clínica, 18 de maio de 2011.

surpresas existentes na vida destes pacientes são trilhados junto com estes profissionais, na busca de uma alternativa, de uma direção para a aprendizagem da liberdade responsável que possa melhorar a qualidade de vida destes sujeitos, como nos traz Valente (2012, p. 193) a partir da fala dos pacientes: “[...] O CETAD se configura no seu próprio dizer, como o único lugar que têm para ir e para falar de si. Um lugar onde se sentem acolhidos e escutados”.

A direção proposta para o tratamento está sustentada na compreensão de que o consumo de produtos psicoativos (legais e/ou ilegais), em geral, se apresenta como sinal revelador de algum sofrimento psíquico do sujeito e está em estreita relação com as circunstâncias socioculturais nas quais se encontra aquele usuário. Em razão disto, a equipe técnica do CETAD acolhe e dá tratamento às demandas que lhe são encaminhadas, na perspectiva do atendimento “caso a caso”. Neste sentido, o trabalho do Núcleo de Clínica oferece, aos pacientes, suporte terapêutico apoiado em princípios técnicos que favorecem a implicação do sujeito diante de suas escolhas, a fim de possibilitar um deslocamento do lugar de primazia do “objeto droga” na vida do sujeito, dando lugar para outros objetos de satisfação do mundo que preservem sua integridade biopsicossocial. Acredita-se, portanto, que este processo trará ao paciente em tratamento a conseqüente redução dos riscos e danos, que foram, são e podem vir a ser causados à saúde, pelo consumo de drogas.

O CETAD/UFBA, pela responsabilidade do trabalho que assume com a sociedade em geral e, sobretudo, com a comunidade, que sofre com o uso abusivo das substâncias psicoativas, por todo esforço que tem sido feito na defesa desta causa, pelo desempenho das suas atividades, é considerado como Centro de Excelência pela Secretária Nacional de Políticas Anti-Drogas (SENAD) como referência no Estado da Bahia nas questões relacionadas às toxicomanias.

6.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Os participantes da pesquisa são jovens e adultos usuários de drogas em tratamento na clínica do CETAD/UFBA, na faixa etária de 17 a 54 anos, que estavam em tratamento no período da investigação, de novembro de 2010 a maio de 2011. Esta escolha se concretizou por se perceber que é na adolescência e na

juventude o momento no qual geralmente se inicia o uso de substâncias psicoativas, mas que este uso pode perdurar durante a fase adulta.

Inicialmente, foram encaminhados quinze pacientes para participar do estudo, porém, devido às ausências e à rotatividade dos mesmos, só foi possível trabalhar com seis participantes, que se mantiveram efetivamente nos encontros.

O espaço temporal para a coleta de dados foi extenso porque se deu um prolongamento em virtude de decisões acerca da realização da pré-testagem dos instrumentos de coleta de dados, diante da singularidade dos sujeitos investigados. Face à rotatividade dos pacientes, se tornou necessário refazer as estratégias de busca de informação, o que implicou em decisões da clínica no sentido de atrelar os encontros de leitura às consultas dos participantes com os psicólogos e psiquiatras. Assim, novos pacientes foram selecionados para o desenvolvimento do trabalho. Vale frisar que o alto índice de faltas e a baixa adesão ao tratamento é característica da clínica das toxicomanias.

Os participantes da pesquisa são pessoas em situação de vulnerabilidade, no que se refere aos riscos inerentes ao uso abusivo de substâncias psicoativas que buscam nesta clínica um alívio para a sua dor. Mesmo estando em tratamento, alguns há menos de um ano, outros há décadas, neste momento, eles fazem uso de alguma substância psicoativa lícita ou ilícita, mas de maneira controlada. Eles já buscam um sentido para suas vidas e passam a sentir a necessidade de trabalhar, o desejo de retornar à escola e de refazer os vínculos perdidos com a família e os amigos.

Assim, cabe ressaltar que o público-alvo não era formado por usuários com comprometimento severo com o crack e outras drogas, com envolvimento em furtos e outros pequenos delitos cometidos com o objetivo de render dinheiro para adquirir o produto. Este cuidado foi necessário, por se considerar que as pessoas com envolvimento mais sério com as drogas apresentam baixa concentração e pouca disciplina para o cumprimento das sessões de leitura, o que poderia comprometer o andamento do estudo. Assim, optou-se por investigar usuários com comprometimento mais leve com o crack, usuários de maconha, álcool, cigarro e medicações.

Os participantes da pesquisa que estão em tratamento nesta clínica se encontram fora da escola, alguns apresentam dificuldades em conseguir sua independência através do trabalho e ainda dependem da família para o seu

sustento, mas, também, têm dificuldades em sustentar estes laços sociais que não foram desfeitos. Em alguns casos, os pais também são ou foram usuários e em outros, apesar do uso das substâncias psicoativas, levam uma vida normal com os vínculos sociais estabelecidos. Entretanto, apesar das diferenças, todos os respondentes trazem indícios de controlar o uso das substâncias e de poderem ressignificar suas vidas.

Existe uma diversidade de razões para se usar drogas e é fundamental perceber-se a função da droga para cada sujeito. Muitos a usam como mecanismo de inclusão social, para se agregar com mais facilidade a um grupo, outros na perspectiva da festa ou, ainda, na dimensão do prazer e/ou do risco. A droga também pode operar no sentido de facilitar a separação, a transição do infantil para a idade adulta, momento de encontro com as próprias escolhas que, por vezes, é extremamente difícil e causa muita angústia aos jovens, que precisam se recolocar frente ao mundo, como ressaltam Bock, Furtado e Teixeira (2002, p. 96) “Psicologicamente o jovem vive a angústia que representa a ambigüidade de não ser mais menino e ainda não ser adulto”. Vê-se, portanto, que este período da vida é um terreno fértil para o uso das substâncias psicoativas.

Cumprida a etapa de definição dos sujeitos passou-se para o processo de coleta e registro dos dados.

6.4 PROCESSO DE COLETA E REGISTRO DOS DADOS

O ato de coleta de dados requer uma série de procedimentos imprescindíveis para se realizar uma pesquisa. Neste estudo, o primeiro procedimento adotado foi o contato com a Direção Geral do CETAD para apresentar o projeto de pesquisa e, também, com as coordenações do Grupo de Apoio e Investigação da Adolescência (GAIA), do Núcleo de Documentação e Produção Editorial e da Clínica. Feito isto, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa em Medicina, na Maternidade Climério de Oliveira, da Universidade Federal da Bahia, para análise e posterior consentimento para o seu desenvolvimento (Anexo A). Em seguida, foi encaminhado à Coordenação do Núcleo de Estudos e Pesquisa do CETAD/UFBA, para a autorização dos devidos coordenadores, do Centro e do Comitê de Ética em Pesquisa, e só então a investigação foi iniciada.

Em razão da singularidade do tema em questão, se tornou necessária a utilização de várias técnicas de coleta de dados: pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo, observação individual, entrevista, questionário e pesquisa documental. Utilizamos a pesquisa bibliográfica sobre a temática que, segundo Marconi e Lakatos (2007, p. 188), deve ser o primeiro passo da pesquisa de campo, para conhecer o estado da arte da temática a ser investigada.

Em seguida, iniciou-se a pesquisa de campo com o objetivo de obter informações e conhecimentos sobre a contribuição da leitura no tratamento dos jovens e adultos usuários de drogas em tratamento na clínica do CETAD/UFBA, sendo adotada a técnica de observação individual que, de acordo Marconi e Lakatos (2007, p. 96), como o próprio nome já informa, é aquela realizada por apenas um pesquisador o qual pode intensificar a objetividade de suas informações, pontuando, ao anotar os dados, quais os eventos reais e quais as suas interpretações. Já a pesquisa documental foi utilizada para complementar os dados do estudo por meio dos prontuários dos pacientes.

Nas sessões de leitura, a observação participante da pesquisadora consistiu em ver, escutar e interpretar o observado, sem interferências no processo. Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas realizadas no início e no final das sessões de leitura. A entrevista inicial (Apêndice B) foi utilizada com o intuito de conhecer os gêneros de leitura de interesse dos participantes, o nível de leitura e a representação da leitura na sua vida, um procedimento que foi essencial para poder decidir acerca dos materiais que mais despertariam interesse nos participantes do estudo. A entrevista final (Apêndice C), por sua vez, foi realizada com os informantes, após a finalização das sessões de leitura, com o objetivo de investigar a contribuição da leitura no seu tratamento. De acordo com Trivinos, a entrevista semiestruturada é um dos principais meios que tem o investigador para realizar a coleta de dados. Com este instrumento de coleta, o informante tem a possibilidade de discorrer sobre suas experiências, a partir do foco principal proposto pelo pesquisador.

O pesquisador qualitativo, que considera a participação do sujeito como um dos elementos de seu fazer científico, se apoia em técnicas e métodos que reúnem características *sui generis*, que ressaltam sua implicação e da pessoa que fornece as informações (TRIVINOS, 1987, p. 139). A entrevista semiestruturada é um dos instrumentos mais decisivos para estudar os processos e produtos na

pesquisa qualitativa, pois são permitidas respostas livres e espontâneas do informante, o que valoriza a atuação do entrevistador.

O questionário foi utilizado para avaliação final da contribuição da leitura no tratamento dos pacientes, aplicado a psicólogos e psiquiatras que encaminharam os respondentes para participarem da pesquisa (Apêndice D). “Os sujeitos individualmente, poderão ser submetidos a várias entrevistas, não só com o intuito de obter o máximo de informações, mas também para avaliar as variações das respostas em diferentes momentos” (TRIVINOS, 1987, p. 146)

A pesquisa documental, utilizada para acrescentar dados relevantes sobre os participantes, foi realizada após a autorização do Coordenador Geral da Clínica, quando a pesquisadora teve acesso aos prontuários dos respondentes da pesquisa para complementar os dados do estudo, sabendo que o sigilo, o anonimato e a gratuidade são princípios fundamentais do trabalho desta clínica que deveriam ser respeitados com maior precisão no desenvolvimento deste trabalho.

Inicialmente, a ideia era formar um grupo com horário definido para desenvolver a pesquisa, mas, no pré-teste, foi possível verificar a impossibilidade de trabalhar as sessões de leitura neste formato, devido à rotatividade dos pacientes cuja irregularidade de frequência é comum no tratamento: às vezes eles se afastam durante algum período, depois retornam, em um movimento de ir e vir constante. A ausência nem sempre significa abandono do tratamento e pode ter um significado importante, de afastamento para reflexão sobre a vida, de busca de novos significados para a sua existência, sendo, portanto, algo positivo, visto que, por vezes, ele pode retornar e informar mudanças ocorridas na sua vida, para além do uso das drogas: melhoria na qualidade do sono, resgate do vínculo familiar, retorno às atividades escolares e outros.

Diante das dificuldades encontradas para viabilizar o estudo, decidiu-se trabalhar individualmente, com cada paciente, vinculando este atendimento ao horário da consulta. Para tanto, buscou-se acordar com os psiquiatras e psicólogos sobre esta nova estratégia, que foi aceita prontamente pelos profissionais. Faltava decidir o momento em que a atividade seria realizada. O desejável é que fosse antes da consulta, porque, após a leitura, muitas vezes, eles ficavam instigados a falar a partir das lembranças e provocações que a leitura lhes trazia, parecendo mais animados a mostrar seus pontos de vistas.

Alguns participantes manifestaram o interesse de realizar as sessões de leitura antes da consulta, outros, entretanto, não aceitaram esta proposta, justificando a negativa pelo medo de perder seu horário com o médico, ainda que lhes fosse assegurado que o horário seria mantido. Alegaram ansiedade, medo e o receio de não ter concentração necessária no momento da leitura. Em face do sentimento expressado, ficou decidido que, para maior conforto e segurança, alguns fariam as sessões de leitura antes da consulta e outros depois da sua realização.

Resolvido o impasse, a proposta do estudo foi apresentada aos pacientes encaminhados pela clínica. No primeiro contato com a pesquisadora, os respondentes obtiveram informações sobre a pesquisa, transmitidas de forma precisa e detalhada, confirmando ou não o seu interesse em participar do trabalho, através de um Termo de Consentimento (Apêndice A), lido e assinado por eles. Os respondentes menores de idade foram, na ocasião, acompanhados por um familiar responsável que, depois de prestados todos os esclarecimentos, assinou o termo para a sua efetiva participação na pesquisa. Alguns respondentes se negaram a assinar o termo de responsabilidade no momento e solicitaram levá-lo para casa, sentindo a necessidade de analisar o conteúdo das informações e, somente, no próximo encontro assinaram e devolveram.

Buscando apreender com maior precisão os relatos, inquiriu-se acerca da possibilidade de gravação da fala, bem como da participação de um colaborador, apenas para observar, sem nenhuma intervenção no trabalho. A proposta encontrou resistência de alguns e, em razão disso, considerando a singularidade e a particularidade deste público, optou-se por não usar este procedimento, em respeito à vontade da maioria. Sobre esta questão, Trivinos (1987, p. 149) ressalta que “o investigador, ao mesmo tempo em que se ajuda, deve apoiar o informante. Este, desde o começo, deverá ter a sensação de sua utilidade de sua importância para as metas que se procura atingir”. Não se deve, portanto, contrariar as expectativas dos respondentes.

Após essa etapa, os materiais bibliográficos julgados mais relevantes foram organizados, a partir do gosto literário bem como da necessidade individual de cada participante, para a mediação da leitura. Os gêneros literários selecionados foram: contos, aventuras, humor, ficção, lendas, além de poesias, música, biografias, religiosos, filmes, jogos e fábulas.

No decorrer das atividades, detectou-se a necessidade de adequar as escolhas da literatura feita anteriormente, adotando-se textos mais leves, que tivessem uma mensagem a ser ressignificada por eles, bem como leituras que provocassem o riso, a alegria, o brincar, a reflexão sobre o seu cotidiano, conforme Caldin (2010, p. 118): “busca-se na produção literária histórias, contos e poesias com possibilidades terapêuticas”, textos que proporcionem prazer, alegria e bem-estar. Tal cuidado se justifica, pois, em razão do uso das substâncias psicoativas ou pela abstinência, muitas vezes, os pacientes ficam ansiosos, fazendo com que informem a dificuldade cognitiva para leituras mais prolongadas. A partir disto, foram selecionados textos curtos, com uma linguagem simples e que despertassem o interesse.

Foi planejado, como eixo principal do trabalho, a utilização das técnicas de leitura individual e da leitura compartilhada. A técnica individual seria aplicada aos pacientes com nível de escolaridade que lhes permitisse realizar a leitura sozinhos e a leitura compartilhada, pela pesquisadora com as pessoas que apresentavam baixa escolaridade. Entretanto, não foi possível utilizar a técnica individual de leitura com alguns participantes, os quais, mesmo estando aptos a fazerem sozinhos a leitura preferiram que fosse realizada pela mediadora, alegando que deste modo, entenderiam melhor o que era lido. Assim, por vezes, a leitura foi feita mais de uma vez por solicitação do respondente, pois, assim, eles poderiam ter maior clareza do texto em debate.

As sessões de leitura foram realizadas uma vez por semana, de acordo com o horário da consulta de cada respondente, com uma duração de 40 min. para cada sessão. Este tempo, por algumas vezes, foi extrapolado, ficando comprometido o atendimento dos pacientes com os especialistas na clínica. Em razão desta situação, ficou determinado que as sessões de leitura seriam realizadas com todos os participantes, após a consulta.

Vencido esse obstáculo, iniciou-se os encontros de leitura, conforme descrito a seguir através dos relatos das falas dos respondentes e dos textos utilizados:

6.4.1 Primeiro Encontro de Leitura: *Os músicos de Bremen*, dos Irmãos Grimm

Fábula que conta a história de alguns animais, o burro, o cão, o gato e o galo, que são desprezados pelos seus donos em razão da velhice, situação que fez com que, juntos, eles se tornassem músicos na cidade de Bremen e fossem, a partir daí, felizes e valorizados. (Anexo B).

Os respondentes se identificaram com este texto, percebendo-o como especial, por ter uma relação com a música, entendendo que ouvir música faz bem, por trazer alegria, animação e, às vezes, lembranças dos bons momentos da vida ou da pessoa amada que está distante. Apontaram a música como uma boa opção para quando as pessoas já estão aposentadas e dispõem de tempo livre para praticar o que gostam. Eles riram bastante pela esperteza dos animais e pela grande ideia de se tornarem músicos.

Alguns respondentes destacaram o burro como o mais inteligente da fábula pela grande iniciativa de tentar ser músico, encontrando uma saída muito saudável para continuar vivo e feliz e, também, por conseguir enxergar outros animais pelo caminho que estavam tristes como ele e pela mesma razão e que podiam se unir para formar uma banda e viverem tranquilos, mesmo sendo velhos.

A leitura propiciou que os participantes fizessem a comparação do desinteresse que os donos tiveram com seus animais, por estarem velhos e não conseguirem desempenhar bem as suas funções, com as atitudes de exclusão das pessoas para com eles, pois, mesmo sendo jovens, por vezes, se sentem excluídos assim como os animais, por familiares, amigos e, até mesmo, pela escola, devido ao uso de drogas. Os informantes compararam esta fase da vida pela qual eles estão passando com a dos animais, de sofrimento e desprezo por parte das pessoas. Salientaram que precisam encontrar pessoas diferentes, que possam fazer bons convites como fez o burro com os outros animais.

Os respondentes ficaram alegres com a grande conquista dos animais de conseguirem ser felizes em outro lugar fazendo música. Assim, sentiram-se animados para falar das suas lembranças de leituras, das histórias que os mais velhos contavam e lembraram também e puderam contar as façanhas dos seus animais de estimação.

6.4.2 Segundo Encontro de Leitura: *A lagartixa e a borboleta*, de Marlene B. Cerviglieri

Aborda a relação de família e os valores que permeiam essas relações. A mãe lagartixa tem uma enorme família e vive a trabalhar para cuidar da sua prole. (Anexo C).

A leitura deste texto proporcionou que os informantes falassem sobre o valor da família para um bom direcionamento na vida, a importância de obedecer, de escutar, de tentar entender as orientações de seus familiares, principalmente em relação a evitar as amizades ruins e seguir os bons exemplos. Ainda assim, mesmo reconhecendo que os familiares têm razão, disseram que, às vezes, as amizades são mais fortes e fazem muita pressão, como também o desejo de fazer coisas erradas, como usar muita droga e procurar confusão com as pessoas.

Os participantes evidenciaram a compreensão acerca da responsabilidade dos pais, em especial, uma das respondentes que, à época, estava grávida de gêmeos e é portadora do HIV AIDS. Naquele momento, havia a preocupação no sentido da responsabilidade para com seus filhos, para que eles nasçam tranquilos, mas, ainda assim, disse que não conseguia parar de usar drogas, informando que diminuiu o uso, mas está ansiosa com a situação. Enfim, os participantes concluíram que a família é importante e que se faz necessário um esforço, por parte deles, para entender o posicionamento da família em relação a eles. Trabalhou-se também com a música do grupo *Natiruts*, um reggae que fala de amor, e que foi selecionada por eles mesmos para um momento de relaxamento e descontração.

6.4.3 Terceiro Encontro de Leitura: *Eu sei mas não devia*, de Marina Colassanti

Este texto fala dos medos e das inseguranças que temos para enfrentar situações de mudança e, assim, com medo de sofrer, muitas vezes, desistimos dos nossos objetivos e nos acostumamos a muitas coisas. (Anexo D).

O texto foi bastante debatido pelos participantes. A cada parágrafo lido, eles sentiam necessidades de comentar o dito, de expressar o que queriam dizer. Revelaram que não querem se acostumar a determinadas situações, mas, muitas

vezes, não encontram saída, só conseguem ficar com raiva, percebendo, depois, que tudo passa e volta a se repetir de novo; por vezes, é tão repetitivo que, para eles, já não é mais estranho e eles se sentem super acostumados.

O desacostumar, para os participantes, pode ser pior, sendo possível, inclusive, perder a vida. Eles pensam e querem mudar as coisas erradas que estão fazendo, mas o desejo é mais forte e logo se sentem fracos e vencidos pelas drogas; querem estudar, trabalhar, mas logo este pensamento passa, já esqueceram tudo e só pensam na droga. Mencionaram que estão se acostumando a ler para ter mais informações sobre os efeitos das drogas na mente e no corpo, que querem ter consciência do prejuízo causado pelo uso abusivo de substâncias psicoativas, mas que, também, estão lendo mais para melhorar seu desenvolvimento pessoal.

Alguns dos informantes analisaram que têm de se acostumar em satisfazer a vontade dos outros, para não serem ruins, porque entendem que é difícil assumir o que querem; outros, entretanto, disseram querer desacostumar, mesmo contrariando; e, ainda, que as pessoas estão acostumadas a julgar os outros pelos objetos que possuem e apresentam ter e não pelo ser. Expuseram que são obrigados a se acostumar, pois a sociedade exige que sejam alienados como um robô e que se acostumem a tudo, para serem bons e evitarem os sofrimentos.

Outros respondentes concordaram com a autora de que, muitas vezes nos acostumamos para poupar o peito e a vida. Alguns disseram que têm coisas com que não se acostumam, mas, infelizmente não se pode mudar, citando como exemplos: ver as pessoas morrendo a toda hora: por qualquer bobagem, tira-se a vida, mas que não se pode fazer nada, não se pode sofrer sempre pela mesma coisa; da primeira vez é um grande impacto e susto, depois, não tem jeito acaba se acostumando; salientaram que não se acostumam com os vagabundos que usam drogas, roubam e matam as pessoas. Justificaram que usar droga é uma coisa, tirar a vida das pessoas e roubar é algo bem diferente e não tem relação direta com o uso de substâncias psicoativas.

6.4.4 Quarto Encontro de Leitura: *Palco da vida*, de Fernando Pessoa

O texto aborda a valorização da vida frente aos desafios por ela impostos e afirma que, apesar de todos os desafios, das incompreensões e crises na vida,

vale a pena viver e tentar ser feliz, deixando de ser vítima e se tornando autor da própria história. (Anexo E).

A leitura deste texto possibilitou aos informantes falarem sobre o significado da vida e os acontecimentos do cotidiano. Comentaram que a felicidade é algo complexo, porque nem sempre é possível fazer o que se tem vontade, pois é perigoso, e as pessoas precisam ser falsas, realizando o que não lhes agrada para satisfazer a vontade do outro.

Expuseram que a vida é um dos presentes mais pesados de carregar, pois, muitas vezes, diante de uma situação, pode existir um vazio, mas um vazio muito grande, que se preenche, mas logo se esvazia e quer ser preenchido novamente. Revelaram que é possível aprender através dos fracassos, mas que logo se esquece o que se aprendeu para poder errar novamente.

Os participantes relataram que, às vezes, pensam que não vale a pena viver, mas depois tudo passa e veem que é melhor ser vítima, em determinadas situações, para tentar ser feliz. Como diz o texto: a vida é a maior empresa do mundo e temos que lutar para não ir à falência. Mencionaram que um “não”, às vezes, é melhor que o “sim”, porque o não deixa a pessoa no mesmo lugar e o sim, às vezes, a muda. Exemplifica um dos participantes: se você me pede um dinheiro para sair e eu lhe dou um “não”, você não irá sair e permanecerá no mesmo lugar, nada muda; mas se eu lhe dou “sim”, você irá sair e muita coisa poderá acontecer e, é certo que, às vezes, permanecer no mesmo lugar é melhor do que se deslocar deste lugar.

A leitura possibilitou a esses informantes refletirem a respeito do processo de desvalorização que já experimentaram, por parte dos familiares, professores e amigos, ao serem vistos com olhar negativo por estas pessoas, diante das suas atitudes, quando se sentiam sem valor, menosprezados os seus atos e, hoje têm dificuldades em acreditar nas pessoas quando expressam o valor positivo pelos seus feitos.

Os sujeitos desse estudo analisaram nesta frase do texto “ser feliz é deixar de ser vítima dos problemas e se tornar autor da sua história”, que é melhor ser feliz mesmo, do que estar sempre encontrando motivos para justificar os erros. Reconheceram que se sentem felizes ao estarem naquele espaço e terem a leitura de um texto especialmente para eles e a atenção de uma pessoa para discuti-lo, além de acreditarem que este processo só faz acrescentar e confirmar para eles que

nada está perdido, que tudo depende deles, da sabedoria de ouvir, do olhar e da paciência. Salientaram que o equilíbrio é necessário para estarem bem consigo mesmos, pois o homem só está pronto para a vida quando consegue controlar os seus impulsos, e apontaram a necessidade de estarem abertos para as críticas além de acreditarem nos sonhos e na liberdade.

Os informantes destacaram como o texto fala de vencer os desafios e crises, do cuidado que se precisa ter com as crianças, porque elas estão presas à televisão e este sistema de comunicação educa mal, pois só fala em comprar, de maneira compulsiva, e na sua programação, as novelas estão sempre a mostrar psicopatas, usuários de drogas, homossexuais e malucos, personagens que despertam a curiosidade das crianças para comportamento negativos.

Colocaram, também, que a felicidade pode estar em gestos simples, como um aperto de mão, em que se pode sentir o carinho do outro. Revelaram que existem pessoas que querem muitas coisas, mas não fazem nada para tê-las e gostam de se lamentar e não têm coragem de fazer nada, nem mesmo falar a verdade; reconheceram e admitiram que, algumas vezes, é a falta de maturidade que faz as pessoas pensarem de forma errada, ao acharem que as coisas podem ser adquiridas de maneira fácil, e a não falarem a verdade.

6.4.5 Quinto Encontro de Leitura: *O pote rachado*, de Paula Pezzi

Conto popular hindu que conta a história de um carregador que carregava dois potes de água em uma vara atravessada no pescoço, porém, um pote era rachado e só conseguia cumprir a jornada de trabalho pela metade. Ele se sentia inútil, por não cumprir bem o seu trabalho e, para animá-lo, o carregador lhe disse que, aproveitando este defeito, plantara, por todo o caminho que percorriam, sementes de lindas flores, que eram regadas todos os dias pela água que vazava da rachadura dele. (Anexo F).

A partir da leitura deste conto os informantes fizeram comentários sobre os defeitos e qualidades das pessoas e sobre a importância de se aceitarem como realmente são. Uma das informantes expôs que considerava uma rachadura a perda de seus filhos e analisou que ficara mal, depressiva, porém conseguiu superar esta rachadura, porque, antes do acidente, ela usava muito crack, contudo, atualmente, se sente mais fortalecida após passar por esta dificuldade. Esta participante se

apoia na religião para vencer os obstáculos que se impõem em razão do vício e, assim, relata que foi Deus quem colocou a pesquisadora naquele momento para fazer essa atividade com ela, como fez o carregador com o pote rachado, pois percebeu que ela estava precisando de ajuda. Esta jovem reconhece que esta rachadura teve um sentido importante na sua vida e disse que Deus faz tudo para dar sentido à vida, concluindo que despertou mais para a leitura depois desses encontros.

Outros pacientes perceberam que uma rachadura não é um defeito e que ninguém pode ser um pote perfeito – todos têm defeitos –, e completaram dizendo que as pessoas precisam assumir os seus defeitos, mas também enxergar as suas qualidades, pois nem sempre na vida se encontra um carregador generoso como o do conto. Analisaram que este conto mostra que todas as pessoas têm o seu valor, e que, então, se deve aceitar e ser feliz do jeito que se pode.

Os respondentes mencionaram que muita energia é gasta para fazer as máscaras e esconder as rachaduras que se tem. Como pote rachado, sinalizaram os pais que têm os seus defeitos e não assumem. Uma das respondentes salientou que eles precisam entender que nunca irão levar vantagens sobre os filhos, porque estes os enganam com conversas e só fazem aquilo que realmente querem. Declararam que os pais perdem seus filhos pela falta de uma comunicação verdadeira, pois os jovens não aceitam a marca falsa que eles querem imprimir. Uma das informantes colocou que sua mãe está entrando no ritmo, porque entende que ela tem que dar o respeito para depois exigir o mesmo, que o exemplo tem de vir dela e acrescentou que as pessoas acreditam em um papel que não tem vida, no que está escrito no texto e não querem acreditar nas pessoas.

Outros participantes informaram que as rachaduras são as dificuldades que se tem na vida, mas que isto depende do olhar de cada pessoa sobre a situação. Eles acreditam que as mudanças chegam para o bem, que, por vezes, se pensa que é ruim, mas não é. Compreenderam que o pote se sentia mal porque causava prejuízo no trabalho e que esta atitude deve ser normal nas pessoas ao causarem prejuízo aos outros.

Na percepção de outros pesquisados, o pote rachado era muito importante pelos seus defeitos, até mais do que o outro, que se sentia orgulhoso, pois ele tinha a atenção e o carinho maior do carregador e que, somente, pelo seu defeito, ele pôde dar vida às flores, coisa que seria impossível ao outro pote.

Destacaram que o pote rachado tinha o seu valor, mas não conseguia perceber, porque não aceitava o seu defeito. Enfatizaram que, como este pote, eles precisam se valorizar e aceitar as suas dificuldades, mesmo sabendo que isso não é tão fácil de acontecer, reconhecendo que se conseguirem se dar valor, algumas situações podem mudar e os outros podem perceber a importância deles também.

Mencionaram, ainda, que nem sempre na vida se encontra pessoas bondosas como este carregador, que foi sábio com o pote. Expuseram que é possível ver esta generosidade aqui na leitura, com os médicos que atendem aqui no CETAD e que todos no Centro fazem eles se sentirem gente, se sentirem bem e aprenderem. Uma das informantes comparou: *Como eu faço o que vocês fazem: pego os textos bonitos aqui e distribuo com as pessoas que sofrem como eu e também afixo no mural de meu condomínio e, por isto, sou muito reconhecida hoje.*

Os atores deste estudo revelaram que a leitura faz as pessoas mais sensíveis e auxilia na compreensão do próximo como respeitar os outros, valorizar e tentar entender melhor o que está acontecendo, pois sempre se vê o erro no outro, mas o erro está em cada um de nós. Perceberam que o trabalhador só pôde reconhecer o melhor do pote, porque ele tinha a bondade no seu ser e, assim, concluíram que a leitura auxilia no entendimento de diversas questões.

Os respondentes finalizaram a leitura analisando que o pote rachado tem a sua essência e que pôde ser mais feliz por ter o carinho e a compreensão do trabalhador e que a felicidade pode ser vista na simplicidade das coisas, pois ninguém é perfeito.

6.4.6 Sexto Encontro de Leitura: *Um brinde à vida*, de Clarice Lispector

Este texto é um poema que traz reflexões sobre o enfrentamento de situações que se colocam no cotidiano. Fala de brindar a vida e celebrá-la em sua plenitude sem medo de ser feliz; que devemos encarar a vida como um presente a ser desfrutado e não como um fardo a ser carregado. (Anexo G).

Os respondentes expuseram que têm mesmo de brindar a vida, porque passam por situações difíceis e fazem a família sofrer; comentaram que as pessoas que realmente gostam deles não desistem e, isso os torna mais fortalecidos, apesar de que, algumas vezes, o uso de drogas é mais forte e eles não conseguem escutar as orientações das pessoas para se responsabilizarem por suas atitudes, mas,

depois que passa o efeito, vem a dor e a culpa. Alguns relataram que, às vezes, sentem vontade de desistir da vida.

Os participantes citaram que são muitos os problemas que se têm na vida e que não é tão fácil superá-los, principalmente quando se está envolvido com o uso de drogas, porque as pessoas não confiam neles. Contudo, admitiram que mentem e fazem muita coisa errada para tentar conseguir o produto, porque a vontade de usá-lo é incontrolável e, assim, se sentem dominados pela droga.

Declararam que há situações extremamente dolorosas que necessitam de um tempo para se recuperar. Quando acontecem as perdas, seja de um trabalho, de um curso ou de alguma oportunidade boa, a angústia chega pesada e a droga precisa chegar junto, pois ela faz a situação ficar menos dolorosa. Alguns falaram que rezam, frequentam a Igreja, assistem ao canal evangélico, releem os textos das sessões de leitura e, quando estão fracos, tristes, cheios de pensamentos ruins, podem usar estes suportes e se sentirem melhor, mas, depois, não conseguem segurar a tristeza, a dor, dizem que a mente é fraca e voltam a usar muita droga e que tentam recompensar os dias em que fizeram todo o esforço para não usar usando mais e mais.

O texto provocou nos participantes posicionamentos antagônicos; alguns manifestaram discordância do texto, vez que, para estes, não é tão fácil brindar a vida e ser feliz, pois não se pode deixar a criança que mora dentro de você livre para brincar, não se pode fazer o que se tem vontade, precisa fazer o que os outros querem. Então, concluíram que não se pode viver em plenitude só satisfazendo a vontade dos outros e esquecendo-se de si mesmos.

Outros informantes concordaram com a fala da autora de que vale tentar fazer as coisas positivas, acreditar, mesmo sabendo que é difícil e, quem sabe, pode-se viver melhor pensando desta forma e até se pode conseguir mudar as atitudes.

Os participantes elogiaram o texto e salientaram que essas palavras bonitas dão ânimo e tranquilidade na alma e assim reafirmaram o que a autora diz: vamos simplesmente viver. Finalizaram dizendo que se vive da maneira que se pode porque os presentes que Deus dá são diferentes, pois ele sabe o que cada pessoa precisa e merece.

6.4.7 Sétimo Encontro de Leitura: *A estrela e a vela*, de Yvete Amaral

Esse texto mostra que, para satisfazermos as nossas aspirações, modificamos os nossos hábitos, alteramos nossos discursos e vestes, tentamos esconder traços que nos identificam ou acrescentamos detalhes para sermos vistos, nos empenhamos em ser estrelas que brilhem na nossa sociedade, na nossa família no nosso grupo, considerando que para obtermos pequenas conquistas, precisamos ambicionar grandes vitórias. Entretanto o sonho dos altos voos não deve desmerecer a importância dos pequenos deveres, pois, estrela ou vela, todos têm o seu brilho e o seu valor. (Anexo H).

Os respondentes falaram sobre a importância de imitar as coisas boas, mas questionaram o conceito de bom, o limite e quem o define. Expuseram, assim, que a referência de algo positivo para uma pessoa pode ser negativo para outra. Na concepção dos participantes, ser estrela ou vela depende do momento, faz parte do cotidiano; um dia pode-se ser estrela e sentir-se o máximo e, no outro, pode-se sentir como um toco de vela apagado.

Os participantes ressaltaram que é possível passar um tempo sendo estrela, mas se aprende mais quando se é vela, explicando que, como vela, pode-se observar mais e como estrela se tem muita energia, precisa-se, realmente, se mostrar e até a distância é bem diferente. E fizeram a observação: veja onde está a estrela e onde está a vela.

Reconheceram os participantes que a ambição pode ser boa ou ruim, dependendo do que se deseja e de onde se pretende chegar, pois quando não se tem ambição é difícil, porque a ambição impulsiona a se chegar a algum lugar, e que existe um movimento, de cair e levantar que, apesar de não ser bom, é necessário para acontecerem as mudanças

Uma das informantes questionou: *Eu mesma me pergunto o que acontece aqui nesse Centro?* E respondeu: *Sou curiosa; eu vejo esse lugar muito louco e vocês também são estranhos ao aceitar a gente. No dia da psiquiatria observo esse espaço como outro planeta, mas hoje posso sentir tudo calmo, parecem outras pessoas trabalhando;* e, continuou se expressando: *agora mesmo, tudo é sereno, leve, e ver os livros é bom; eu acho um espaço bonito, os livros todos quietinhos esperando por nós. Gosto do meu segredo, eu, o livro e meu pensamento, só nós,*

ninguém sabe o que se passa. Disse, ainda, que lê vários livros por curiosidade e sempre se pergunta se o que ela vê nas leituras é o mesmo que os outros veem?

Os participantes expuseram que a vida é um livro no qual se escrevem as histórias do dia a dia e, assim, tem coisas que não estão previstas para serem editadas, mas aparecem como alvo na sua direção e, mesmo não sendo desejadas para serem publicadas, não tem jeito: tem de fazer parte da história aquilo que é inesperado.

Alguns respondentes informaram que tanto a estrela como a vela são importantes e que cada qual tem o momento certo para brilhar. Assim, relacionaram as profissões e explicaram que não existe profissão badalada, que brilhe mais, e uma das informantes perguntou: *Já pensaram se os garis pararem suas atividades por um dia?* Outro respondente destacou que acredita que existem profissões que são consideradas mais importantes, pelo seu reconhecimento social.

Uma das informantes comparou o texto lido *A estrela e a vela* com o funcionamento do CETAD, dizendo: *Um dia vejo os funcionários como estrelas brilhantes, outros dias percebo os mesmos como velinhas quase apagadas.* Comentou que o sistema no Centro é rigoroso, porque querem colocar os pacientes em um quadrado, todos do mesmo jeito, como blocos de construção empilhados. Depois, disse perceber um jogo forte de muita luta, cheio de estrelas a cintilar, e que pode sentir tanta energia e esforço das pessoas no Centro trabalhando que parecem que vão explodir. E concluiu expressando que não quer ser um poste e ter muita energia, como o corpo técnico deste Centro, pois, assim, surgem os mosquitos para se aquecer em seu calor; então, prefere ser um toco de vela ou uma vela inteira, um dia apagada outro dia acesa.

Os participantes falaram das suas dificuldades em sempre tentarem ser estrela e acabarem se dando mal e expuseram que, com as experiências, se aprende a ser toco de vela ou estrela brilhante. Um dos pesquisados contou que já teve uma experiência ruim com o álcool: tomou um porre que achou que iria morrer, mas pensa que, na vida, todo mundo tem que tomar um porre mesmo para aprender e pensa que as pessoas não podem ser muito certas, precisam das experiências negativas também para entender melhor o aprendizado.

Um dos respondentes ressaltou que pretende se tornar estrela para ele mesmo, pois usa drogas há muito tempo, começou este uso muito jovem e percebe que atualmente só sabe falar gírias ou o código do grupo. Sinalizou o desejo de ter

uma boa desenvoltura na fala e poder conquistar as meninas. Informou se identificar com o texto *A estrela e a vela*, de Yvete Amaral, e se comparou a um toco de vela apagado, pois não conseguiu aproveitar as oportunidades que seus pais lhe deram, afirmando que foi pelo seu envolvimento com as drogas que deixou tudo passar, pois se sentia uma estrela de quinta grandeza usando drogas e por isso se deu muito mal, mas mostrou a sua pretensão de querer mudar e conseguir ter um brilho diferente.

Além dos textos descritos, nos encontros de leitura, foram trabalhadas, também, a leitura infantil de *Os três porquinhos* e *O lobisomem*, livros da coleção Itaú, em função de um dos informantes, que tinha dificuldades para compreender os outros textos e gostava das histórias infantis e das músicas de reggae do grupo Natiruts, e que, após a leitura, gostava de recontar as histórias sempre com um final feliz.

O trabalho de leitura aqui descrito foi acompanhado com cada paciente, que expôs livremente sua opinião sobre a leitura, fazendo relação com fatos vivenciados; observou-se o interesse dos pacientes pela leitura, o comportamento em relação aos personagens, o estado de espírito e as suas reflexões a respeito do texto. As atividades foram registradas no diário de campo, após cada depoimento dos participantes, sendo posteriormente avaliadas, além de serem registradas todas as observações realizadas pela pesquisadora.

Assim, na sistematização dos dados, trabalhou-se com um momento de descrição e outro de reflexão, isto é, primeiro foi feita a anotação detalhada dos acontecimentos nas sessões de leitura e, logo em seguida, foram feitas as observações e reflexões da pesquisadora. Esta sistematização se fez necessária para evitar que algumas informações fossem perdidas.

7 APRESENTAÇÃO DOS DADOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A escuta sensível desenvolvida neste estudo, como afirma Barbier (2002), é um escutar/ver que se apoia na empatia, devendo o pesquisador saber sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do sujeito, para que lhe seja possibilitado entender as atitudes, comportamentos, ideias, os valores de símbolos e de mitos do outro. O ouvinte sensível não julga, não mede, nem compara; busca compreender, sem aderir ou se identificar com o que é dito ou feito, o que permitiu desenvolver o estudo com a possibilidade de organização e análise dos dados realizadas através da análise temática.

A análise de dados da pesquisa teve como base metodológica a análise de conteúdo que, segundo Bardin (1977, p. 38), “aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Logo, o ponto inicial da análise de conteúdo é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada, sendo esta uma metodologia que permite ao pesquisador descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos ou textos conduzindo a descrições sistemáticas quantitativas ou qualitativas.

Segundo Olabuenaga e Ispizúa (1989 apud MORAES, 1999, p. 8), “a análise de conteúdo é uma técnica para ler e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos, que analisados adequadamente nos abrem as portas ao conhecimento de aspectos e fenômenos da vida social de outro modo inacessíveis”. Desta forma, ajuda o pesquisador a reinterpretar as mensagens e compreender os significados além de uma leitura comum.

Com base nesta técnica, realizou-se a leitura cuidadosa de todo o material com a finalidade de definir as unidades de análises que, conforme Moraes (1999), podem ser tanto palavras, frases, temas ou mesmo os documentos em sua forma integral. Assim, com o material empírico organizado e digitado, iniciou-se o processo de codificação, sendo estabelecido um código numérico para cada texto trabalhado o que facilitou o retorno, quando necessário, aos relatos das falas e reflexões produzidas pelos respondentes. Conforme Moraes (1999), mesmo já estando definidos os documentos a serem analisados, eles necessitam ser

preparados e transformados para constituírem as informações a serem submetidas à análise de conteúdo. Foi definido como unidade de análise, o relato das falas dos respondentes constituído a partir da leitura de cada texto trabalhado nas sessões de leitura.

No processo de codificação, os sujeitos deste estudo foram identificados com nomes de pedras preciosas, para preservar suas identidades – Pérola, Ametista, Safira, Diamante, Rubi e Topázio; e para melhor compreensão acerca do material trabalhado nas sessões de leitura foi utilizada a letra T, para texto, seguida de uma sequência numérica, representando a ordem em que foi trabalhado; tendo sido realizadas duas entrevistas com cada participante, conforme já mencionado, identificou-se com as letras EF (entrevista final) o discurso dos sujeitos emanados dos questionamentos finais das sessões de leitura, visto que a entrevista inicial foi apenas uma etapa prévia para identificação e seleção dos textos utilizados; finalmente, o código QP identifica o questionário aplicado aos psiquiatras e psicólogos.

Antes, porém, da descrição das categorias temáticas estabelecidas para este estudo, cabe apresentar informações a respeito dos dados dos informantes e dos textos, para uma melhor compreensão do estudo (Quadros 1 e 2).

Quadro 1 – Caracterização dos informantes participantes do estudo

NOME	IDADE	GÊNERO	ESCOLARIDADE	DROGA(S) DE USO
Pérola	24	Feminino	Fundamental	Maconha, Crack
Ametista	25	Feminino	Médio	Maconha, Crack
Safira	56	Feminino	Superior	Medicação
Diamante	24	Masculino	Pós-graduação	Maconha
Topázio	17	Masculino	Fundamental	Maconha, Crack
Rubi	23	Masculino	Médio	Maconha, Crack

Fonte: elaboração da autora

Os dados evidenciam a heterogeneidade do grupo estudado. Majoritariamente, são jovens recém-saídos da adolescência e mostram um equilíbrio entre o gênero masculino e feminino. Observa-se, ainda, que, no tocante à escolaridade, não há predomínio entre os níveis, como fica demonstrado no Quadro

1, o que significa dizer que as drogas atingem a todos, independentemente de sexo, idade, faixa etária ou grau de escolaridade.

Dentro deste grupo, a maioria elegeu como principal substância psicoativa a maconha, droga apontada pela literatura como a substância ilícita mais utilizada entre os jovens. Safira não pertence ao grupo de uso de substâncias ilícitas, mas o nível de comprometimento se assemelha ao grau de dependência das demais drogas. A literatura mostra o aumento do crack entre os jovens, conforme já apontado anteriormente em dados de pesquisa do CEBRID, fato também observado neste estudo.

Quadro 2 – Textos trabalhados nas sessões de leitura

CÓDIGO	TÍTULO	AUTOR
T 1	<i>Os músicos de Bremen</i>	Irmãos Grimm
T 2	<i>A lagartixa e a borboleta</i>	Marlene B. Cerviglieri
T 3	<i>Eu sei, mas não devia</i>	Marina Colasanti
T 4	<i>Palco da vida</i>	Fernando Pessoa
T 5	<i>O pote rachado</i>	Paula Pezzi
T 6	<i>Um brinde à vida</i>	Clarice Lispector
T 7	<i>A estrela e a vela</i>	Yvete Amaral
T 8	<i>Os três porquinhos</i>	Coleção Itaú – livros infantis
T 9	<i>O lobisomem</i>	Coleção Itaú – livros infantis

Fonte: elaboração da autora

O desenvolvimento das atividades, nos encontros de leitura, teve como base os textos selecionados a partir da entrevista inicial com os respondentes. O Quadro 2 evidencia a intenção de apresentar aos participantes uma diversidade textual a fim de tornar possível trabalhar com questões que envolvessem alegria, humor, fortalecimento da identidade e valorização do sujeito e da vida. Os textos trabalhados revelaram, ao longo das sessões, inúmeras questões como expressão de sentimentos, mudança de comportamento, autoestima, reflexão e motivação.

Um aspecto observado no estudo é que o modo de lidar com a leitura tem relação direta com a proximidade ou o afastamento da escola, pois aqueles cujo afastamento da escola é recente demonstram um menor distanciamento da leitura escolarizada. Restou evidente que alguns respondentes não têm o hábito de ler e resistem à aproximação com o livro e que outros, mesmo sem o contato direto com a escola, já estabeleceram uma prática de leitura cotidiana descompromissada –

revistas, jornais, e outros – simplesmente para passar o tempo, relaxar e/ou se informar, pelo prazer da leitura. Os adultos se referem à leitura do material impresso mais do que os jovens, que estão acostumados ao material virtual. Também fica claro nesta pesquisa que alguns usuários intensificaram a leitura depois que começaram a usar drogas, na tentativa de entender suas questões, os efeitos que as drogas causam nos aspectos físico e psíquico. Diante disto, a pesquisa privilegiou textos cuja leitura não estivesse diretamente atrelada à prática didática da sala de aula, mas que apresentassem conteúdos passíveis de reflexão acerca das situações que envolvem a vida em sociedade.

Dito isso, a seguir serão apresentadas as categorias temáticas que emanaram das observações retiradas das sessões de leitura.

7.1 CATEGORIAS TEMÁTICAS

As categorias temáticas foram construídas após a organização e digitação do material empírico, quando se iniciou a leitura cuidadosa destes registros, realizando reflexões suscitadas pela leitura a fim de identificar temas, similaridades, fatos e percepções, na busca de definir categorias para classificar os dados em consonância com os objetivos da pesquisa. Assim, a partir deste percurso, as categorias temáticas foram estabelecidas.

Visando esclarecer os dados empíricos, foram utilizados, além da interpretação dos fragmentos das falas, as entrevistas, observações e os questionários, sendo definidas as seguintes categorias temáticas: 1) leitura e expressão de sentimentos; 2) mudança de comportamento; 3) leitura e reflexão; 4) leitura e autoestima; 5) leitura e produção de sentido; e 6) motivação.

7.1.1 Leitura e Expressão de Sentimentos

Nesta categoria, buscou-se evidenciar a expressão dos sentimentos dos participantes possibilitada pelas leituras realizadas nos textos T1, T2, T3, T4, e T6, compreendendo *sentimento* como “ato ou efeito de sentir(-se)” (FERREIRA, 2006, p. 733). Deste modo, através da leitura, foram evidenciados os fatos ocorridos na vida destes sujeitos que têm relação com os sentimentos – saudade, tristeza, sofrimento,

felicidade, medo – que, revelados, permitiram mostrar, através do diálogo, a livre expressão do pensamento frente ao texto. A leitura possibilitou aos participantes o reconhecimento dos seus sentimentos que foram ali explicitados sem medos.

O texto T1 possibilitou a Pérola a associação entre questões da ordem da imaginação e sua realidade:

Pérola (T1) – *O que aconteceu com esses animais, já aconteceu comigo também, por várias vezes, de muitas pessoas quererem eliminar eu e meus amigos, de sermos chutados e sem valor.*

E lembranças de momentos importantes da sua vida também vieram à tona:

Pérola (T1) – *Eu estou chorando de saudades do teatro que fazia na escola e até me apresentava para muitas pessoas e recebia palmas.*

O texto T1 trouxe a Topázio saudades de seu animal de estimação que foi perdido pelo seu envolvimento com as drogas:

Topázio (T1) – *Me deu saudades de Chicletinha, minha eguinha, que eu vendi para comprar drogas.*

No discurso de Pérola ficou patente uma identificação entre a sua realidade social e aquela evidenciada na fábula. Percebe-se, assim, que o texto provoca no sujeito sentimentos de um tempo vivido em que ele era valorizado pelas suas atitudes. Por outro lado, Topázio, ao trazer suas reminiscências, mostra a perda de seu animal de estimação em razão do vício. Nas duas situações ficou evidente a expressão dos sentimentos de um momento da vida distinto do atual suscitado pela leitura, que instiga o sujeito, e o passado se torna presente, possibilitando que eles possam rever suas questões.

O medo revelado por Pérola, após a leitura do texto T2, mostra incerteza quanto ao futuro de seus descendentes, em razão da sua condição de saúde:

Pérola (T2) – *Estou muito preocupada com meus filhos, tenho medo que eles nasçam doentes, porque já usei muitas drogas e sou portadora do HIV AIDS.*

Com a leitura do texto T3, ela revelou a consciência da responsabilidade pelas suas atitudes:

Pérola (T3) – *Mas o mais real que a autora diz é que a gente se acostuma para não sofrer, mas mesmo assim, eu sofro; acostumada ou desacostumada, eu sofro dos dois lados, mas eu também sei que tudo só depende de mim.*

A interpretação do texto possibilitou a Pérola expressar o seu sentimento de medo, mostrando a responsabilidade que terá de assumir com os filhos e, ainda, demonstrar a conscientização de que a mudança da situação de dificuldade e de sofrimento que enfrenta depende dela.

De acordo com QP:

QP – Se considerarmos esse período como aquele em que o jovem deve empreender sua travessia em direção à cultura, à vida social adulta, a leitura se constitui em uma ferramenta valiosa que contribui para a ampliação dos laços sociais desse jovem e para uma maior reflexão das suas escolhas.

Através da leitura do texto T4, Ametista trouxe à baila o juízo de valor *verdade* e afirmou a sua postura ao externalizar como se posiciona diante dos enfrentamentos vividos:

Ametista (T4) – Na verdade, eu sempre disse quem eu era. Acho melhor assim; por exemplo, eu pegava o dinheiro da minha mãe e assumia. Ela ficava com raiva de mim, mas eu acho melhor falar a verdade do que enganar.

Nesse comentário da respondente, observa-se que, mesmo diante do sentimento de raiva da sua mãe devido a sua atitude, ela se responsabiliza por suas escolhas.

Os fragmentos das falas destes pacientes mostram que, através da leitura informativa, lúdica e prazerosa, eles foram tocados por algum ponto do texto que tinha relação com o seu contexto e, assim, suas emoções foram expressas. Essa constatação coaduna com a ideia de Josgrilberg (2004, p. 42 apud CALDIN, 2010, p. 64), quando diz que “[...] o livro é uma realidade humana capaz de liberar (de líber lat., livro e livre) ideias, pensamentos, discursos, imagens, uma realidade cultural e espiritual da tradição humana”. Desta forma, foi possível, para estes respondentes, falar das suas dores e sofrimentos identificando-se com os personagens dos textos.

Os respondentes mencionaram, em seus relatos, a escola, o teatro e a família, laços sociais fundamentais na vida das pessoas que, por vezes, estão rompidos em função do uso de drogas; as lembranças do que faziam no passado estiveram presentes nos seus comentários e nas suas criações; o desejo de vencer na vida, conseguindo mudar os seus hábitos como controlar o uso de drogas, mostrando, como nos fala Caldin (2010, p. 68), que a leitura é movimento, pois, pelo fluxo da memória transforma o passado e o futuro em presente.

Os bons momentos guardados na memória destas pessoas também foram revelados. Como não estavam sob o crivo de nenhuma avaliação, elas se sentiram confiantes para interagir com o texto e preencher os espaços vazios que a leitura possibilita ao outro no processo de interação, com liberdade para criar e contar suas histórias. Assim, ficou evidente que o ato de ler facilita ao sujeito falar das suas questões.

Foi visível a transformação que a atividade proposta operou nos participantes. No início, eles chegavam tristes, envergonhados, tímidos e totalmente desmotivados para a atividade. Entretanto, por intermédio da leitura, progressivamente, conseguiram brincar, sorrir e ensinar, percebendo que este era um espaço de voz onde se sentiam à vontade para expressar suas emoções. Segundo Pereira (1996, p. 64-65 apud CALDIN, 2010, p. 66) “a leitura reflete as experiências humanas de todas as épocas e lugares”, portanto, “dá acesso aos registros de vidas, atitudes e sentimentos” e, assim, “ao ler e aprender que um problema não é único, o problema parece menos amedrontador”, o que possibilita ao sujeito falar dos seus sentimentos.

Além do prazer do texto, a leitura permitiu a esses pacientes refletirem sobre as suas experiências, mostrando o processo de exclusão pelo qual passam por serem usuários de drogas; o passado se fez presente através da saudade das palmas que um recebera no teatro, do animal de outro, que foi vendido para comprar drogas; a responsabilidade se mostrou na preocupação de uma informante com seus futuros bebês e no reconhecimento de que as mudanças dependem deles próprios. Para além destes sentimentos, ficou evidenciado que a leitura do texto T4 revelou ainda, para Ametista, a importância de valores, como a verdade.

Assim, através do compartilhamento do texto, por apropriação, esses sujeitos adquiriram maior segurança emocional para expor seus sentimentos e, através da interpretação, movimentaram a leitura, criando assim possibilidades de encontrar novos sentidos para uma melhor compreensão de suas questões.

7.1.2 Mudança de Comportamento

Compreende-se como comportamento: “maneira de se comportar, procedimento, conduta, ato” (FERREIRA, 2006, p.250). Por meio dos relatos dos participantes, verificou-se que a leitura é capaz de despertar a vontade de mudança

de comportamento, que, através do conhecimento, o ser humano se transforma, adquirindo autonomia, tornando-se sujeito crítico, reflexivo e mais consciente, impondo respeito e possibilitando-lhe vir a ser autor de sua própria história. Ao interagirem com o texto, estes participantes expressaram suas atitudes de mudanças de comportamento, revelando que a leitura é uma ferramenta decisiva no processo de liberdade do sujeito, conforme comentário já citado de Caldin.

O texto T1 fez com que Pérola evidenciasse o desejo de mudança ao dizer:

Pérola (T1) – *Eu quero voltar a fazer teatro, assim como os animais foram fazer música.*

No seu dia a dia, esses pacientes se encontram, muitas vezes, sem outras pessoas e outros espaços que não os das drogas para falar das suas vontades de mudanças, observando-se que a droga propicia o seu isolamento dos demais sujeitos. Para Pérola, retornar ao teatro pode ser uma maneira de reinserção no grupo e demonstra o quanto a leitura pôde motivá-la com as boas lembranças. Por outro lado, as possibilidades criadas a partir da atividade de leitura com os textos T3 e T4 ficam demonstradas na sua fala:

Pérola (T3) – *Uma coisa que eu consigo me acostumar e me deixa alegre que, eu sei que é muito bom é fazer isso que estou fazendo agora, que é ler.*

Pérola (T4) – *Eu tenho escrito bastante depois dessas leituras, inclusive, o meu caderninho acabou de eu tanto escrever. Depois que saio daqui, quando chego em casa, vou e escrevo, inclusive, apresentei um texto no evento do CREAIDS e quero escrever um livro de poemas.*

Pelo viés do texto, a respondente pôde reconhecer o ato de ler como um costume diferente daquele propiciado pelas drogas na sua vida e demonstrou sua mudança de atitude pelo caminho da leitura ao dizer que ampliou o seu processo de escrita após as atividades, falando com orgulho da apresentação de um texto em um evento e, sentindo-se forte, disse manter a vontade de escrever um livro de poemas. Percebe-se, assim, que a leitura, neste contexto, foi fator de transformações importantes na vida desta informante. Além disso, foi possível notar que Pérola fez da leitura companhia necessária quando menciona:

Pérola (T4) – *Eu vim para cá, hoje, lendo no ônibus o primeiro texto daqui: ele é muito engraçado; eu estava rindo sozinha e as pessoa pensando que eu era*

maluca. Eu posso dizer que eu não era sabida igual a esse burro, eu era burra, porque usava crack, eu era galinha, quando vivia na rua, e agora eu me olho no espelho e estou me vendo uma gatinha; converso comigo sozinha no espelho porque eu sei que essa menina linda vai se livrar das drogas.

Assim, Pérola deixou evidente que a leitura pode ser companheira, mostrando que, em momentos e espaços diferentes, ela pôde reler o texto, sozinha, viajar e se divertir com a fábula e pôde comparar as suas atitudes com a dos animais, finalizando a sua fala com uma atitude positiva de mudança.

Em momentos distintos, houve o reconhecimento do papel da leitura para promover mudanças no seu eu, como a que ela evidenciou na fala a seguir:

Pérola (T5) – Foi muito importante estar aqui na leitura para eu formar a minha identidade de mudança, porque mente vazia é a casa do diabo. Eu fui um pote rachado, mas não quero ser mais.

A partir da leitura do conto “O pote rachado”, Pérola se identificou com o pote, referindo-se ao seu passado, demonstrando a vontade de não mais permanecer neste estado.

Na leitura do texto T6, Rubi apresentou baixa autoestima no que se refere à situação do uso de drogas, mas, ainda assim, mostrou confiança no seu processo de mudança:

Rubi (T6) – Hoje me sinto um toco de vela apagado, mas eu quero mostrar o meu brilho para minha família, voltando à escola e conseguindo um trabalho melhor.

Observou-se no discurso do participante, o sentimento de prejuízo, no momento atual, ao se comparar a um toco de vela apagado, mas, também, a vontade de querer mudar esta situação através de um trabalho melhor e do retorno à escola, como confirmado pelo profissional que o acompanha:

QP – O paciente vem referindo o intento de voltar a estudar, tendo relatado que esta atividade ratificou sua pretensão.

As atividades de leitura foram realizadas com um grupo heterogêneo no qual alguns participantes detinham o domínio da leitura e da escrita e outros não. O relato de Topázio, como um dos que não possuía esta habilidade de modo necessário, evidenciou a mudança ocorrida a partir da leitura do texto:

Topázio (T9) – *Eu vejo que, agora, estou prestando mais atenção às letras do ônibus. Antes, minha tia precisava me colocar no ônibus para eu vir para cá, agora, eu posso vir sozinho; eu consigo ler o nome do ônibus e nunca mais peguei ele errado. Eu vim para o CETAD porque estava usando muita droga, agora, eu só venho para a leitura.*

A leitura despertou, portanto, este sujeito para a sua realidade, com naturalidade. Topázio demonstrou mudança de comportamento ao se tornar interessado em tentar, através das estórias infantis, melhorar o seu aprendizado, e se sentiu feliz ao alcançar esta conquista. O respondente dependia dos seus familiares devido à sua pouca familiaridade com a leitura, pois não conseguia ler o destino do ônibus. Nas sessões de leituras, despertou para reescrever sua história de maneira diferente e, assim, ter liberdade, ao conseguir ampliar o seu aprendizado reconhecendo o destino do ônibus, podendo agora se deslocar sozinho para os lugares, além de reconhecer a mudança no motivo de sua vinda ao CETAD.

Assim, a leitura proporcionou a Topázio uma desenvoltura no aprendizado e momentos de alegria. Com frequência, após a contação das estórias infantis e as leituras das letras de músicas, ele se mostrava animado a recontar a estória lida, ressignificando a situação ou cantarolando a música trabalhada, tornando-se mais confiante e autônomo. Este jovem percebeu que, além do prazer, a leitura tem o poder de propiciar a liberdade do sujeito e esta descoberta o estimulou a continuar, com muito esforço, o seu aprendizado, como se verificou na sua resposta da entrevista final.

Topázio (EF) – *Eu agora vejo um papel, quero tentar ler. As pessoas pensam que eu estou lendo, mas eu estou juntando as letras.*

Observou-se, através destes comentários, que a leitura pode ser vista como um elo que fortalece as ideias positivas e encoraja os sujeitos que estão em tratamento pelo uso abusivo de substâncias psicoativas, estimulando-os à mudança de comportamento. Neste sentido, Freire (2000, p. 40) diz que “a consciência do mundo e a consciência de mim, me fazem um ser não apenas no mundo, mas com o mundo e com os outros, um ser capaz de intervir no mundo e não só a ele se adaptar”. Por meio do conhecimento, o sujeito se transforma; através da mensagem que o texto impõe para cada leitor, conforme a sua realidade, as lacunas são preenchidas com o fortalecimento do estímulo de mudança na sua vida.

A atividade realizada com o texto T7 fez com que Rubi expressasse a religião como um caminho possível para fortalecer seu ideal de mudança, acreditando que esta também auxiliará no tratamento de sua dependência:

Rubi (T7) – *Eu quero entrar na religião para ver se eu consigo ficar mais forte, porque, às vezes, a gente pensa em desistir.*

Esse jovem demonstrou, através da leitura, a busca de mudança através da fé como uma alternativa a mais, além do tratamento psicoterápico, para se fortalecer, na tentativa de se livrar da dependência das drogas.

Os participantes deste estudo, por meio da objetivação do pensamento através da linguagem expressa pela fala ou escrita, demonstraram vontade de mudanças de atitudes. Mencionaram seus momentos de leituras, a necessidade que sentem de conseguirem se expressar melhor e a consciência de que podem adquirir a ampliação do vocabulário e a desenvoltura na fala através da leitura. Demonstraram desejar ser reconhecidos como entes queridos pelos seus familiares, estando conscientes do esforço da família em tentar lhes dar uma boa educação e explicitaram a necessidade de controlar o uso de drogas e voltar a estar incluído, de modo satisfatório, na escola, no trabalho, na família e em outros espaços.

Os dados evidenciaram que a leitura dos textos despertou, animou e motivou esses sujeitos a quererem dar novos sentidos a suas vidas, como nos diz Freire (1982, p. 19) ao afirmar que “a leitura implica em um fenômeno de interpretação, que é inerente à leitura, e que é, em si, uma terapia”. Desta forma, estes jovens e adultos podem se beneficiar pelo bem-estar da leitura, que contribui estimulando a mudança de comportamento e se tornando um auxílio no seu tratamento.

7.1.3 Leitura e Reflexão

Os textos trabalhados neste estudo apresentaram múltiplas possibilidades de reflexão para estes participantes confirmando que a leitura propicia inúmeras perspectivas, inclusive a de refletir acerca da realidade que nos circunda, reflexão compreendida como “ato ou efeito de refletir-se” (FERREIRA, 2006, p. 691).

Esta categoria apresenta os relatos dos informantes por meio dos quais se pode perceber a ordenação de ideias que, antes vagas, se tornam concretas em função da leitura e da interpretação de um texto, possibilitando reflexões sobre o seu

cotidiano. São questões que permeiam a sociedade atual e que foram ressaltadas em seus discursos pelo viés da leitura. Assim, eles expressaram suas concepções, a partir das experiências com os textos lidos, a respeito de velhice, amizade, consumismo, sexualidade, sabedoria, educação e profissão.

A sociedade atual privilegia a juventude infinita, valorizando a beleza física e desprezando o processo natural de envelhecimento dos sujeitos. A leitura desenvolvida no texto T1 possibilitou a Ametista fazer uma reflexão sobre a importância das experiências vividas pelo sujeito e o respeito necessário às pessoas mais velhas:

Ametista (T1) – Uma pessoa mais velha tem histórias fascinantes. Tem pessoas que fazem isso com seus parentes, abandonam quando estão velhos. Eu acho que precisa enxergar o outro.

A leitura possibilitou à respondente o reconhecimento do valor das pessoas mais velhas, que podem transmitir ensinamentos importantes através da sua experiência e, percebendo o tratamento de abandono ao qual muitos idosos são submetidos por seus familiares, expressou a sua opinião sobre a necessidade de respeitá-las.

Safira, a partir da leitura do texto T1, refletiu sobre a não aceitação da velhice, dizendo:

Safira (T1) – O burro foi muito inteligente, às vezes... posso dizer que ele foi mais sábio do que o homem, porque o homem muitas vezes insiste na mesma coisa, disfarçando o que é real, como, no caso, a velhice, que muitos tentam disfarçar querendo ser jovens, se vestindo como jovens e sem ter na verdade a força natural que o jovem tem.

A leitura do texto possibilitou, assim, à respondente falar sobre a dificuldade das pessoas em entender o processo natural de amadurecimento da vida, mostrando a importância de o burro aceitar suas dificuldades e encontrar outros caminhos, diferentemente das atitudes de muitos homens. Ainda discutindo sobre o texto T1, Safira refletiu também sobre a culpa, quando se faz algo errado e se arrepende. Expressou que este sentimento é forte na pessoa, fazendo surgir o medo, que faz criações que muitas vezes não existem:

Safira (T1) – Acho que os ladrões são os fracassados, sempre, porque o pensamento deles deve ser sempre de culpa, e culpa é culpa mesmo. O medo faz a

gente criar monstros que, muitas vezes, não existem ou podem ser menores do que o que realmente vemos.

Quanto a Topázio, a atividade desenvolvida com o texto T1 proporcionou refletir sobre as amizades:

Topázio (T1) – Do jeito que estão as coisas hoje em dia, é muito difícil encontrar boas amizades; a gente acha as pessoas para fazer coisa errada, mas assim como os animais fizeram, não. Ninguém se conhecia, eram bichos bem diferentes se encontraram ali e se deram de bem.

Essa fala reflete um discurso que eles apresentaram com frequência nos encontros de leitura, a necessidade de ter amigos, e reitera que o uso de drogas, por vezes, é necessário para fazer parte do grupo, evidenciando que a droga pode funcionar como um elemento de exclusão, mas, também, como um elemento de inclusão para o sujeito.

A atividade com o texto T3 possibilitou a Ametista pensar sobre o que se deseja e sobre a real necessidade daquilo que se busca, mostrando que as pessoas são impulsionadas a seguir um padrão, necessitando obedecer aos apelos da sociedade para ser reconhecido e ter uma boa conduta. Expressa que é difícil desacostumar, quebrar regras e fazer o que realmente se tem vontade:

Ametista (T3) – Acho que estamos muito mal acostumados. O que você deseja? Será que você precisa? Será que vale a pena você se matar para comprar coisas que logo acabam; a gente se acostuma a tudo, porque o sistema é bruto. Exigem que você corra, senão você se lasca. Se não seguir o padrão, não fazer o que os outros querem, você é ruim e acaba ofendendo os outros; é muito difícil assumir para não se acostumar a fazer o que os outros querem.

Ainda refletindo sobre o texto T3, Ametista se expressou sobre a sexualidade como tema recorrente da atualidade, discutido sobre os mais diversos aspectos pela sociedade. Ela demonstrou preocupação com a prevenção das DST/AIDS:

Ametista (T3) – Veja bem, estamos acostumados a ouvir falar da camisinha, como prevenir doença... então, na hora do sexo, tem que abstrair isso, porque ou pensa nisso ou na gravidez. Acho que tem que ter um símbolo que pense em algo muito bom para todo mundo querer usar, por exemplo, a camisinha aumenta a ereção ou a camisinha feminina deixa a mulher mais quente; poderia até

pensar em simbolizar a doença, mas também focar o lado bom da coisa, a depender da coisa, vejo que tudo é simbolizar para o poder.

Ametista, ao falar sobre o uso do preservativo para a prevenção das DST/AIDS, chamou a atenção para o modelo de disseminação da informação sobre esta temática para alcançar seus objetivos e, para tanto, analisou que se deveria incentivar os jovens ao uso da camisinha, alertando, sim, para o lado negativo das doenças, mas que é necessário trabalhar o lado positivo, de forma que exista algum atrativo que realmente estimule o uso do preservativo de maneira eficaz; e percebe a simbolização para o poder. Nesta perspectiva, é importante ressaltar que esta participante tem dificuldades de estabelecer vínculos e que a leitura possibilitou esta abertura, conforme enfatiza QP:

QP – Posso imaginar que a leitura trouxe benefícios para essa jovem, pois é uma paciente com questões de inibição e sintomas fóbicos. Entretanto, isso não foi referido por ela. Sei que, também, participar deste trabalho mobilizou muito, o que pode ser revertido em coisas boas, mas é preciso ter cuidado, pois certos pacientes ficam muito tomados. A condução do terapeuta, o tratamento que é dado após, é de extrema importância.

A partir da leitura do texto T3, Safira questionou sobre as possibilidades da superação do sofrimento pela sabedoria:

Safira (T3) – Você sabe que o sofrimento também é sabedoria? Os sofrimentos, muitas vezes, chegam para despertar o que está adormecido dentro de nós, porque, muitas vezes, é através de uma dor que temos sabedoria para mudar e transformar algo como o preconceito.

Sabe-se que o usuário de drogas sofre com a sua dependência e enfrenta muitas dificuldades por parte da sociedade, como, por exemplo, o preconceito, que é uma constante para este público. Neste sentido, Safira salientou que, diante do sofrimento, é possível despertar com sabedoria para questões relevantes e adquirir o aprendizado.

A atividade com o texto T4 permitiu a Ametista analisar o comportamento das crianças e apontou as fragilidades das relações sociais:

Ametista (T4) – As crianças estão muito diferentes nos dias de hoje, elas são mais abertas e são forçadas a se fechar pela exigência das pessoas. Elas se rebelam e acham um caminho, elas buscam uma saída para caminhar. Os pais não

têm tempo para dar educação, mas a televisão tem. Os pais estão nessa onda também ainda de dar tudo que os filhos querem. O ensino está uma porcaria. A escola é uma lerdexa. Ou você aceita tudo isso, o que é muito difícil, ou então você briga, mas não tem muito resultado, não resolve a situação.

A respondente refletiu sobre o comportamento das crianças na atualidade, apontando que a família e a escola estão fragilizadas comprometendo, assim, o processo de formação dos sujeitos e mencionou a televisão como um meio de comunicação de massa que influencia no processo de educação na atualidade, observa-se, de acordo com QP, que:

QP – Um trabalho de leitura pode ser um modo de se chegar a conteúdos inconscientes importantes. Também funciona como possibilidade de novos laços sociais. Entretanto, é necessário a interlocução com o terapeuta responsável, pois pode ser um trabalho muito mobilizador.

A partir da leitura do texto T5, a respondente refletiu sobre a importância da própria aceitação:

Ametista (T5) – Acho que ninguém é perfeito; se você é de um jeito, diferente dos outros, tem que se aceitar para que os outros possam lhe respeitar. Tentar forçar a natureza é querer quebrar pedras.

Ametista se expressou sobre a importância de assumir a identidade, aceitando os próprios defeitos e virtudes, para que assim os outros possam respeitá-los, salientando que a não aceitação da maneira de ser pode levar a dificuldades, comparando esse processo a um quebrar de pedras.

Com o desenvolvimento da atividade com o texto T6, Diamante destacou as diferenças entre as profissões:

Diamante (T6) – Não concordo com o parágrafo que o autor diz que não é uma profissão badalada que mede a estatura de uma pessoa. Eu acho que rico não se mistura com pobre, essa é a realidade. Mas concordo que todos têm o seu valor, tanto os pequenos como os grandes trabalhos, principalmente aqueles que requerem um maior nível educacional e têm melhores remunerações.

Por meio da leitura, o respondente pôde expressar a sua opinião sobre a valorização das profissões e, discordando do autor, fala do status trazido por elas. Diamante entende que uma profissão com maior respeitabilidade social tem maior reconhecimento que outras em que as remunerações e exigências no nível

educacional são menores. Menciona, também, que os ricos estão sempre com os ricos, sem perceber o pobre. Concorde que todas as profissões têm importância e que se elas existem é porque são necessárias, entretanto, umas se tornam mais valorizadas que outras. Tem-se conforme este posicionamento a fala no QP:

QP – *As atividades de leitura foram bastante positivas para esse paciente. Ajudou a refletir sobre sua posição na vida, sobretudo, em relação à procura de um trabalho.*

Em uma das suas respostas, na entrevista final, Diamante expressou:

Diamante (EF) – *Percebi que, na leitura, podemos encontrar respostas para muitas das nossas dúvidas.*

Essa reflexão do respondente revela que a leitura é uma ferramenta que auxilia em momentos de indecisão. A descoberta do significado do texto pelo leitor é que permite o cuidado com o ser, tornando terapêutico o ato de ler, pois permite ir além do que o texto diz com as suas interpretações, encontrando, assim, um sentimento de conforto e equilíbrio.

Através do mecanismo da leitura, os informantes desta pesquisa refletiram sobre questões importantes em suas vidas, apresentando pontos de vista diante do texto, a partir das suas experiências. Com o suporte da leitura, expuseram suas angústias e arrependimentos pelo tempo perdido em que fizeram “a família sofrer”, pela fraqueza de não conseguirem controlar o uso das drogas. Deste modo, transformaram a linguagem falada em linguagem falante, ou seja, signos em significados. Diz Freire (1987, p. 44): “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação reflexão”, permitindo se dessa forma compreender se e ser compreendido.

Assim, foi possível para esses participantes pensarem sobre o valor das pequenas coisas da vida, com o texto *A estrela e a vela*, sobre a importância de respeitar os mais velhos, percebendo que também é possível enxergar outras possibilidades para a resolução de situações, principalmente quando se tem a união, como aconteceu com os animais, no texto *Os músicos de Bremen*, que se juntaram na velhice, ao serem descartados e totalmente desvalorizados pelo cansaço natural da idade, e encontraram outra maneira para continuarem vivos e felizes.

Os respondentes refletiram sobre a atitude dos ladrões, na fábula, ao perceberem monstros onde não existiam devido ao sentimento de culpa pelas coisas erradas que estavam a fazer. Expuseram a importância das amizades,

principalmente, na juventude, mas reconheceram que as mesmas podem influenciar o uso de drogas, salientaram que a experiência é importante na vida das pessoas para encontrar ideias positivas, como fizeram os animais, ao se juntarem com uma ideia grandiosa para fazer coisas interessantes, revelando a importância do amadurecimento do sujeito para o melhor entendimento das suas questões.

Os informantes salientaram a real necessidade que o sujeito tem para sobreviver e estar bem consigo mesmo e o sofrimento desmedido imposto em seguir um padrão, quando a sociedade exige que você esteja igual aos outros, como nos diz Caldin (2010, p. 64): “[...] inseridos como estamos em uma sociedade extremamente tecnológica e competitiva em que os valores de barganha para o sucesso consistem em tripudiar os concorrentes, foi escamoteado o sentido primário de cuidado com o ser”, obrigando o sujeito a uma corrida desenfreada em busca do ter cada vez mais e esquecendo o outro enquanto ser.

Expressaram, ainda, que o processo de adquirir sabedoria através do aprendizado da vida pode, muitas vezes, ser doloroso, mas que, de certa forma, ensina algo, mesmo com o sofrimento. Esteve presente também nas falas destes respondentes o nome de Deus, os agradecimentos por estarem vivos ao reconhecerem o maior perigo ao qual expõem suas vidas pelo uso das drogas. Mencionaram o pouco interesse dos pais e da escola com a educação das crianças e reconheceram a falta de compromisso com que a educação é tratada.

Revelaram a importância de acreditar nos sonhos, na liberdade e de conseguir controlar seus impulsos; refletiram sobre suas dificuldades, seus próprios defeitos e fraquezas, com a leitura do conto “O pote rachado”, expressando que o defeito depende da forma de quem vê, do olhar de cada pessoa, pois algo pode estar errado para uma pessoa, porém certo para outra. Explicaram que um defeito, como no caso do pote rachado, pode ser uma qualidade, que, muitas vezes, é difícil de ser reconhecida pelo próprio sujeito; que as pessoas não podem ser cópias: têm de ser elas mesmas e assumir o que de fato são.

Sobre a leitura terapêutica, afirma Caldin:

No compartilhamento das vivências, a intersubjetividade aliada a intercorporeidade transforma a leitura em um ato solidário. Isso significa dizer que na pluralidade de mentes e corpos (mediada pela leitura, contação ou dramatização) e na apropriação da identidade da personagem ficcional tira-se força para enfrentamento de problemas e busca de soluções – o que é terapêutico. (2010, p. 148).

Desta forma, os participantes deste estudo, em uma interação dinâmica com o texto, fizeram diversas reflexões, buscando compreender o que tem à sua volta e atribuindo-lhe significados através da leitura.

7.1.4 Leitura e Autoestima

Autoestima é compreendida neste estudo como a avaliação subjetiva que a pessoa faz de si mesma, que pode ser negativa ou positiva. Sabe-se que o autoconceito é originado dos fatores externos e internos que circundam o indivíduo e que as internalizações, juntamente com a bagagem trazida por ele, é que produz os mais diversos resultados na construção da identidade do sujeito. Estas internalizações surgem das relações grupais, da interação com as outras pessoas pelas quais os sujeitos descobrem o mundo. Esta categoria permite observar a avaliação que os sujeitos deste estudo podem fazer de si mesmos a partir da leitura de um texto.

Na leitura do texto T3, Pérola mostrou o poder que se impõe àquele que domina a leitura sobre aquele que não possui tal habilidade: Pérola (T3) – *Eu sei dizer que, ultimamente, essas leituras têm me guiado no mundo, porque meus colegas me acham importante quando me veem lendo, crio moral com eles; quando brigo com minha namorada, fico lendo e deixo ela falando sozinha; também, quando quero fazer as pazes com ela, pego as palavras bonitas do texto, faço um poema e leio para ela; também crio minhas letras de raps e ela se amarra, me acha muito inteligente.*

Eu sou um pouco curiosa, gosto de ficar sabida e tirar uma ondinha. Lá no CREAIDS, quase nenhuma das meninas sabem ler. Eu levo esses textos que pego aqui e leio para elas; elas ficam me achando muito bacana e inteligente.

A leitura dos textos T4 e T5, realizada em diferentes momentos por Pérola, reafirmou a condição de ser diferente em razão da leitura:

Pérola (T4) – *Eu sou diferente da galera que ando, porque leio, sou mais importante nos lugares, porque as pessoas sabem que tenho leitura, como o meu texto que apresentei no CREAIDS, está preso no mural e todo mundo lê.*

Pérola (T5) – *Eu estou ligada na comunicação, estou falando melhor, bonito, tudo por causa da leitura. A senhora viu como eu pude ler melhor hoje?*

Observou-se no discurso de Pérola que ela tem boa autoestima por ter habilidade para a leitura, percebendo-se diferente das pessoas do seu grupo. Reconheceu que se torna mais importante e tem mais respeito das pessoas porque sabe ler. Mostrou-se orgulhosa pelo poder que detém pelo viés da leitura e pelo reconhecimento das pessoas e percebeu que a leitura possibilita melhor desenvoltura no seu processo de comunicação, sentindo-se assim valorizada e com estima elevada.

Foi possível observar, ainda, no seu discurso, como a leitura contribuiu para aumentar a sua estima porque, muitas vezes, se sente excluída pela sociedade pelo uso abusivo das substâncias psicoativas. Ficou evidente o poder de socialização da leitura em relação ao grupo do qual é partícipe, salientando ser valorizada pelos amigos pelo empoderamento permitido pelo domínio do código, ao compartilhar o texto com aqueles que não conseguem ler; disse utilizar, ainda, a leitura como um instrumento facilitador nas horas dos conflitos pessoais com sua parceira e como mecanismo para ampliar as criações dos seus raps. Em todo o discurso de Pérola ficou evidenciado que a leitura faz com que ela se sinta um sujeito diferenciado em relação ao grupo e a sua parceira.

Ainda com relação à autoestima propiciada pela leitura do texto T3, Safira reconheceu que a palavra lida pode melhorar o estado de espírito das pessoas.

Safira (T3) – *Eu sei que posso melhorar com cada leitura que posso fazer e discutir, ou lembrar de coisas aqui com você. Eu mesmo me sinto mais forte para falar, no meu dia a dia, com as coisas que leio nos livros ou nas revistas e enfrentar meus problemas. Gosto de saber o que está acontecendo no momento. Uma palavra lida faz a gente refletir e se sentir melhor.*

Percebeu-se na fala de Safira que a aquisição do conhecimento através da leitura possibilitou seu fortalecimento para enfrentar a situação desencadeada pelo uso da droga, além de mantê-la atualizada, melhorando sua autoestima.

A leitura permitiu a estes pacientes a liberdade de interpretação e a criação de novos textos, pois, como nos diz Caldin (2010), para o leitor, a imaginação não é apenas uma coisa que ele utiliza para fugir do cotidiano, mas, sim, um ato deliberado, intencional, que o sujeito realiza, valendo-se da sua liberdade. Desta forma, eles se sentiram valorizados e a sua autoestima aumentou ao

perceberem que, neste lugar, a voz deles tem importância e eles podem se sentir seguros e à vontade para se expressar.

Os informantes perceberam que existe um espaço de descentramento, de corporeidade e afetividade, que são elementos fundamentais da biblioterapia de desenvolvimento, em que o principal movimento é o cuidado com o ser. Nesse sentido, Caldin (2010, p. 64) enfatiza que “a leitura de um livro pode ser terapêutica, pois a dimensão do cuidado se volta para o leitor ou o ouvinte do texto literário que, singulares em sua existência, podem abrir-se para o mundo”. Assim, através da interpretação de um texto, é possível a abertura para a compreensão do mundo e, conseqüentemente, o entendimento do ser humano, sendo um mecanismo de fortalecimento para enfrentar a realidade.

Quanto à leitura do texto poder facilitar a externalização de questões dolorosas e difíceis, confirma Caldin:

É essa fala falante, esse ultrapassamento da linguagem solidificada, essa liberdade de criação de um novo texto, esse preenchimento dos vazios do texto literário, que permite ao leitor, ouvinte, expectador pensar sobre seus sentimentos e problemas e amalgamando suas retensões e protensões com o simbólico, transformar uma narrativa ficcional em narrativa terapêutica. (2010, p. 85).

Muitas vezes, o usuário de drogas se sente à margem da sociedade, em um processo de exclusão, sendo constantemente julgado pelos olhares da família, da escola, dos amigos, enfim, de toda a sociedade. Falta-lhe espaço, credibilidade, estímulo para falar dos seus sentimentos. No momento da leitura e nos comentários sobre os textos, os respondentes se sentiram tranquilos para relatar suas histórias, ressignificando o texto lido a partir dos personagens e, muitas vezes, criando alternativas possíveis para o que diz o texto, com base na experiência vivida, isto é, uma leitura desprovida de sentidos pré estabelecidos.

No processo de troca de informações e de conhecimentos, o sentimento que perpassou esses sujeitos foi o de valorização em relação às suas criações, percebendo que a palavra dita tem valor e que seu conhecimento é importante. Caldin (2010) assevera que, “ao envolver-se na leitura [o sujeito], volta-se para si mesmo como fonte de conhecimento pela introspecção; procura harmonizar-se com a essência de existir pela identificação com os personagens e se libera pela

catarse”. Vê-se, portanto, que a leitura possibilita o equilíbrio entre os sujeitos e seus conflitos.

Neste processo de desenvolvimento das atividades de leitura, os pacientes tiveram como mediadora a própria pesquisadora que, além de buscar fortalecer o cuidado com esses jovens e adultos, procurou incentivá-los para a leitura de forma lúdica, prazerosa, em busca de conhecimento, de melhoria no seu desenvolvimento físico e para o auxílio no seu equilíbrio emocional, o que contribui para o tratamento destas pessoas, como confirma Caldin (2010). O mediador, nesta perspectiva, assume um papel de interlocutor entre o texto e o sujeito, construindo uma relação de cumplicidade.

O viver em sociedade demanda o compartilhamento de suas experiências com o outro. Muitas vezes, ao não encontrar este outro para lhe dar alento, o sujeito recorre a outras estratégias que possam suprir a ausência destas vozes, dentre estas, o livro no qual encontrará os personagens e o contexto de uma história com os quais poderá se identificar e, assim, preencher os seus vazios. Num contexto permeado de ausências, o mediador será aquele que intermediará o texto e as necessidades específicas do sujeito, contribuindo para o aumento da autoestima do sujeito.

7.1.5 Leitura: Produção de Sentidos

Esta categoria foi delineada a partir dos sentidos e significados que os participantes atribuíram ao texto, um sentido que não é definido, que é construído a partir de cada leitura, de acordo com a subjetividade do leitor. Assim, os atores do estudo desempenharam um papel ativo, modificando e transformando o texto em um novo texto, a partir de suas inferências, produzindo significados para eles, de acordo com o seu contexto.

Safira, após a leitura do texto T1, demonstrou a importância de acreditar em si mesmo e da união das pessoas:

Safira (T1) – Acho que tudo depende de nós, se acreditamos em nós mesmos, ficamos fortes e podemos fazer coisas importantes que nos deixam bem. Apesar de que eu sei que tem horas que a onda é difícil e, acreditar é difícil também, mas, depois, esse acreditar vem e faz um bem enorme. A gente pode se sentir mais

gente. Acho a união algo importante entre as pessoas, como fizeram os animais na fábula.

A fala de Safira retratou o significado de acordo com a sua subjetividade. A leitura da fábula possibilitou que ela percebesse um sentido possível para lidar com os obstáculos impostos pela vida assim como fizeram os animais de “Os músicos de Bremen” que se fortaleceram e conseguiram perceber outro caminho. Ela demonstrou consciência das situações difíceis, mas expressou que a confiança é importante para amenizar as dificuldades e acredita que a união fortalece as pessoas para o enfrentamento das situações.

A construção de sentido e aspectos como a motivação e o contexto fizeram com que Diamante se identificasse com o texto:

Diamante (EF) – Gostei desses textos, senti que tudo que se passa pode ser traduzido em um simples texto ou poesia e pode ser interpretado de diversas maneiras, por diversas pessoas, basta ter o seu ponto de vista.

A percepção do respondente revelou a motivação, o interesse e a admiração do leitor pelo texto, ao encontrar o sentido conforme a sua compreensão, seus valores e conhecimento.

Pérola também se identificou com os textos:

Pérola (T3) – Os textos sempre são especiais para mim, eles sempre falam de mim. Então eu já venho na curiosidade em saber o que o texto vai dizer. Acho muito legal e curioso, porque o texto sempre traz o que eu preciso naquela hora; será que a senhora está lendo meus pensamentos?

Pérola (T4) – No palco da vida, essa frase é muito boa para mim, é muito tocante, pois, no momento, é o que estou vivendo. Estou muito irritada, ansiosa, a base de remédios para controlar minha depressão. Eu acho que a minha vida é o mais importante e eu não quero voltar à falência; estou tentando de tudo e vejo que tem muitas pessoas querendo me ajudar.

Nesses comentários, fica explícito o processo de reconhecimento entre o sujeito e o texto lido, fazendo o sujeito entender a leitura como algo especial, mostrando que a leitura pode preencher seus vazios, ao enfatizar que o texto trabalhado neste encontro trazia uma semelhança com o momento vivido. Ficou evidente que é na interação do leitor com o texto que se apresenta o sentido. Pérola destacou a importância da vida e a vontade de não voltar à falência, como diz o

texto T4, além de reconhecer o interesse das pessoas em ajudá-la. Desta feita, percebeu como ela pode se compreender e ser compreendida pelo processo de interação com a leitura.

A partir da leitura do texto T3, Safira comentou:

Safira (T3) – *Eu mesma sou mais auditiva, posso escutar tudo e muito bem; quando você lê, eu posso memorizar muito bem e, inclusive, lembrar, por muito tempo, das partes que me interessam, que diz respeito a mim ou ao que está acontecendo comigo naquele momento.*

Nessa fala da respondente, ficou claro que só existe texto com contexto, pois a leitura remete a um sentido de vivência do outro e o interesse pela leitura de um texto se dá a partir da transformação de signos em significados, o que possibilita a construção de um novo texto. Ainda em relação ao sentido, sobre o mesmo texto, Safira expôs:

Safira (T3) – *Quando a gente se acostuma a não fazer nada, a não ter nada para mudar, as drogas chegam, e aí a gente se acostuma; pensa que é sempre fácil, mas, às vezes, depois de acostumado é muito difícil sair.*

Safira fez uma relação do texto com o seu cotidiano, ao dizer que quando não se tem expectativas, não se preenche os espaços com atividades interessantes e saudáveis, este lugar de vazios pode ser preenchido pelas drogas, o que é fácil de se acostumar, porém, muito difícil de sair. Assim verificou-se que o leitor atribuiu vida ao texto – modificando-se, mutuamente, texto e leitor – ao encontrar sentidos e significados.

Através da leitura do texto T4, a respondente elegeu o livro como objeto de sua confiança:

Pérola (T4) – *A leitura, na moral, tem me ajudado muito. Eu não vou mentir, eu, às vezes, prefiro conversar com os livros, que confio mais, do que com certas pessoas.*

A fala da respondente demonstrou que a leitura é importante em sua vida, que, ao se identificar com o texto, ela pode confiar naquilo que está escrito. Existem situações nas quais, muitas vezes, é difícil para o outro responder ou entender e, no texto, é possível visualizar uma resposta ou uma situação igual àquela vivida pelo sujeito, o que pode lhe transmitir segurança e um olhar diferente para o enfrentamento da situação com mais tranquilidade.

Os textos T3 e T6 propiciaram a Diamante construir um sentido em razão da experiência vivenciada no período escolar, relacionando o sentimento experimentado neste contexto com aquele significado no texto:

Diamante (T3) – *Sempre que via as pessoas apresentando seus trabalhos na escola achava que o meu não era tão bom quanto o dos meus colegas, estava sempre me comparando ao outro e sempre me sentia inseguro e um pouco inferior, me sentia realmente um toco de vela apagado.*

Diamante (T6) – *Eu também não me acostumo a ser ignorado, isso, muitas vezes, acontece comigo, eu tenho uma ideia, um pensamento a respeito de administração, meus professores não respeitam a minha opinião, a deles é sempre a melhor ou a certa, isso porque ele tem mais experiência ou está mais velho na idade do que eu.*

Os textos T3 e T6 fizeram com que Diamante revivesse o passado, no qual se sentia inseguro e incapaz em relação ao grupo escolar, apresentando em seu discurso a ideia firme de que o seu potencial enquanto sujeito cognoscente era inferior aos demais. Neste aspecto, o seu olhar se volta sempre para a mesma questão, ao entender que é ignorado e que as suas ideias a respeito do seu curso de administração não são respeitadas pelos professores, demonstrando algo que o incomoda, ao qual ele não consegue se acostumar, comparando o seu sentimento, naquele momento, ao de uma vela apagada, fazendo referência ao texto “A estrela e a vela” de Ivete Amaral. Observou-se que o texto facilitou ao respondente externar questões dolorosas que se mantêm guardadas e que não parecem bem resolvidas.

Pérola, na leitura do texto T4, fez a relação do texto com o seu contexto:

Pérola (T4) – *Esse texto, ao falar de coragem, está me lembrando o que aconteceu comigo, ontem; a galera estava usando crack em uma festa na minha rua e me chamaram para cheirar, mas eu fui muito forte e corajosa, consegui ficar só na minha maconha, não cheirei nem uma vez.*

Fica evidenciado neste comentário como uma palavra dita no texto remete, mais uma vez, o sujeito a sua vivência, fazendo-o refletir, mostrando, assim, o sentido que o texto traz em razão do contexto experimentado. O enfrentamento de Pérola perante a realidade descrita em seu discurso a fez encontrar sentido na leitura do texto. Assim, ficou claro que a leitura permitiu ver o texto para além da sua

aparência e do seu formato, apresentando aquilo que pode se revelar para cada sujeito a partir da sua organização de significados.

Por meio da leitura do texto T7, Rubi expressou a importância da família para ele:

Rubi (T7) – *Eu sei que o melhor presente que Deus me deu é minha família, e assim eu posso brindar a vida como fala a autora.*

Esse participante sempre demonstrou, nos seus comentários, o valor que a família tem para ele, entendendo o esforço feito para ajudá-lo com referência ao uso de drogas. A dificuldade em não conseguir controlar este uso faz Rubi se sentir triste e culpado por fazer a família sofrer. Esta percepção coaduna com aquela observada pelo profissional que o acompanha:

QP – *O recurso de leitura abre possibilidade de reflexão sobre a relação do indivíduo com o seu entorno: a família, escolhas afetivas, relações sociais, muitas vezes camufladas com o uso da droga.*

No desenvolvimento das atividades com o texto T7, Rubi continuou se expressando sobre o seu sofrimento com o uso abusivo das substâncias psicoativas:

Rubi (T7) – *As drogas têm sido muito forte na minha vida e sempre me derruba, às vezes penso em desistir, por ver minha família sofrendo, mas não consigo parar.*

O poder das drogas sobre Rubi faz com que ele, frequentemente, pense em desistir da vida, em razão da falta de controle do vício sobre si mesmo, entretanto, o laço de afetividade com a família sempre o faz retroagir. O texto “Um brinde à vida”, de Clarice Lispector, permitiu a este jovem a ressignificação deste valor de suma importância para a vida de qualquer sujeito. Verificou-se, pois, a necessidade de o sujeito atribuir sentidos às coisas do mundo, pois a falta destas significações o deixa, por vezes, muito confuso e sem sentido. E Rubi, ao encontrar sentido em sua família, pode se sentir mais fortalecido.

A leitura dos textos permitiu aos respondentes atribuírem sentidos ao que estava escrito, como nos ajuda a entender Vygotsky (2000, p. 6) quando afirma: “uma palavra sem significado é um som vazio”. A compreensão da leitura por eles realizada não se resumiu apenas às marcas gráficas impressas no papel ou ao som das palavras emitidas pelo mediador, quando da prática da leitura em voz alta, nos encontros semanais, mas, sobretudo, ao que o texto revelava e à maneira pela qual

eles apreenderam e interpretaram a intenção do autor, em um processo de interação, gerando sentidos.

A cada leitura realizada durante o processo de investigação, aumentava a possibilidade para os respondentes de ampliarem a desenvoltura e a criatividade na construção de novos textos, surgidos de acordo com suas percepções, isto é, um significado para eles. Assim “a leitura remete à questão da produção de sentidos constituídos no contexto de interação recíproca entre autor e leitor via texto, os quais se expressam diferentemente, de acordo com a subjetividade do leitor” (FERREIRA; BORGES DIAS, 2004, p. 440), sendo o novo texto construído de acordo com o sentido atribuído pelo leitor.

Os sujeitos da pesquisa desempenharam um papel ativo nas sessões de leitura com as inferências e a construção de novos saberes, significaram o texto lido, indo além do que estava escrito, mesmo quando o autor intentava uma condução de sentido ao texto. Por ser polissêmico, o texto permitiu ser reconstruído por esses participantes, a partir das suas experiências, gerando significados, de acordo com os seus contextos. Portanto, é possível dizer: “o mundo transforma-se aos olhos do sujeito quando este é transformado” (FERREIRA; BORGES DIAS, 2004, p. 439); a sua postura diante da realidade muda, ele adquire um olhar diferente de antes, pois, o conhecimento apreendido amplia a sua forma de perceber e encarar a realidade favorecendo a mudança de comportamento.

No desenvolvimento das atividades com o texto literário, a imagem e a música, elementos desencadeadores do diálogo, em que a linguagem metafórica estava unida à vivência do cotidiano dos participantes, permitiu-se a esses sujeitos exporem suas falas, protegendo a sua vulnerabilidade, no sentido de relatarem, sem medos, situações que em um contexto diferente do aqui apresentado não seria possível, face ao julgamento a que seriam submetidos.

A leitura propiciada nesses encontros fez com que os sujeitos encontrassem sentidos para as suas histórias, confirmando o que diz Caldin (2010, p. 67): “pela leitura desvelamos o mundo: o mundo do texto, o mundo da imaginação, o mundo exterior, o mundo sensível”, e, deste modo vislumbraram, para além do código, aquilo que a sua fantasia e a sua experiência permitiram interpretar.

7.1.6 Leitura e Motivação

Motivação nesse estudo se refere a “ato ou efeito de motivar” (FERREIRA, 2006, p. 566).

O exercício da leitura tem como consequência o desenvolvimento do sujeito, pois o texto o auxilia a fazer escolhas, diante de muitas informações e, quando motivado, este desperta ou deseja progredir no ato de ler. Os relatos dos informantes permitiram analisar, nesta categoria, que a leitura pode ser despreziosa, livre e capaz de motivar o leitor. No desenvolvimento das atividades, por exemplo, eles puderam interpretar o texto de maneira prazerosa, sentindo-se incentivado a novas leituras, conscientizando-se que, além de informar, ela proporcionou satisfação.

A atividade com o texto T1 trouxe a Pérola alívio ao seu mal-estar diante de conflitos:

Pérola (T1) – *Eu cheguei aqui hoje me sentindo muito mal, pois soube do médico que minha gestação é de risco e que poderia perder meus filhos. Estava voando, pensando em fazer besteiras, queria sumir... Mas, depois da leitura, me senti mais animada.*

A leitura auxilia o sujeito na compreensão das suas questões, aliviando tensões em momentos difíceis. Pérola, estressada e triste com a notícia do risco de morte de seus filhos e com a possível suspensão da sua condição de mãe, se sentiu motivada, ao participar da atividade literária, beneficiando-se com a tranquilidade e bem-estar proporcionados pelo viés da leitura.

A leitura de T7 possibilitou equilíbrio a Rubi diante do seu estado emocional:

Rubi (T7) – *Eu melhorei depois que sentei aqui e pude ler, estava nervoso:*

Da fala de Rubi, infere-se que a leitura é por vezes relaxante e capaz de ensejar descontração, preenchendo o leitor, lacunas com a imaginação, o que possibilitou a este jovem uma melhora no quadro clínico, apresentando uma diminuição da ansiedade.

Na resposta de Ametista, na entrevista final, ela se mostrou motivada com a descoberta de novos textos:

Ametista (EF) – *Não sabia que ler podia ser tão divertido. Gostei muito de conhecer esses textos que eu não conhecia.*

A participante revelou a importância dos textos literários que proporcionaram prazer e alegria no desenvolvimento das atividades onde encontrou a diversão da leitura.

Topázio, também na entrevista final, revelou o deleite nos vários formatos da leitura:

Topázio (EF) – *Eu adorei as estorinhas, o colorido dos desenhos no computador, a música e as risadas que damos com os acontecimentos das estórias. Tudo é muito engraçado.*

A fala do participante, na entrevista final, evidenciou a importância dos diversos tipos de linguagens no desenvolvimento das atividades: na apreciação da leitura através do computador, os desenhos, o colorido e todo o encantamento, fascínio e motivação que a leitura virtual provocou, principalmente para ele, que tem dificuldades com a leitura escolarizada. O ambiente de afetividade e alegria foi visto, também por Topázio, como um elemento importante para o desenvolvimento da atividade, mostrando que a descoberta da leitura produz prazer e bem-estar, como confirma QP em referência a Topázio:

QP – *As atividades de leitura trouxeram benefício ao paciente. Trata-se de um paciente com inibição à leitura e escrita, apesar de ter frequentado regularmente a escola. Esteve envolvido com atos delituosos e uso de drogas, o que motivou sua vinda ao CETAD. A possibilidade do trabalho com a leitura estimulou sua autoimagem e parece ter favorecido uma maior inserção no meio em que se encontra.*

A leitura motivou Pérola e Safira a mudanças de atitudes que lhe proporcionaram conforto:

Pérola (T4) – *Eu não queria sair hoje de casa, estava com muita preguiça, sinto dores na coluna, mas eu vejo que a leitura me anima, eu posso rir e pensar melhor.*

Safira (T5) – *Eu estou adoentada, mas faço questão de estar aqui com você, porque, depois das leituras, me sinto revigorada, mais animada e também sinto muita tranquilidade, saio daqui em paz e com mais confiança em mim mesma.*

A partir da fala de Pérola, no texto T4, e Safira, no texto T5, foi possível observar como a leitura pôde ser motivacional e produzir conforto. O ato de ler promoveu ânimo, alegria, reflexão, vigor e mais confiança para estas participantes que se encontram em dificuldades com o uso abusivo de substâncias psicoativas. Tornou-se evidente que estimular a imaginação do sujeito pelo processo de leitura trouxe resultados positivos.

A partir da leitura do texto T4, Pérola foi motivada a expor a sua visão sobre o ato de ler e o processo de desenvolvimento desses encontros de leitura:

Pérola (T4) – Ler é sempre muito bom para mim, principalmente, como estou aqui agora, tenho um horário só para fazer isso e, você, especialmente, para me dar toda a atenção; sei que posso ficar à vontade para falar o que vem na minha mente, não sinto vergonha de dizer nada, posso falar tudo que quero, aqui.

Neste posicionamento da informante, ficou patente o cuidado com o ser, objetivo primordial da biblioterapia. Pérola tomou consciência de que ela era prioridade naquele momento e tinha atenção exclusiva por parte da pesquisadora e, assim, teve liberdade para falar o que sentiu vontade, sem constrangimentos. E, converge para o que diz o QP:

QP – Considerei muito importante o desenvolvimento dessa atividade com o paciente, não só pela oferta da qualidade do serviço oferecido, mas pela atenção à forma de condução com o paciente dada pela bibliotecária.

Sabe-se que as pessoas que estão em dificuldades pelo uso de drogas, por vezes, têm carências afetivas e, por conseguinte, ao se sentirem acolhidos com respeito, em um ambiente onde impera a descontração e a alegria, se sentem estimulados e confortáveis ao falarem dos seus sentimentos.

Na fala de Safira, a partir da leitura do texto T5, ela se mostrou motivada à prática de uma ação positiva:

Safira (T5) – Eu sinto que esses textos me ajudam muito e eu me sinto mais feliz, porque posso ajudar outras pessoas com a distribuição deles. Percebo um sorriso das pessoas, dou atenção e vejo como as pessoas podem refletir e serem agradecidas por esse meu gesto.

Safira expôs a sua atitude de divulgar os textos trabalhados como forma de ampliar e compartilhar os benefícios que lhe foram proporcionados pela leitura. A participante tem consciência de que, com este fazer, pode amenizar o sofrimento de

pessoas em situações análogas, ajudando-as a readquirir harmonia e equilíbrio. Torna-se possível e correto inferir, portanto, que Safira se tornou uma agente multiplicadora, pois acredita no método utilizado.

A atividade desenvolvida com o texto T7 motivou Rubi a falar de suas questões:

Rubi (T7) – *A senhora pode ver que eu estou pálido e trêmulo. A leitura me ajuda a passar o tempo, quando estou com vergonha de alguma coisa ou ansioso na espera, a leitura me diz que o tempo passa rápido quando leio.*

Eu sinto que aqui eu posso falar muito e sinto muita vontade de falar; quando estou no consultório, às vezes, as palavras fogem, eu me perco no assunto, esqueço o que tenho para falar, fico com vergonha e todo atrapalhado, depois, quando saio do consultório, às vezes, fico me sentindo mal, porque tinha coisas para falar, mas, na hora, não veio na mente, não consegui dizer; mas, aqui, é diferente: quando falamos do texto eu vou lembrando melhor das coisas. A senhora sabe que todos os textos que levo daqui prego na parede do meu armário? Antes, dou a minha irmã para ler, ela adora! Quando estou triste, eu leio esses textos e chamo muito por Deus, então posso me sentir melhor.

Observou-se no comentário de Rubi que a leitura do texto facilitou a externalização da fala e auxiliou nas lembranças daquilo que se queria dizer sem medos, como confirma QP:

QP – *A inserção no campo do simbólico, advindo desta estratégia, seguramente é de grande valia, posto que sabemos o quanto é deficitário o uso da linguagem e das propriedades pelos pacientes usuários de drogas no nosso contexto.*

A leitura auxiliou o respondente no processo de organização da fala e possibilitou uma interação com sua irmã, ao levar os textos para ela, mostrando que a releitura dos mesmos em outros espaços, nos momentos de tristeza, o fortalece na busca da melhoria de sua situação.

Assim, foi possível observar os resultados motivacionais proporcionados pela leitura aos participantes, tornando-se relevante incentivá-los a esta prática.

O histórico de leitura desses informantes, por vezes, está associado à sala de aula, ao formato imposto pelo professor. Sabe-se que é, principalmente, da escola que a sociedade cobra o incentivo ao ato de ler, contudo, esta instituição não está preparada para despertar o gosto pela leitura, pois, tudo ou quase tudo se torna

obrigação e/ou avaliação de notas. Ademais, a família, que também poderia exercitar este papel, não está preocupada com a questão, delegando tal responsabilidade à escola.

Mas ler é um processo de descoberta que proporciona prazer. Ao sensibilizar esses sujeitos para o processo de leitura, eles interagiram de forma satisfatória, onde a alegria, o riso e as brincadeiras estiveram presentes. Foram momentos de descontração em que, mesmo estando preocupados com questões difíceis da vida, no horário da leitura, eles podiam esquecer aquela situação.

Os respondentes ficaram motivados, ao perceberem as estratégias dos personagens nas fábulas, sentiram-se importantes e privilegiados por terem um momento dedicado a eles, individualmente, para a leitura e discussão do texto. Assim, se interessaram pela história, fizeram inferências, curtiram a esperteza dos animais na fábula e estimulados a sair de casa para a atividade, mesmo tendo dificuldades, ao perceberem que a leitura lhes proporcionava bem-estar, como faz compreender Caldin (2010, p. 64): “a motivação é o principal fator de uma leitura pelo viés terapêutico [...]” vez que possibilita a abertura do sujeito a novos saberes.

Os participantes puderam perceber a leitura sem imposição, mas, simplesmente, pelo prazer e liberdade de pensar e criar, conforme a sua imaginação e o seu contexto, como diz Freire (1982, p. 9) ao afirmar que “[...] a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”. Sentiram-se motivados, encontrando bem-estar no diálogo entre eles e os textos. Mais confiantes, então, tornaram-se agentes multiplicadores, na distribuição dos textos, percebendo o bem que este pode proporcionar às pessoas. Através da leitura, desfrutaram a tranquilidade daquele momento, os detalhes que a leitura proporcionou a cada participante encontrar, o segredo entre eu e o livro, somente nós dois no desenvolvimento do pensamento. Viu-se, assim, que a leitura faz o tempo passar mais rápido para alguns pacientes, principalmente quando estão ansiosos, pois acalma no momento de tensão, auxiliando nas lembranças daquilo que se deseja falar com maior precisão.

Sabe-se que esses jovens e adultos que estão envolvidos com o uso de drogas, muitas vezes, não têm um espaço de voz para expor seus pensamentos e desenvolver suas ideias. Assim, verificou-se o benefício proporcionado pela leitura a esses participantes que, através dos encontros de leitura, se sentiram motivados a novas práticas e atitudes positivas.

7.2 HISTÓRIAS QUE SE RECONSTROEM A PARTIR DE OUTRAS HISTÓRIAS

A leitura dos textos estimulou os respondentes a contarem suas histórias, assim, falavam de si mesmos, atribuindo características de desejos de mudança, de fatos que acontecem no cotidiano das suas dores com o uso de drogas. Ametista, por exemplo, é uma jovem que gosta de ler, é muito tímida e bastante observadora. Os textos lidos por ela nos encontros de leitura promoveram a desenvoltura para falar da sua dificuldade de relacionamento com sua mãe. A respondente traz concepções seguras sobre valores (comportamento, disciplina) que pautam as relações familiares, especialmente aquelas entre mães e filhos. A leitura do texto T2 traz um claro exemplo desta intrincada rede de relações entre o sujeito e o texto, afloradas no ato da leitura.

Ametista (T3) – As crianças sabem que as mães mentem muito para elas, porque elas gostam de fazer sexo, estão acostumadas, mas não querem dizer a verdade para as filhas. As crianças, desde pequenas, sabem que as mães mentem o tempo todo, então, muitas vezes, eles querem saber a verdade, mas têm que se acostumar com as mentira das mães, dizendo, isso faz mal, isso não pode, vai fazer mal. Mas, depois, elas descobrem a verdade por outros caminhos.

Eu conheci uma menina que tinha dez anos e conversou comigo tudo de sexo, disse que já têm namorados e tudo, ela só não sabia do uso da camisinha. Acho isso ridículo, uma criança sabe tudo e não sabe o mais importante. Eu expliquei tudo para ela, depois fiquei imaginando se algum adulto me ver falando de sexo com essa menina de oito anos, que loucura seria.

Safira é uma senhora elegante, muito simpática, falante, gosta de ler e é muito curiosa. No seu discurso, a família é tema central: fala das filhas com orgulho, das dificuldades com o genro e demonstra carinho com a neta. A participante evidenciou a vontade de controlar seus medos e inseguranças, mantendo o firme propósito de mudar, a partir da leitura do texto T1, onde o personagem encontra solução prática para resolver o conflito provocado pelo medo:

Safira (T1) – Lembrei-me da história de Joãozinho que tinha medo de um bicho que existia embaixo de sua cama e todas as noites ele chorava muito e não conseguia dormir. Ele estava fazendo tratamento com um psicólogo há muito tempo e não resolvia a situação; seu pai mudou de psicólogo e Joãozinho perdeu o medo

logo após a primeira consulta. Então ele foi passear no parque e encontrou sua psicóloga antiga que lhe perguntou: “Porque você abandonou o tratamento Joãozinho?”. O mesmo respondeu: “Fui à outra psicóloga e somente em uma consulta fiquei curado”. A psicóloga perguntou: “O que ela fez para você perder todo aquele medo tão rápido?”. Joãozinho respondeu: “Ela me mandou cortar os pés da cama e o bicho não conseguiu mais entrar em baixo dela”.

Topázio é um jovem alegre, gosta muito de rir e contar suas façanhas. As relações familiares são muito fortes para ele, vez que a tia e o sobrinho estão presentes em sua fala assim como outras relações afetivas, que também se fazem presentes, como as namoradas e os amigos. Em razão da dificuldade com a leitura, o participante tem maior afinidade com as leituras das histórias infantis e o aprendizado de letras de música. Alguns textos, como T1 e T8, fizeram com que Topázio rememorasse outras histórias vivenciadas no seu cotidiano com as leituras dos textos:

Topázio associa a história ouvida em T1 a fatos ocorridos nas suas relações sociais. O texto “Os músicos de Bremen” fez com que ele atrelasse a história a um fato ocorrido na vizinhança, uma situação que levou as pessoas para a delegacia. Em outro momento, contou uma história parecida, de medo, comparando a visão errada que os ladrões tinham, de bruxas, por estarem fazendo coisas erradas, a um fato que acontece com sua vizinha, mas atribui ao caso resultado de macumba e pode perceber a dificuldade dos filhos do casal na confusão. Com a leitura do texto T8, ele revelou a importância de estruturas sólidas na vida, comparando a queda da casa do porquinho preguiçoso à situação difícil dos usuários de crack.

Topázio (T1) – *Lá em casa mesmo, um dia, teve a maior confusão com o vizinho por causa de um pé de bananeira, como a confusão desses ladrões da história. Tinha um pé de bananeira que pertencia a minha tia e ao vizinho. Ficou acertado que, do lado que as bananas nascessem, as pessoas seriam os donos e poderiam comer as bananas, mas o vizinho não gostou, porque as bananas só estavam nascendo do lado de minha tia, então, em uma noite, ele cortou o pé de bananeira e minha tia ficou chateada. No outro dia, teve um aditório para construir a parede da vizinha, que havia caído. Eu peguei duas galinhas do mesmo vizinho, junto com meus amigos, minha tia matou e serviu de almoço para todos. Depois, o*

dono descobriu o roubo da galinha e foi muita confusão, foi todo mundo para delegacia.

Topázio (T1) – *Na minha rua, tem uma história que acontece parecida com essa parte do ladrão na história, quando ele pensa que existe uma bruxa dentro da casa que arranhou ele. É uma mulher que casou com o primo carnal. Antes de casar com a prima, esse rapaz dava dinheiro, comida e roupas para sua mãe, mas depois que ele se casou, ficou ruim com a mãe e parou de dar as coisas que ela precisava. A mãe dele acha que ele mudou de comportamento por causa da esposa, que não aceita que ele dê mais nada para ela. Depois de um tempo, a esposa, começou a gritar e dizer que tem um bicho na parede. Ela avança com toda força na parede dizendo que vai matar o bicho. Os vizinhos e parentes vão na casa dela e não veem nenhum bicho. A tia dela é da macumba, eu acho que ela fez algum feitiço para essa moça morrer e ela ficou desse jeito, totalmente perturbada. O pior é que esse casal têm dois filhos e eles ficam muito assustados nessa confusão.*

Topázio (T8) – *Tem que correr atrás se não a casa cai igual a do porquinho preguiçoso da história. Tem gente que faz igual a esse porquinho, não procura um lugar seguro para morar e, aí, aparece gente malvada que põe gasolina nas pessoas. Eu já vi um barão passando de carro jogando gasolina nos mendigos e tocando fogo, mas só queimou os panos que eles estavam dormindo. Os mendigos tão na rua e a mente só prega o dinheiro para comprar pedra, não pensam em nada seguro; com a gente também é assim, se não tiver cuidado, o crack faz a gente virar mendigo, porque têm famílias que não aguentam e abandonam. Já me vi um pouco assim. Depois que a gente tá na rua com o crack, a família não quer saber. Por isso que, estar aqui é muito bom para mim, eu sei que tenho minha família, moro com minha tia, às vezes, vou na casa de minha mãe, meu pai pega muito no meu pé, e acho que meu padrasto, às vezes, é mais legal comigo. Eu vim para o CETAD porque estava usando muita droga, agora eu só venho para a leitura; minha tia está feliz comigo agora.*

Rubi é um jovem preocupado com a vida, demonstra muita ansiedade e tristeza. A culpa é um sentimento bastante evidenciado na fala deste participante: culpa-se por não ter avançado nos estudos pelo uso da droga, pelo desgosto causado à família. Assume a sua desmotivação pela leitura, mas o trabalho realizado nos encontros de leitura fez com que despertasse o desejo de ler, na

tentativa de buscar forças para superar as dificuldades. O texto T7 traz em suas reminiscências outra história que reflete a esperança de mudança através da religião:

Rubi (T7) – *Esse texto me lembrou da história de Pelegrino: ele era um andarilho que carregava um fardo muito pesado nas costas. Ele saiu de sua cidade para encontrar a salvação com Jesus, porém, o inimigo foi colocando setas no caminho dele e cada vez aparecia mais dificuldades, Pelegrino conseguiu passar por todas as dificuldades e, quando deixou o fardo, ele encontrou a salvação e a felicidade. Tudo na vida dele mudou. Eu acho que não foi nada fácil e ele sofreu muito, mas conseguiu ser forte. Talvez ele não aguentava mais o sofrimento, então ele viu que tinha que fazer de tudo para se livrar do peso. Eu sei disso também, mas ainda não consigo, tento, mas as drogas têm sido forte na minha vida e sempre me derruba, às vezes penso em desistir por ver minha família sofrendo, mas não consigo parar.*

Foi possível perceber nos depoimentos desses participantes que a leitura, ao trazer palavras de ânimo e encorajamento, estimulou a exteriorização de suas histórias. Ficando assim, evidenciado, neste estudo, que a maioria destes pacientes pôde, a partir da leitura, ter um entendimento melhor das suas questões e perceber que o sofrimento e a dor fazem parte da vida. A leitura pôde retirá-los da dimensão concreta da droga e fazê-los deslizar em um universo imaginário, possibilitando a construção de novas saídas frente às questões existenciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura terapêutica de desenvolvimento é uma técnica que utiliza os livros e outros suportes de leitura como recurso terapêutico e se torna uma estratégia importante no auxílio ao entendimento das questões dos sujeitos, no alívio das dores, no desenvolvimento das pessoas, estimulando e despertando para outros fazeres. Através de um instrumento específico, a leitura, e a consequente instalação de uma teia de significações e sentidos, dá materialidade a função precípua da linguagem. É, assim, uma forma de acolhimento que pode ser utilizada com os usuários de drogas, além de outros sujeitos, como já foi visto na literatura, a exemplo de idosos, crianças hospitalizadas, presidiários e outros. A leitura do texto e de outras linguagens se revela, ao longo dos tempos, como um recurso de comunicação e conhecimento que tira o ser humano do isolamento e da solidão.

Ressalta-se a relevância de uma equipe interdisciplinar quando se trata de investigações que envolvem sujeitos com características peculiares. O presente estudo foi desenvolvido de forma compartilhada, em que olhares diferentes se voltaram para o mesmo objeto. Assim, a contribuição dos psicólogos e psiquiatras da clínica do CETAD/UFBA foi de suma importância para o desenvolvimento da pesquisa. Foi possível observar o cuidado e a atenção destes técnicos ao encaminharem seus pacientes e apresentarem o parecer técnico final através do questionário, demonstrando, assim, apoio e interesse, o que dá maior sustentação ao estudo.

O resultado da análise dos técnicos da clínica deste Centro permite a confirmação da premissa reportada na introdução deste estudo ao concluir que *a leitura trouxe benefícios ao paciente em que a possibilidade do trabalho desse paciente com a leitura estimulou sua autoimagem.*

Isto confirma que a leitura fortalece os usuários de drogas em tratamento, possibilitando uma compreensão mais abrangente de si mesmos, o que leva a uma melhora no quadro clínico. O paciente-leitor se vale das ideias que o texto apresenta para criar um novo contexto que se adeque às suas expectativas e vivências. Ele é estimulado e conduzido pelo texto, visto que as perspectivas textuais tanto são estimulantes para o leitor quanto são estimuladas por ele, havendo, assim, um sentimento de valorização, o que é um benefício trazido pelo viés da leitura.

O desenvolvimento da pesquisa e algumas reflexões permitem constatar que os objetivos deste estudo foram alcançados, que a leitura contribuiu no tratamento dos usuários de drogas. Através da leitura dos diversos textos, os informantes puderam falar das suas dificuldades sem medo nem constrangimento e apresentaram seus pontos de vista diante das situações apresentadas. Sentiram-se valorizados e mostraram autoestima elevada, reforçando, assim, mudanças positivas de comportamento como trabalhar, estudar e controlar o uso de drogas, além de contribuir com o aprendizado formal de um dos participantes do estudo.

A leitura como atividade de lazer proporcionou prazer e bem-estar aos participantes, diminuindo a ansiedade, o medo e a angústia. Possibilitou momentos de descontração e alegria em que eles puderam rir, brincar, se divertir e viajar com a leitura e, por algum momento, esquecerem as suas dores. Assim, encontraram sentidos, de acordo com a sua realidade, com o que é concreto na sua vida e, através da imaginação, tiveram a liberdade para criar o que a fantasia permitiu.

Os caminhos trilhados neste estudo permitem afirmar que foram momentos de idas e vindas, fazeres e refazeres de estratégias, certezas e incertezas. As dificuldades provieram da grande complexidade do público em análise: eles são fortes nas suas dores e buscam alívio para as suas dificuldades por meio do tratamento, revelando-se plurais em seus desafios, sonhos e desejos de mudança. A busca pela compreensão dos benefícios da leitura no tratamento dos usuários de drogas, entretanto, foi possível, porque a inquietação se fez presente, o que gerou estímulo para o desenvolvimento do estudo.

Diante do exposto, ficou evidenciada a relevância deste estudo, pela oportunidade de aproximar um público singular, o usuário de drogas, da leitura como um auxílio no tratamento, considerando que este se encontra, muitas vezes, à margem da sociedade em um processo de exclusão social. E ressalta a importância da busca de alternativas que possam contribuir para o alcance e aproximação dos objetivos de universalidade, integralidade e equidade, bem como da investigação e reflexão crítica do processo e resultados da implementação de inovações tanto gerenciais e organizativas, quanto operacionais em saúde, sobretudo dos modelos de atenção à saúde e nas relações entre os sujeitos, profissionais e usuários, com o objetivo de intervir sobre os problemas e necessidades sócias de saúde

Ressalta-se que a leitura apresentada neste estudo é a terapêutica de desenvolvimento que não intitula, em nenhum momento, o profissional da ciência da

informação como terapeuta, deixando este cargo à ordem dos psicanalistas e psicólogos que também trabalham com a biblioterapia clínica. A atuação dos aplicadores da biblioterapia de desenvolvimento consiste em dar vida ao texto com o intuito de despertar a imaginação e produzir bem-estar nos leitores, vez que a biblioterapia é um ramo da biblioteconomia, como já reportado anteriormente.

Ao finalizar esta pesquisa, a experiência adquirida durante o desenrolar do estudo possibilita fazer algumas recomendações: a biblioterapia como ramo da biblioteconomia, permite dizer que:

a) a biblioterapia de desenvolvimento é uma atividade que deve ser assumida pelo bibliotecário;

b) faz-se necessária a inclusão, no Curso de Biblioteconomia e Documentação, da disciplina Biblioterapia para que os alunos possam tomar conhecimento da leitura terapêutica de desenvolvimento e estarem aptos para exercer o seu lugar;

c) torna-se necessário o trabalho compartilhado de profissionais da biblioteconomia com os profissionais da psicologia, educação e outras áreas, para a ampliação do trabalho de leitura terapêutica de desenvolvimento e clínica de maneira integrada;

d) se faz, também, necessário que outros estudos sejam desenvolvidos sobre a biblioterapia em vários contextos, a fim de que se possa ampliar a literatura da área.

Assim, alcança-se a descoberta de um caminho, pela Ciência da Informação, o que faz compreender que são diversas as possibilidades que podem ser alcançadas pelo viés da leitura terapêutica de desenvolvimento, que este foi só o início de uma caminhada que jamais teve a pretensão de demarcar um ponto de chegada e ser conclusiva, mas apontar que existem outros caminhos a serem percorridos por esta estratégia singular de cuidar do outro, proporcionando benefício àquele que necessita.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. Prefácio: percurso da leitura. In: _____. (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. São Paulo: Mercado das Letras, 1999. p. 9-15. (Coleção Histórias de Leitura).
- ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: ampliando o conceito de disseminação. In: VALENTIM, Marta L. P. **Gestão da informação e do conhecimento no âmbito da Ciência da Informação**. São Paulo: Polis; Cultura Acadêmica, 2008. p. 41-54.
- ALQUÉRES, Hubert. Por uma nação de leitores. In: AMORIM, Galeno (Org.). **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial; Instituto Pró-Livro, 2008. p. 11-15. Disponível em: <<http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/1815.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2010.
- ALVES, Maria Helena Hees. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 15, n. 1/2, p. 54-61, jan./jun. 1982.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução Eudoro de Souza. Porto Alegre: Globo, 1966.
- BARBETTA, Pedro A. **Estatística aplicada em Ciências Sociais**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2005.
- BARBIER, René. Escuta sensível na formação de profissionais de saúde. In: CONFERÊNCIA NA ESCOLA SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE, 2002 (Universidade Paris 8, CRISE). Disponível em: <<http://www.barbier-rd.nom.fr/ESCUTASENSIVEL.PDF>>. Acesso em: 20 dez. 2011.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977. 225p.
- BARJARD, Elie. **Ler e dizer: compreensão e comunicação do texto escrito**. São Paulo: Cortez, 1994. 118p.
- BARRETO, Ângela Maria. **Memória e leitura: as categorias de produção de sentido**. Salvador: EDUFBA, 2006. 192p.
- BENTES PINTO, Virgínia. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transinformação**, Campinas, n. 17, v. 1, p. 31-43, jan./abr. 2005.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16. ed. Tradução Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 355p.
- BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2002. 368p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Ministério da Criança. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Projeto Minha Gente. Brasília: MS/MC, 1991.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 11.343/2006**. Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências. DOU, 24 ago. 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11343.htm>. Acesso em: 17 dez. 2011.

BUCHER, Richard. **As drogas e a vida**: uma abordagem biopsicossocial. São Paulo: EPU, 1988. 104p.

BUCHER, Richard. Drogas na sociedade. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência a Saúde. **Drogas AIDS e sociedade**. Brasília: Coordenação Geral de Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS, 1995. Cap. 3, p. 33-50.

BUCHER, Richard. **Prevenção ao uso indevido de drogas**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991. v. 2.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 12, dez. 2001. Disponível em: <<http://www.encontros.bibli.ufsc.br>>. Acesso em: 4 abr. 2010.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia**: um cuidado com o ser. São Paulo: Porto de Idéias, 2010.

CALENGE, Bertrand. Peut-on définir la bibliothéconomie? **BBF – Bulletin des Bibliothèques de France**, Paris, t. 43, n. 2, p. 8-20, 1998. Disponível em: <<http://bbf.enssib.fr/consulter/04-calenge.pdf>>. Acesso em: 4 jul.2011.

CARLINI, E. A. et al. **II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil; estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país**, 2005. São Paulo: CEBRID/ UNIFESP, 2006.

CARLINI, E. A. et al. **V Levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino nas 27 capitais brasileiras**. São Paulo: SENAD, 2004. 395p.

CARNEIRO, Henrique. **Drogas**: muito além da hipocrisia. 25 maio 2011. Disponível em: <<http://www.outraspalavras.net/2011/05/25/drogas-muito-alem-da-hipocrisia/>>. Acesso em: 20 set. 2011.

CASTEL, Roger; COPPEL, Anne. Os controles da toxicomania. In: EHRENBERG, A. (Org.). **Individus sous influence**. Paris: Esprit, 1991.

CASTRO, Rachel Barbosa de; PINHEIRO, Edna Gomes. Biblioterapia para idosos: o que fica e o que significa. **Biblionline**, v.1, n. 2, 2005. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/viewFile/586/424>>. Acesso em: 20 set. 2011.

CERIBELLI, Carina. **A mediação de leitura como recurso de comunicação com crianças e adolescentes hospitalizados**: subsídios para a humanização do cuidado de enfermagem. Ribeirão Preto, 2007. 102p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22133/tde-13112007-141153/pt-br.php>>. Acesso em: 8 abr. 2011.

CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura no ocidente. In: ABREU, Márcia. **Leitura, história e história da leitura**. São Paulo: Mercado da Letras, 1999. Cap.1, p. 19-31. (Coleções Histórias de Leitura).

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: _____. (Org.). **Práticas de leitura**. Tradução Cristiane Nascimento. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 77-105.

COSTA, Ana Carolina L. L.; GONÇALVES, Elizabeth Costa. A sociedade, a escola e a família. In: BUCHER, Richard. **As drogas e a vida**: uma abordagem biopsicossocial. São Paulo: EPU, 1988. Cap. 7, p. 47-54.

DIDEROT, Denis; D'ALAMBERT, Jean R. **L'encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers**. Paris: Flammarion, 1993. 212p. Disponível em: <http://www.lexilogos.com/encyclopedie_diderot_alembert.htm> Acesso em: 2 fev. 2012.

ESPINHEIRA, Gey. A existência humana: prazeres, riscos e opções. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência a Saúde. **Drogas AIDS e sociedade**. Brasília: CDIC, 1997. p. 11-24.

ESCOHOTADO, Antonio. **História de las drogas**. Madrid: Alianza Editorial, 1995.

ESCOHOTADO, Antonio. **História elemental de las drogas**. Barcelona: Anagrama, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2006. 893p.

FERREIRA, Sandra Patrícia A.; BORGES DIAS, Maria da Graça B. A leitura, a produção de sentidos e o processo inferencial. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 3, p. 439-448, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n3/v9n3a11.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2012.

FRANCELIN, Marivalde Moacir. A epistemologia da complexidade e a ciência da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 32, n. 2, p. 64-68, maio/ago. 2003.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 22. ed. São Paulo: Cortez, 1982. 96p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000. 134p.

GAIARSA, José. Desde a pré-história até McLuhan. In: MOYA, A. **Shazan**. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 115-120.

GALDURÓZ, J. C. F.; et al. Uso de drogas psicotrópicas no Brasil: pesquisa domiciliar envolvendo as 107 maiores cidades do país, 2001. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, v. 13 (n. esp.), p. 888-95, 2005.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger. (Org.). **Práticas de leitura**. Tradução Cristiane Nascimento. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, p. 107-116.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 12. ed. São Paulo: Pontes, 2009. 82p.

LABATE, Beatriz Caiuby et al. **Drogas e cultura**: novas perspectivas. Salvador: EDUFBA, 2008. 440p.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1997.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2009.

LEONTIEV, A.N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VIGOTSKI, L.S.; LURIA, A.R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 6. ed. São Paulo: EDUSP, 1998a. p. 59-83.

LEONTIEV, A.N. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VIGOTSKI, L.S.; LURIA, A.R.; LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 6. ed. São Paulo: EDUSP, 1998b. p. 119-142.

LESSA, Maria Bernadete M. F. **Os paradoxos da existência na história do uso das drogas**. 1998. Disponível em: <<http://www.ifen.com.br/artigos.htm>>.

MACRAE, Edward. SIMÕES, Júlio Assis. **Rodas de fumo**: o uso da maconha entre camadas médias urbanas. Salvador: EDUFBA, 2000. 147p.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 405p.

MARTINS, Cristina Deberti. Una biblioterapia posible, o Juana, la del billete de mil. **Información, cultura y sociedad**, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, n. 20, ene./jun. 2009.

MARTINS, Helena Maria. O ato de ler e os sentidos, as emoções e a razão. In: _____. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 36-76.

MIRANDA, Maria Rosa P. F. **Informação, leitura e inclusão educacional e social nas bibliotecas Braille de Campo Grande-MS**: um estudo de caso. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação – FACE, Brasília, 2006. Disponível em: <http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/1881/1/2006_Maria%20Rosa%20Pimentel%20Faria%20de%20Miranda.pdf>. Acesso em: 4 out. 2011.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: <http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html>. Acesso em: 16 nov. 2011.

MORAIS, José. **A arte de ler**. São Paulo: Unesp, 1996.

MUELLER, S. P. M. O ensino da biblioteconomia no Brasil. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 14, n. 1, p. 3-15, 1985.

NASCIMENTO, Geovana M.; ROSEMBERG, Dulcinea S. A biblioterapia no tratamento de enfermos hospitalizados. **Inf. Inf.** [online], Londrina, v. 12, n. 1, jan./jun. 2007. não paginado.

NASCIMENTO, Mary Ruth N.; CAVALCANTI, Rita Virgínia L. Musicoterapia: uma linguagem não verbal no espaço de convivência. **Cadernos do CETAD**, v. 1, n. 1, p. 29-31, 1997.

NEGROMONTE, Suzan Kelly. **As práticas de leitura presentes na população carcerária do presídio de Igarassú**. 2007, João Pessoa. 104f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem19/COLE_2752.pdf>. Acesso em: 3 set. 2011.

NERY FILHO, Antonio. Preconceitos e conceitos sobre drogas. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência a Saúde. **Drogas AIDS e sociedade**. Brasília: Coordenação Geral de Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS, 1995. Cap. II, p. 27-32.

NERY FILHO, Antonio. **Relatório de atividades 1987 – 1992**. Salvador: CETAD/UFBA 1992.

NERY FILHO, Antonio. Apresentação CETAD. In: **Módulo para capacitação dos profissionais do projeto consultório de rua**. Salvador: CETAD, 2010. p. 9.

NERY FILHO, Antonio et al. (Org.). **Toxicomanias; incidências clínicas e socioantropológicas**. Salvador: EDUFBA; CETAD, 2009. 308p. (Coleção Drogas: Clínica e Cultura. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/183/1/Toxicomanias.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2011.

OLIVEIRA, Edylla Maria L. P. Drogas e seus efeitos. In: BUCHER, Richard. **As drogas e a vida: uma abordagem biopsicossocial**. São Paulo: EPU, 1988. Cap. 3, p. 15-23.

OLIVEIRA, Jozenir Alves de. A adolescência e o uso de drogas. In: BUCHER, Richard. **As drogas e a vida: uma abordagem biopsicossocial**. São Paulo: EPU, 1988. p. 25-31. Cap. 4.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **World drug report 2012**. Disponível em: <http://www.unodc.org/documents/southerncone//Topics_drugs/WDR/2012/WDR_2012_References_to_Brazil_PRT.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2012.

ORLANDI, Eni Pulcineli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1993. 118p.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. Tradução Nicolas Niymy Campanário. São Paulo: Loyola, 1996.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Tradução Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PEREIRA, Marília M. G. **Biblioterapia: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas**. João Pessoa: Universitária, 1996.

PEREIRA, Marília. **A biblioterapia em instituições de deficientes visuais: um estudo de caso**. 1989, João Pessoa. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1989.

PERROTI, Edmir. **Confinamento cultural, infância e leitura**. São Paulo: SUMMUS, 1990. 110p.

PINHEIRO, Edna Gomes. **Entre o sonho e a realidade: a leitura/informação como atribuição de sentido no contexto do câncer infantil**. 2001, João Pessoa. 210f. Dissertação (Mestrado em Ciência da informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.

PLASS, Ângela M. O contexto social atual, algumas repercussões na família e o uso de drogas. In: RAMOS, Sérgio P.; PLASS, Ângela M.; CARDOSO, Nilce M. **Uso de drogas na adolescência: prevenção e tratamento**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999. p. 27-36.

RABELLO, Elaine; PASSOS, José S. **Vigotsky e o desenvolvimento humano**. Disponível em: <<http://www.josesilveira.com/artigos/vygotsky.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2010.

RATTON, A. M. L. Biblioterapia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 198-214, set. 1975.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. (Educação e conhecimento).

RÊGO, Marlize. Toxicomania: movimentos de uma clínica. In: NERY FILHO, Antonio et al. (Org.). **Toxicomanias; incidências clínicas e socioantropológicas**. Salvador: EDUFBA; CETAD, 2009. 308p. (Coleção Drogas: Clínica e Cultura).

RÊGO, Marlize. Espaço de família: intervenção em uma instituição para usuários de drogas. In: **As drogas na contemporaneidade: perspectivas clínicas e culturais**. Salvador: EDUFBA, 2012.

RIBEIRO, Cynara T. Que lugar para as drogas no sujeito? que lugar para o sujeito nas drogas?: uma leitura psicanalítica do fenômeno do uso de drogas na contemporaneidade. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. XII, n. 2, p. 333-346, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/agora/v12n2/v12n2a12.pdf>>. Acesso em: 3 maio 2011.

ROCCO, Maria Tereza F. **A importância da leitura na sociedade contemporânea e o papel da escola nesse contexto**. São Paulo: FDE, 1994, p. 37-42. Série Idéias, n. 13, Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_13_p037-042_c.pdf>. Acesso em: 23 set. 2010.

RODRIGUES, Thiago. Tráfico, guerra, proibição. In: LABATE, Beatriz C. et al. **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 91-104.

ROSA, A. L. R. **As cartas de Ana Cristina César: uma contribuição para a Biblioterapia**. 2006, Três Corações. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Vale do Rio Verde, Três Corações, Minas Gerais, 2006. Disponível em: <<http://www.unincor.br/pos/cursos/MestreLetras/arquivos/dissertacoes/APARECIDA%20LUCIENE%20RESENDE%20ROSA.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2011.

SANCHES, Gisele A. R.; RIO, Sinomar Ferreira do. Mediação da informação no fazer do bibliotecário e seu processo em bibliotecas universitárias no âmbito das ações culturais. **CID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 103-121, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://revistas.ffclrp.usp.br/incid/article/view/24/pdf>>. Acesso em: 6 set. 2011.

SEITZ, Eva Maria. **Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínica médica**. Florianópolis: ACB; Habitus, 2006. 98p.

SILVEIRA FILHO, Dartiu Xavier da. Dependências: de que estamos falando afinal? In: _____; GORGULHO, Mônica. **Dependência: compreensão e assistência às toxicomanias, uma experiência do PROAD**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. p. 1-14.

SOUZA, Francisco C. **O ensino da biblioteconomia no contexto brasileiro**. Florianópolis: UFSC, 1990. 116p.

TAVARES, Luiz Alberto. Espaço de convivência: uma estratégia possível. **Cadernos do CETAD**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 7-9, 1997.

TAVARES, Luiz Alberto. **O adolescente e a droga: manifestações do agir**. In: Toxicomania: incidência clínicas e socioantropológicas. EDUFBA, 2009. Disponível em: <<https://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/CetadObserva/Biblioteca>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

THAM, Ângela. **Trabalho Social das Bibliotecas em Comunidades**: os programas de incentivo à leitura alcançam seus objetivos? Salvador: GOETHE, 31 ago. 2008. Disponível em: <<http://www.goethe.de/mmo/priv/6181536-STANDARD.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2008.

TOROS, Sandra D. Trajetos adolescentes na construção de toxicomania. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 123-136, jun. 2007.

TOTUGUI, Márcia L. Visão histórica e antropológica do consumo de drogas. In: BUCHER, Richard. **As drogas e a vida**: uma abordagem biopsicossocial. São Paulo: EPU, 1988. Cap. 1, p. 1-7.

TRAD, Sergio. Controle do uso de drogas e prevenção no Brasil: revisitando sua trajetória para entender os desafios atuais. In: NERY FILHO, Antonio et al. **Toxicomanias**: incidências clínicas e socioantropológicas. Salvador: EDUFBA: CETAD, 2009. p. 97-112.

TRIVINOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1987. 175p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **A biblioteconomia na Bahia**: 40 anos de atividades. Salvador: Escola de Biblioteconomia e Comunicação, 1982.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Cinquentenário da Escola de Biblioteconomia e Documentação**. Salvador: Escola de Biblioteconomia e Documentação, 1992. 222p.

VALENTE, Rita. Tempo de adolescente: relato de uma estratégia institucional com jovens usuários de drogas. In: **As drogas na contemporaneidade**: perspectivas clínicas e culturais. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 177.

VERGUEIRO, Waldomiro. Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição. **Data Grama Zero - Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, abr. 2005. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/abr05/F_I_aut.htm>. Acesso em: 3 jul. 2010.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução Jose Cipolla Neto, Luiz Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000a. 191p.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. Tradução Jéferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1993. 135p.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. Tradução Jéferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2000b.193p.

VYGOTSKY, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Ramonovich; LEONTIEV, Alex V. **Linguagem desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução Maria da Penha Vila Lobos. São Paulo: Ícone, 1988. 228p.

ZALUAR, Alba. **Drogas e cidadania: repressão ou redução de riscos**. São Paulo: Brasiliense, 1999.171p.

APÊNDICES

APÊNDICE A	TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E DECLARADO	159
APÊNDICE B	INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS – ENTREVISTA INICIAL	160
APÊNDICE C	INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS – ENTREVISTA FINAL	162
APÊNDICE D	QUESTIONÁRIO TÉCNICO DA CLÍNICA	165

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E DECLARADO

Título da Pesquisa:
Pesquisador Responsável
Orientador

Meu nome é Ana Rita Cordeiro de Andrade, sou bibliotecária, aluna da pós-graduação do Instituto de Ciência da Informação da UFBA e responsável pelo projeto “A contribuição da leitura como um recurso auxiliar no tratamento de jovens usuários de drogas na Clínica do CETAD/UFBA”. Tenho como orientadora a Professora Dra. Maria Isabel Sousa.

Convido-o para participar desse estudo que tem como objetivo Investigar a contribuição da leitura como recurso auxiliar no tratamento de jovens usuários de drogas na Clínica do CETAD/UFBA que será realizado através da descrição das sessões de leitura de textos, filmes, desenhos, músicas e outros. Depois comentaremos as atividades desenvolvidas.

Durante a observação das atividades farei o registro no diário de campo. Você pode ou não participar da pesquisa. Se quiser participar, deverá assinar este formulário em duas vias e manter uma cópia com você. Se decidir participar, mas mudar de ideia durante a pesquisa poderá sair a qualquer momento, mesmo tendo assinado o termo. A sua decisão não prejudicará o andamento da pesquisa.

As informações serão mantidas em segredo (sigilo) e seu nome não será divulgado.

Os resultados desta pesquisa poderão contribuir como um recurso auxiliar no tratamento dos usuários de drogas, na Clínica do CETAD/UFBA, pois acreditamos que a leitura faz bem ao indivíduo em qualquer momento da vida.

Caso queira falar comigo poderá contactar. (071) 8633-3618 / 3336-3322 Biblioteca do CETAD/UFBA. Se quiser entrar em contato com a orientadora Dra. Maria Isabel Sousa (071) 3283-7762

Eu _____ aceito participar do projeto de pesquisa “A contribuição da leitura como um recurso auxiliar no tratamento de jovens usuários de drogas no Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas CETAD/UFBA”. Estou ciente que as atividades serão registradas no diário de campo, as informações serão mantidas em segredo, e caso decida não mais participar, em qualquer momento, posso retirar o termo de consentimento sem nenhuma espécie de prejuízo para o andamento da pesquisa. E confirmo que recebi a cópia deste termo e li antes de assinar.

Assinatura do Participante: _____

Assinatura do Responsável: _____
(Participante menor de 18 anos)

Assinatura do Pesquisador Responsável: _____

Assinatura do orientador: _____

Data ____/____/____

APÊNDICE B**INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS – ENTREVISTA INICIAL****1 – IDENTIFICAÇÃO DO RESPONDENTE**

Nome: _____

Idade: _____. Sexo: () feminino () masculino

Escolaridade: () ensino fundamental () ensino médio () ensino superior
() mestrado () doutorado () pós-doutorado () Outros: _____**2 – ENTREVISTA**

1 – Você gosta de ler? Por favor, comente sobre o seu interesse pela leitura.

() Sim () Não

Comentário: _____

2 – Qual o(s) gênero(s) literário(s) de sua preferência para leitura?

() Histórias em quadrinhos () Romance () Ficção () Aventura () Poesia

() Leitura informativa de jornais, revistas. () Outros: _____
(indique o(s) gênero(s))

3 – Quando foi feita a sua última leitura? E qual o gênero literário?

Comentário: _____

4 – Qual a função da leitura na sua vida? Por favor, comente a função de leitura em sua vida.

() Diversão () Informação () Conhecimento () Outros: _____

Comentário: _____

5 – Você, alguma vez, já frequentou a Biblioteca do CETAD / UFBA? O que achou dos serviços oferecidos?

() Sim () Não.

6 – A Biblioteca do CETAD / UFBA oferece a atividade de leitura conhecida por: “texto da semana”. Durante a semana expomos no mural, da sala de espera, desta clínica um texto para leitura. Você já leu algum texto nesse mural? Comente o que achou da leitura.

() Sim () Não.

7 – Você tem lembranças de leituras na sua vida? Por favor, comente sobre essas lembranças. (Onde, quando, com quem e como. Foi prazerosa, divertida, não gostou? Por quê?

() Sim () Não.

APÊNDICE C**INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS – ENTREVISTA FINAL****1 - IDENTIFICAÇÃO DO RESPONDENTE**

Nome: _____

Idade: _____. Sexo: () feminino () masculino

Escolaridade: () ensino fundamental () ensino médio () ensino superior () mestrado
() doutorado () pós-doutorado () Outros: _____.

Qual a droga que você utiliza?

() Cocaína () Álcool () Maconha () Crack () Tabaco Outra(s): _____

2 – ENTREVISTA

1 – Foi interessante participar da oficina de leitura? Por quê?

() Sim () Não.

Comentário: _____

2 – A(s) atividade(s) de leitura lhe trouxe algum benefício? Por favor, comente a sua resposta.

() Sim () Não ()

Comentário: _____

3 – A biblioteca do CETAD/UFBA sugere algumas leituras no mural enquanto você está aguardando o atendimento. O que você acha dessa mediação da leitura?

() Sim () Não.

Comentário: _____

4 – As leituras realizadas no mural na clínica do CETAD/UFBA trouxeram algumas emoções?

Comente sobre essas emoções.

Sim Não

Comentário: _____

5 – Você acredita que a leitura pode contribuir durante o seu tratamento? Por favor, comente sobre a sua resposta.

Sim Não

Comentário: _____

6 – Ao ler, como você se sentiu no processo da leitura nesses encontros?

Comentário: _____

7 – Das leituras que você fez na oficina, comente um momento que considerou marcante.

Comentário: _____

APÊNDICE D**QUESTIONÁRIO TÉCNICO DA CLÍNICA**

1 – O paciente fez referência a mediação da leitura que foi realizada na biblioteca durante a sua consulta? A referência foi positiva ou negativa?

Sim Não Positiva Negativa

2 – A(s) atividade(s) de leitura trouxe algum benefício ao paciente? Por favor, comente a sua resposta.

Sim Não.

Comentário:

3 – Você acredita que a mediação da leitura pode ajudar no tratamento dos jovens e adultos usuários de drogas em tratamento na clínica do CETAD/UFBA? Por favor, comente a sua resposta.

Sim Não

Comentário:

ANEXOS

ANEXO A	PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA	167
ANEXO B	OS MÚSICOS DE BREMEN, dos Irmãos Grimm	168
ANEXO C	A LAGARTIXA E A BORBOLETA, de Marlene B. Cerviglieri	171
ANEXO D	EU SEI, MAS NÃO DEVIA, de Marina Colasanti	173
ANEXO E	PALCO DA VIDA, de Fernando Pessoa	175
ANEXO F	O POTE RACHADO, de Paula Pezzi	177
ANEXO G	UM BRINDE À VIDA, de Clarice Lispector	178
ANEXO H	A ESTRELA E A VELA, de Yvete Amaral	179
ANEXO I	OS TRÊS PORQUINHOS, leitura infantil	181
ANEXO J	O LOBISOMEM, leitura infantil	182

ANEXO A

PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA



**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP/MCO/UFBA
MATERNIDADE CLIMÉRIO DE OLIVEIRA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**

**IORG0003460. IRB00004123 June 30, 2012 – January 31, 2014
Assurance FWA00002471, May 31, 2011 – February 08, 2014**


Rua do Limoeiro, nº 137 – Nazaré Cep: 40.005-150 – Salvador-Bahia
Telefax.: (71) 3283-9210/9211 e-mail: cepmco@ufba.br/cepmco@gmail.com

PARECER/RESOLUÇÃO ADITIVA N.º 057/2012

Para análise e deliberação deste Institucional a Bibliotecária, **Ana Rita Cordeiro de Andrade**, Pesquisadora Responsável pelo Protocolo: “**A contribuição da biblioterapia como recurso auxiliar no tratamento de jovens usuários de drogas na clínica do CETAD/UFBA**”, aprovado em 07 de Outubro de 2010 através do Parecer/Resolução N° 045/2010, encaminhou em 09 de Julho de 2012, a solicitação da mudança do título do estudo acima citado, para: “**A contribuição da leitura no tratamento de jovens e adultos usuários de drogas, na clínica do CETAD/UFBA**”.

Inexistindo na referida proposição conflito administrativo, processual e ético que contraindique a conseqüente continuidade da pesquisa, fica a mesma **aprovada**.

Salvador, 11 de Julho de 2012.


Professor, Doutor Eduardo Martins Netto
Coordenador – CEP/MCO/UFBA

Observação importante. Toda a documentação anexa ao Protocolo proposto e rubricada pelo (a) Pesquisador (a), arquivada neste CEP, e também a outra devolvida com a rubrica da Secretária deste ao (à) mesmo (a), faz parte intrínseca deste Parecer/Resolução Aditiva e nas “Recomendações Adicionais” apensa, **bem como a impostergável entrega de relatórios parciais e final como consta nesta liberação**, (Modelo de Redação para Relatório de Pesquisa, anexo).

ANEXO B

OS MÚSICOS DE BREMEN, DOS IRMÃOS GRIMM

Jakob e Wilhelm Grimm, numa adaptação do Livro Contos de Fadas

“Um homem tinha um burro que, há muito tempo, carregava sacos de milho para o moinho. O burro, porém, já estava ficando velho e não podia mais trabalhar. Por isso, o dono tencionava vendê-lo. O pobre animal, sabendo disso, ficou muito preocupado, pois não podia imaginar como seria seu novo dono... e então, para evitar qualquer surpresa desagradável, pôs-se a caminho da cidade de Bremen.

‘Certamente, poderei ser músico na cidade’, pensava ele.

Depois de andar um pouco, encontrou um cão deitado na estrada, arfando de cansaço.

– Por que estás assim tão fatigado? perguntou o burro.

– Amigo, já estou ficando velho e, a cada dia, vou ficando mais fraco. Não posso mais caçar; por isso meu dono queria me entregar à carrocinha. Então, fugi, mas não sei como ganhar a vida.

– Pois bem, lhe disse o burro. Minha história é bem semelhante à sua. Vou tentar a vida como músico em Bremen. Venha comigo. Eu tocarei flauta e você poderá tocar tambor.

O cão aceitou o convite e seguiu com o burro. Não tinham andado muito, quando encontraram um gato, muito triste, sentado no meio do caminho.

– Que tristeza é essa, companheiro? lhe perguntaram os dois

– Como posso estar alegre, se minha vida está em perigo? respondeu o gato. Estou ficando velho e prefiro estar sentado junto ao fogo, em vez de caçar ratos. Por esse motivo, minha dona quer me afogar.

– Ora, venha conosco a Bremen, propuseram os outros. Seremos músicos e ganharemos muito dinheiro.

O gato, depois de pensar um pouco, aderiu e acompanhou-os. Foram andando até que encontraram um galo, cantando tristemente, trepado numa cerca.

– Que foi que lhe aconteceu, amigo? perguntaram os três.

– Imaginem, respondeu o galo, que amanhã a dona da casa vai ter visitas para o jantar. Então, sem dó nem piedade, ordenou ao cozinheiro que me matasse para fazer uma canja.

Os outros, então, lhe propuseram:

– Nós vamos a Bremen, onde nos tornaremos músicos. Você tem boa voz. Que tal se nos reuníssemos para formar um conjunto?

O galo gostou da idéia e juntando-se aos outros seguiram caminho.

A cidade de Bremen ficava muito distante e eles tiveram que parar numa floresta para passar a noite. O burro e o cão deitaram-se em baixo de uma árvore grande. O gato e o galo alojaram-se nos galhos da árvore.

O galo, que se tinha colocado bem no alto, olhando ao redor, avistou uma luzinha ao longe, sinal de que deveria haver alguma casa por ali. Disse isso aos companheiros e todos acharam melhor andar até lá, pois o abrigo ali não estava muito confortável.

Começaram a andar e, cada vez mais, a luz se aproximava. Afinal, chegaram à casa. O burro, como era o maior, foi até a janela e espiou por uma fresta. À volta de uma mesa, viu quatro ladrões que comiam e bebiam. Transmitiu aos amigos o que tinha visto e ficaram todos imaginando um plano para afastar dali os homens. Por fim, resolveram aproximar-se da janela. O burro colocou-se de maneira a alcançar a borda da janela com uma das patas. O cão subiu nas costas do burro. O gato trepou nas costas do cão e o galo voou até ficar em cima do gato.

Depois, a um sinal combinado, começaram a fazer sua música juntos: o burro zurrava, o cão latia, o gato miava e o galo cacarejava. A seguir, quebrando os vidros da janela, entraram pela casa adentro, fazendo uma barulhada medonha.

Os ladrões, pensando que algum fantasma havia surgido ali, saíram correndo para a floresta. Os quatro animais sentaram-se à mesa, serviram-se de tudo e procuraram um lugar para dormir. O burro deitou-se num monte de palha, no quintal; o cão, junto da porta, como a vigiar a casa; o gato, junto ao fogão, e o galo encarapitou-se numa viga do telhado. Como estavam muito cansados, logo adormeceram.

Um pouco além da meia noite, os ladrões, verificando que a luz não brilhava mais dentro da casa, resolveram voltar. O chefe do bando disse aos demais:

– Não devemos ter medo!

E mandou que um entrasse primeiro para examinar a casa. Chegando à casa, o homem dirigiu-se à cozinha para acender um vela. Tomando os olhos do gato, que brilhavam no escuro, por brasas, tentou neles acender um fósforo. O gato, entretanto, não gostou da brincadeira e avançou para ele, cuspidando-o e arranhando-o. Ele tomou um grande susto e correu para a porta dos fundos, mas o cão, que lá estava deitado, mordeu-lhe a perna. O ladrão saiu correndo para o quintal, mas, ao passar pelo burro, levou um coice. O galo, que acordara com o barulho, cantou bem alto: - Có, có, ró, có!!!!

Sempre a correr, o ladrão foi se reunir aos outros, a quem contou:

– Lá dentro há uma horrível bruxa que me arranhou com suas unhas afiadas e me cuspiu no rosto. Perto da porta, há um homem mau que me passou um canivete na perna. No quintal, há um monstro escuro, que me bateu com um pedaço de pau. Além disso tudo, no telhado está sentado um juiz, que gritou bem alto:

‘– Traga aqui o patife!!!’... Acho que não devemos voltar lá... é muito perigoso!!

Depois disso, nunca mais os ladrões voltaram à casa, e os quatro músicos de Bremen sentiam-se muito bem lá, onde faziam suas músicas e viviam despreocupados. De vez em quando alguém das redondezas os chamava e lá iam eles, felizes e contentes, tocar a sua música....”

ANEXO C

A LAGARTIXA E A BORBOLETA

Marlene B. Cerviglieri

Viviam no beiral de uma casa, dona Lagartixa e sua enorme família. Ali abrigadas se reuniam em torno de seus filhotinhos, só saiam para procurar comida. Eram muito ligeiras e apesar de seus rabinhos longos, corriam bem depressa. Certa manhã a mamãe Lagartixa saiu para procurar comida, mas avisou suas lagartixinhas que ficassem bem quietinhas, nada de dar passeio pelas janelas ou nas paredes. Lá foi a mamãe pensando que iria ser atendida por suas filhinhas. Qual nada. Assim que ela saiu, as lagartixinhas olharam umas para as outras e disseram:

- O que vamos fazer se não podemos sair daqui?

- Ora, ora vamos dar uma voltinha na janela, ver se achamos algum mosquitinho!

Seus olhinhos brilhavam só em pensar de achar um mosquitinho na janela. Uniram-se e foram. Nesta mesma manhã a Borboleta que voava no jardim, beijando todas as flores que via, resolveu dar uma paradinha no batente da janela!

Ficava pousada no vidro. Às vezes, voava para o jardim ou ficava pousada no batente da janela. As lagartixinhas, que nunca haviam visto uma Borboleta, estavam encantadas com seu vestuário e sua agilidade.

- Veja ela tem quatro cores, e os olhinhos brilham, e como vai de um lugar para outro!

- Ela está voando - disse uma delas.

- O que é voar? Perguntaram as outras.

- Ora é andar sem pôr os pés no chão...

- Ouvi dizer que os pássaros também fazem isso É mesmo?

- Pois eu acho que nós devíamos voar também!

- Você está louca! - respondeu a irmãzinha já ficando preocupada.

De nada adiantou pedir e até implorar para que ficassem quietas ali. Afinal já haviam desobedecido a mamãe. E agora ? Tentou mais uma vez falar com elas mas nada.

Sendo assim ficou num cantinho do beiral observando para ver o que elas iriam fazer. Não tinham como se apoiar e o rabinho até atrapalhava, mesmo assim se colocaram em posição quase de pé e se atiraram para o jardim. Claro que aconteceu o que se esperava, caíram pesadamente no chão. Todas doloridas, faltando pedacinho de rabo em uma, e agora? Foi quando a irmã, que não as acompanhou nesta loucura, gritou para elas:

- Esperem, vou buscar ajuda.

Assim o fez e veio com a mamãe Lagartixa. Depois de levá-las para casa e cuidar dos ferimentos, a mamãe tinha uma lição para ensinar:

- Primeiro vocês me desobedeceram, só de sair sem conhecer lá fora já foi um perigo grande. Agora vocês inventam de querer voar também?

- Mas mamãe, vimos a dna Borboleta ela faz tudo tão devagar não parecia perigoso.

- Muito bem minhas filhinhas, a dona Borboleta já nasceu para voar!

- Como assim mamãe?

- Alguns animais nascem sabendo o que fazer, é da raça dela.

- Vocês não poderiam sair por ai voando nunca, só se alguém as atirasse!

- Imaginem o Totó voando? Ou o Burrico?

- Por isso digo que cada um deve ficar no seu canto com os seus encantos.

- Encantos mamãe?

- Sim todos nós temos os nossos encantos, não precisamos copiar ninguém, pois não será a mesma coisa. Entenderam o que a mamãe disse?

Rindo responderam:

- Sim mamãe. Mas que seria muito gozado ver o elefante voando, ah seria...

Rindo apreenderam a lição e até hoje o rabinho delas ainda está crescendo. É porque as lagartixas se perdem um pedacinho, volta a crescer.

- Interessante não é?

Cada uma com os seus dons, cada um dentro de sua raça, com seus encantos.

- E você já sabe quais são os seus?

ANEXO D

EU SEI, MAS NÃO DEVIA.

Marina Colasanti

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia.

A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E, porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de **todo** as cortinas. E, porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E, à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplitude.

A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado porque está na hora. A tomar o café correndo porque está atrasado. A ler o jornal no ônibus porque não pode perder o tempo da viagem. A comer sanduíche porque não dá para almoçar. A sair do trabalho porque já é noite. A cochilar no ônibus porque está cansado. A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia.

A gente se acostuma a abrir o jornal e a ler sobre a guerra. E, aceitando a guerra, aceita os mortos e que haja números para os mortos. E, aceitando os números, aceita não acreditar nas negociações de paz. E, não acreditando nas negociações de paz, aceita ler todo dia da guerra, dos números, da longa duração.

A gente se acostuma a esperar o dia inteiro e ouvir no telefone: hoje não posso ir. A sorrir para as pessoas sem receber um sorriso de volta. A ser ignorado quando precisava tanto ser visto.

A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o de que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar. E a ganhar menos do que precisa. E a fazer fila para

continua

conclusão

pagar. E a pagar mais do que as coisas valem. E a saber que cada vez pagar mais. E a procurar mais trabalho, para ganhar mais dinheiro, para ter com que pagar nas filas em que se cobra.

A gente se acostuma a andar na rua e ver cartazes. A abrir as revistas e ver anúncios. A ligar a televisão e assistir a comerciais. A ir ao cinema e engolir publicidade. A ser instigado, conduzido, desnorteado, lançado na infindável catarata dos produtos.

A gente se acostuma à poluição. Às salas fechadas de ar condicionado e cheiro de cigarro. À luz artificial de ligeiro tremor. Ao choque que os olhos levam na luz natural. Às bactérias da água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios. Se acostuma a não ouvir passarinho, a não ter galo de madrugada, a temer a hidrofobia dos cães, a não colher fruta no pé, a não ter sequer uma planta.

A gente se acostuma a coisas demais, para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá. Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço. Se a praia está contaminada, a gente molha só os pés e sua no resto do corpo. Se o trabalho está duro, a gente se consola pensando no fim de semana. E se no fim de semana não há muito o que fazer a gente vai dormir cedo e ainda fica satisfeito porque tem sempre sono atrasado.

A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se de faca e baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma.

ANEXO E

Palco da vida

Fernando Pessoa

Você pode ter defeitos, viver ansioso e ficar irritado algumas vezes, mas não se esqueça de que sua vida é a maior empresa do mundo. E você pode evitar que ela vá a falência. Há muitas pessoas que precisam, admiram e torcem por você. Gostaria que você sempre se lembrasse de que ser feliz não é ter um céu sem tempestade, caminhos sem acidentes, trabalhos sem fadigas, relacionamentos sem decepções. Ser feliz é encontrar força no perdão, esperança nas batalhas, segurança no palco do medo, amor nos desencontros. Ser feliz não é apenas valorizar o sorriso, mas refletir sobre a tristeza. Não é apenas comemorar o sucesso, mas aprender lições nos fracassos. Não é apenas ter júbilo nos aplausos, mas encontrar alegria no anonimato. Ser feliz é reconhecer que vale a pena viver, apesar de todos os desafios, incompreensões e períodos de crise. Ser feliz é deixar de ser vítima dos problemas e se tornar um autor da própria história. É atravessar desertos fora de si, mas ser capaz de encontrar um oásis no recôndito da sua alma. É agradecer a Deus a cada manhã pelo milagre da vida. Ser feliz é não ter medo dos próprios sentimentos. É saber falar de si mesmo. É ter coragem para ouvir um “não”. É ter segurança para receber uma crítica, mesmo que injusta. Ser feliz é deixar viver a criança livre, alegre e simples que mora dentro de cada um de nós. É ter maturidade para falar “eu errei”. É ter ousadia para dizer “me perdoe”. É ter sensibilidade para expressar “eu preciso de você”. É ter capacidade de dizer “eu

continua

te amo”.

É ter humildade da receptividade. Desejo que a vida se torne um canteiro de oportunidades para você ser feliz...

E, quando você errar o caminho, recomece.

Pois assim você descobrirá que ser feliz não é ter uma vida perfeita. Mas usar as lágrimas para irrigar a tolerância. Usar as perdas para refinar a paciência. Usar as falhas para lapidar o prazer. Usar os obstáculos para abrir as janelas da inteligência.

Jamais desista de si mesmo.

Jamais desista das pessoas que você ama.

Jamais desista de ser feliz, pois a vida é um obstáculo imperdível, ainda que se apresentem dezenas de fatores a demonstrarem o contrário.

“Pedras no caminho?

Guardo todas, um dia vou construir um castelo

ANEXO F

O POTE RACHADO, DE PAULA PEZZI

*O Pote Rachado**Autor Desconhecido*

Um carregador de água levava dois potes grandes, pendurados em cada ponta de uma vara, sobre os ombros. Um dos potes tinha uma rachadura, enquanto o outro era perfeito e sempre chegava cheio de água no fim da longa jornada entre o poço e a casa do Mestre; o pote rachado chegava sempre pela metade.

Assim foi durante dois anos. Diariamente, o carregador entregava um pote e meio de água na casa de seu Mestre. O pote perfeito estava orgulhoso de suas realizações. Porém, o pote rachado estava envergonhado de sua imperfeição, e sentia-se miserável por ser capaz de realizar apenas a metade do trabalho que deveria fazer. Um dia decidiu e falou para o homem, à beira do poço:

"Estou envergonhado, e quero pedir-te desculpas."

"Por quê?" Perguntou o homem. - "De que estás envergonhado?"

"Nesses dois anos eu fui capaz de entregar apenas a metade da minha carga, porque essa rachadura no meu lado faz com que a água vaze por todo o caminho até a casa de teu senhor. Por causa do meu defeito, tens que fazer todo esse trabalho, e não ganhas o salário completo dos teus esforços."

O homem ficou triste pelo sentimento do velho pote, e disse-lhe amorosamente:

"Quando retornarmos para a casa de meu senhor, quero que admires as flores ao longo do caminho."

De fato, à medida que eles subiam a montanha, o velho pote rachado notou flores selvagens ao longo de todo o caminho, e isto alegrou-o. Mas, ao fim da estrada, o pote ainda se sentia mal porque tinha vazado a metade, e de novo pediu desculpas ao homem por sua falha.

Disse o homem ao pote:

"Notaste que pelo caminho só havia flores no teu lado? Eu, ao conhecer teu defeito, transformei-o em vantagem. Lancei sementes de flores no teu lado do caminho, e cada dia, enquanto voltamos do poço, tu as regas. Por dois anos eu pude colher flores para ornamentar a mesa de meu senhor. Se não fosses do jeito que és, meu Mestre não teria essa beleza em sua casa."

Cada um de nós temos nossos próprios e únicos defeitos. Todos nós somos potes rachados. Se permitirmos, o Senhor vai usar estes nossos defeitos para embelezar a mesa de Seu Pai.

ANEXO G

UM BRINDE À VIDA

Clarice Lispector

Um brinde à vida

E a cada sonho que surge todos os instantes

Vamos celebrar a vida em sua plenitude

E vivê-la sem medo

Bebendo suas dádivas

E sorrir sem remorso por ter tentado ser feliz

Vamos entoar um hino em homenagem à luz

E absorver seu brilho

Como uma planta sedenta acolhe a água da chuva que cai a seus pés

Vamos fazer das lágrimas que rolam em nossos rostos

Pedras preciosas que brilham e iluminam nossos olhos

Vamos fazer de cada espinho

A esperança de encontrar uma rosa

E de cada dor

A possibilidade de um sorriso

Vamos encarar a vida

Como um presente que deve ser desfrutado

E não como um fardo a ser carregado

Vamos usufruir da nossa felicidade

Que ela é de graça e só a nós pertence

E não vamos deixar que nos cobrem por ela

Vamos sorrir sem medo de mostrar ao mundo

Que somos felizes

Porque não há pecado algum

Em saber aproveitar os presentes

que Deus nos dá todos os dias

Vamos simplesmente viver.

ANEXO H

A ESTRELA E A VELA

Yvete Amaral

Quando era adolescente, conheci um provérbio árabe que guardo até hoje no arquivo da minha memória. Ei-lo: “--- Quem não pode ser uma estrela no céu, que seja uma vela dentro de casa”.

Mais uma vez a sabedoria oriental confirmou a sua fama. Neste adágio vem embutida uma filosofia de vida capaz de despertar, em qualquer pessoa, a consciência de sua vocação.

Fácil o homem entusiasmar-se por grandes coisas. O testemunho dos heróis sempre nos empolga, e os grandes astros nos fascinam. Depois de conhecermos a história de uma notável personalidade, seja pelos livros, seja pela convivência, vem sempre aquele desejo de imitá-la.

Para satisfazer tal aspiração, muitas vezes modificamos nossos itinerários, fugimos de nossos hábitos, trocamos nossas vestes e até alteramos nossos discursos. Como se fossemos artistas, maquiamos nossos rostos com tintas e sombras, procurando esconder traços que nos identificam ou implantar detalhes estranhos à nossa fisionomia. De qualquer forma nos empenhamos em ser estrelas que brilhem sempre no firmamento da nossa sociedade, do nosso grupo e da nossa família.

É válida esta aspiração porque só obtemos pequenas conquistas quando ambicionamos grandes vitórias.

Entretanto, o sonho de altos vôos não deve desmerecer a importância dos pequenos deveres. Nem sempre o homem encontra oportunidade de brilhar no céu, de ser estrela de quinta ou primeira grandeza, mas sempre é convocado a iluminar a terra, a ser vela no espaço limitado do seu cotidiano.

Bate com o provérbio árabe, aquele pensamento de um escotista francês, Guy de Larigaudie: “É tão belo descascar batata quanto construir catedrais”.

A fidelidade às pequenas obrigações deve nos entusiasmar tanto quanto a realização de grandes feitos. Na verdade tudo é missão, ou melhor, tudo concorre

para que cada um cresça e enriqueça a história, na medida em que explora o que tem e o que é.

Os santos não fizeram em circunstâncias extraordinárias, nem os heróis se afirmaram em datas especiais. Foi vivendo com autenticidade o dia-a-dia que eles se construíram. Não é uma profissão badalada, nem uma posição social invulgar que define a estatura de nossa cidadania.

Não resta dúvida que o mundo precisa de estrelas que indiquem a verdadeira rota a ser percorrida pelos homens. Mas ele carece também de velas que se acendam nas noites escuras de muitas vidas, sedentas de claridade e calor. Ambas têm o seu valor e o seu mérito, mas cada uma no tempo certo e na situação devida.

É maravilhoso espetáculo noturno de estrelas cintilando. Sem elas as trevas amedrontariam o homem e o paralisariam de medo. Tolheriam passos a serem avançados na trajetória pelo tempo. São elas que apontam o lugar destinado a cada um.

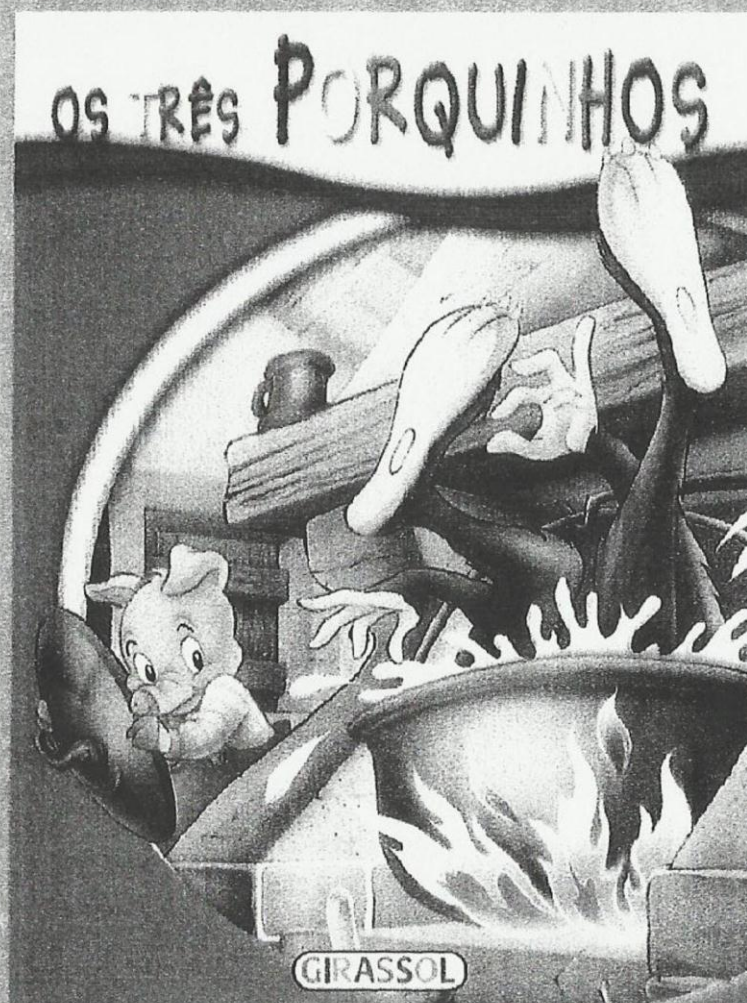
Mas não são as estrelas que retiramos de céu e trazemos para dentro de casa quando há uma pane de energia elétrica. São tocos de velas esquecidos em alguma gaveta, que apressadamente acendemos para clarear o recinto em que nos encontramos. É fraca a sua claridade, mas suficiente para não tatearmos às escuras, correndo o risco de alguma queda.

Estrelas ou velas, o importante é ninguém recusar-se a ser luz que ajude os homens a descobrirem a beleza, os caminhos ou o destino da vida.

ANEXO I

OS TRÊS PORQUINHOS, LEITURA INFANTIL

Coleção Itaú de Livros Infantis



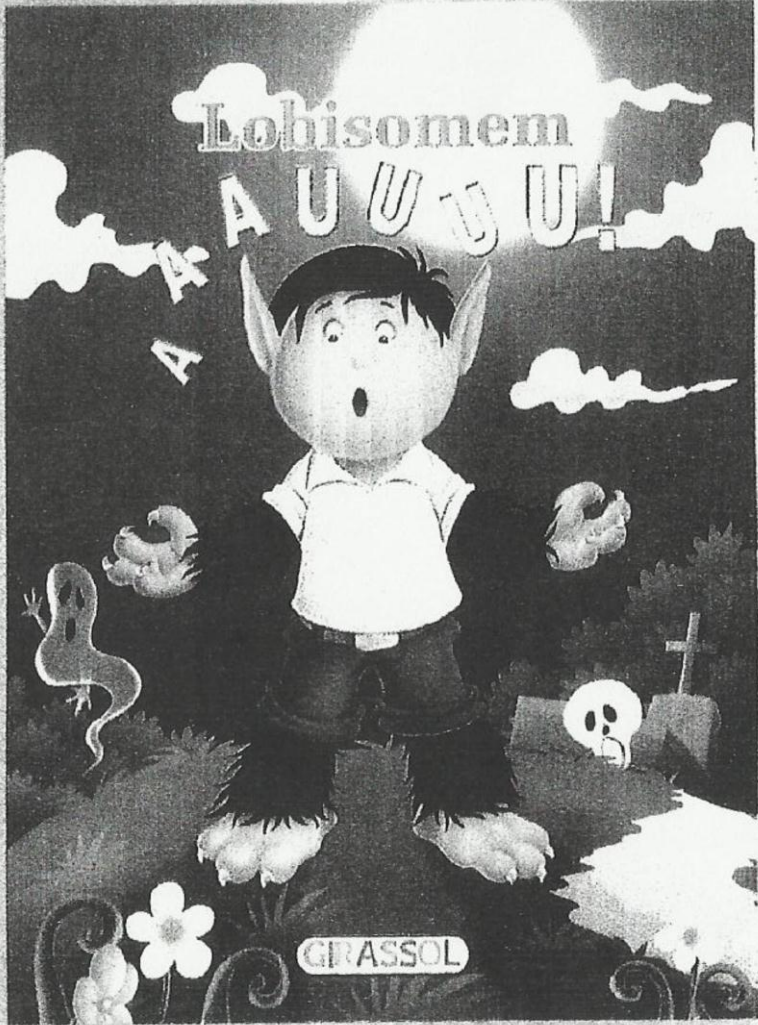
Depois de ler e reler, entregue este livro
para outra pessoa fazer o mesmo.

Fundação Itaú
Itaú Social

ANEXO J

O LOBISOMEM, LEITURA INFANTIL

Coleção Itaú de Livros Infantis



LobisOMEM
GI ASSOL

Depois de ler e reler, entregue este livro para outra pessoa fazer o mesmo.

Itaú Fundação Itaú
Social